

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

BÁRBARA DAMASCO DA SILVA

**A POLICLÍNICA DAS CRIANÇAS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO
DE JANEIRO: FILANTROPIA E SAÚDE (1909-1929)**

Rio de Janeiro

2015

BÁRBARA DAMASCO DA SILVA

**A POLICLÍNICA DAS CRIANÇAS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO
DE JANEIRO: FILANTROPIA E SAÚDE (1909-1929)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Gisele Porto Sanglard

Rio de Janeiro

2015

BÁRBARA DAMASCO DA SILVA

**A POLICLÍNICA DAS CRIANÇAS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO
DE JANEIRO: FILANTROPIA E SAÚDE (1909-1929)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Gisele Porto Sanglard

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Prof. Dr. Renato Junio Franco

(Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense)

Prof.^a Dra. Tania Salgado Pimenta

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dr. Luiz Otavio Ferreira

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof.^a Dra. Maria Renilda Nery Barreto.

(Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do CEFET-RJ)

Rio de Janeiro

2015

Ficha catalográfica

S586p Silva, Bárbara Damasco da.

A Policlínica das Crianças da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro: filantropia e saúde (1909-1929) / Bárbara Damasco da Silva. – Rio de Janeiro: s.n., 2015.

100 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2015.

1. Serviços de Saúde da Criança. 2. Assistência Integral à Saúde. 3. Filantropia.

CDD 362.7

À minha mãe, Ângela.

AGRADECIMENTOS

Não seria capaz, não sei por uma memória deficitária, ou mesmo pelo pouco espaço que disponho aqui, de mencionar todos aqueles que me auxiliaram durante os anos do mestrado. Contudo, não posso deixar de agradecer aqueles que estiveram envolvidos quase que diariamente nesse processo.

Minha orientadora Gisele Sanglard, pela oportunidade desde a bolsa de iniciação científica entre 2009 e 2011 na COC/FIOCRUZ, enquanto era graduanda na Universidade Federal Fluminense. Por ter me orientado pelos caminhos da História das Ciências e da Saúde, por ter apresentado esse caminho, que hoje faço meu. Pela paciência de todos esses anos. Pela amizade e humanidade com a qual me tratou. Por ter respeitado as minhas escolhas. Esse trabalho também é seu, e sem você ele, certamente, não existiria.

Ao professor Luiz Otávio Ferreira, por ter orientado inicialmente esse trabalho e por enxergado aquilo que não fui capaz. Aos professores: Renato Franco e Tânia Pimenta, pelas ideias, por terem aceitado participar desse trabalho, pelo carinho e gentileza dos momentos em que estivemos juntos.

Aos queridos: Paulo, Maria Cláudia que são exemplos de eficiência e carinho, sem vocês a vida teria sido mais difícil. Ao Deivison “Chris”, amigo querido salvador das cópias, que vai sempre morar no meu coração. Sandro Hilário, que me ajudou nos momentos mais difíceis e foi incentivo para chegar ao final dessa empreitada, sua gentileza salva vidas.

Carolina Maíra, pela paciência de todos esses anos, pelas muitas conversas que dispensavam as palavras, por não me deixar desistir. A Evelin Reginaldo por brindar a vida com a alma da grande artista que é. A Fernanda Mezzavilla, minha amiga de muitos anos, pelo carinho, incentivo e confiança, por ter compreendido minha ausência. Meu grande amigo Adriano Ribeiro Paranhos, que me acompanha desde antes da UFF, que sempre esteve do meu lado, e que nem por um instante deixou de acreditar em mim. Ao querido amigo Alex Santos, que tornou meus dias tristes e cheios de preocupação em alegres e repletos de amor.

A Renata, Alexandre, Marcelle, Aline, Carla e Welton por serem os melhores amigos do mundo. Por terem estado comigo antes e durante os anos do mestrado, por sempre terem acreditado em mim, muito mais do eu mesma, por terem compreendido minha ausência. A vocês todo meu amor. Obrigada, por serem o presente da vida, e na vida presentes.

Aos amigos da turma do mestrado/doutorado, especialmente: Fernanda Araújo, André Patrasso, Lucas Lolli, Giulia Engel, Aline Maisa, Lorena Ribeiro, Júlio Paixão, Danielle Sanches, essa turma foi um grande encontro que possamos estar juntos muitas vezes e celebrar a vida. Obrigada, por todos os encontros acadêmicos ou não.

À Fundação Oswaldo Cruz por ter financiado esse trabalho.

Finalmente, a Angela Moreira Damasco, minha mãe, que para que eu pudesse realizar meus sonhos, por muitas vezes abdicou dos dela. Que suportou todas as minhas crises para realizar esse trabalho. Que me apoiou em tudo. Pelo amor. Obrigada por ser a vida.

A todos vocês, meu muito obrigada!

A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre eles.

Marc Bloch

RESUMO

O presente trabalho analisa a trajetória de José Carlos Rodrigues, concentrando-se nos estudos da filantropia praticada nas primeiras décadas da Primeira República, dialogando assim com os estudos sobre a filantropia, notadamente aquela voltada à saúde que estão em expansão no país. Neste trabalho serão analisadas suas ações em prol da assistência às crianças pobres que culminou na construção da Policlínica das Crianças, em 1909.

Uma das características deste período aqui estudado foi o aumento da preocupação com a assistência à infância, dessa forma este trabalho conjuga essas duas temáticas: a trajetória de José Carlos Rodrigues e sua ação benemérita. Analisaremos como essa obra se inseriu no conjunto de estabelecimentos dedicados à assistência à infância da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Este trabalho faz também uma análise da assistência à infância, que se desenrola com base na obra benemérita de José Carlos Rodrigues, a Policlínica das Crianças, obra de iniciativa do filantropo que foi doada à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Desta forma, a filantropia praticada por José Carlos será analisada para entendermos como essa prática acontecia nesse período. Outra temática analisada pela dissertação é a assistência à infância disponibilizada pela Irmandade da Misericórdia, de qual maneira o serviço oferecido pela Policlínica das Crianças se diferenciava dos demais estabelecimentos que a própria irmandade mantinha.

Palavras-chave: filantropia; José Carlos Rodrigues; assistência à infância; Primeira República; Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro; Policlínica das Crianças.

ABSTRACT

This paper analyzes the trajectory of José Carlos Rodrigues, focusing on philanthropy studies practiced in the first decades of the First Republic, and dialoguing with studies of philanthropy, especially those focused on health that are expanding in the country. This work will be analyzed their actions in support of assistance to poor children that culminated in the construction of the Polyclinic of the Child, in 1909.

One of the characteristics of this period studied here was the increased concern about the childcare thus this work combines these two themes: the path of José Carlos Rodrigues and his meritorious action. We will analyze how this work was inserted in the set of establishments dedicated to childcare the Holy House of Murcy of Rio de Janeiro.

This paper also makes an analysis of the childcare, which takes place on the basis of meritorious work of José Carlos Rodrigues, the Polyclinic of Children, Philanthropist initiative work that was donated to the Holy House of Mercy of Rio de Janeiro. Thus, philanthropy practiced by José Carlos will be analyzed to understand how this practice happened in that period. Another issue considered by the search is childcare provided by the Brotherhood of Mercy, which way the service offered by the Children's Polyclinic differed from the other establishment Brotherhood of Mercy sustained.

Keywords: Philanthropy; José Carlos Rodrigues; Childcare; First Republic; Holy House of Mercy of Rio de Janeiro; Children's Polyclinic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1: José Carlos Rodrigues, página 21.
- Figura 2: José Clemente Pereira, página 46.
- Figura 3: Hospital Geral, página 48.
- Figura 4: Cemitério de São Francisco Xavier, página 49.
- Figura 5: Hospital Geral – Pharmacia de reserva, página 50.
- Figura 6: Hospital Geral – Amphitheatro de operações, página 51.
- Figura 7: Projeto para Casa dos Expostos, página 53.
- Figura 8: Casa dos Expostos – Em 30 de maio de 1908(1), página 55.
- Figura 9: Casa dos Expostos – Em 30 de maio de 1908(2), página 55.
- Figura 10: Recolhimento das órfãs e das desvalidas de Santa Thereza – Entrada, página 58.
- Figura 11: Recolhimento das órfãs e das desvalidas de Santa Thereza – Fachada, página 58.
- Figura 12: Recolhimento das órfãs e das desvalidas de Santa Thereza – Capela, página 58.
- Figura 13: Instituto Pasteur, página 60.
- Figura 14: Asilo da Misericórdia – Entrada, página 61.
- Figura 15: Asilo de São Cornélio, página 62.
- Figura 16: Esboço do Hospital de Crianças, página 69.
- Figura 17: Fernandes Figueira, página 85.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tabela de precedentes históricos – Provedores, página 34.

Tabela 2: Receita e despesa, página 56.

Tabela 3: Tabela de precedentes históricos – Benemérito, página 63.

Tabela 4: Listagem de subscrição de criação da Policlínica das Crianças, página 73.

LISTA DE SIGLAS

AN- Arquivo Nacional.

BN- Biblioteca Nacional.

COL. JCR- Coleção José Carlos Rodrigues.

FMRJ- Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

HNA- Hospício Nacional de Alienados.

IHGB- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

IHI- Inspetoria da Higiene Infantil.

IOC- Instituto Oswaldo Cruz.

RIHGB- Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

SCMRJ- Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – José Carlos Rodrigues: filantropo ou reformador social?	7
1.1 – Conceitos e caminhos.....	8
1.2 - Espaço de experiência.....	13
1.3 - Estados Unidos e Grã-Bretanha.....	17
1.4 - De volta ao Brasil (1890-1915).....	21
Capítulo 2 – A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e a assistência à Infância	32
2.1 – Assistência à infância no Rio de Janeiro.....	35
2.2 – A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.....	40
2.2.1 – Hospital Geral.....	47
2.2.2 – Casa dos expostos.....	52
2.2.3 – Recolhimento das Órfãs – Recolhimento de Santa Thereza – Recolhimento das Órfãs de Santa Thereza.....	56
2.2.4 – Hospício de Pedro II.....	59
2.2.5 – Instituto Pasteur.....	60
2.2.6 – Asilo da Misericórdia.....	61
2.2.7 – Asilo de São Cornélio.....	61
2.3 – A Policlínica das Crianças.....	64

Capítulo 3 – A Policlínica das Crianças	66
3.1 – O projeto e a obra da construção da Policlínica.....	67
3.2 – A Policlínica na imprensa.....	78
3.3 – Fernandes Figueira- Breve apreciação biográfica.....	85
3.4- Conjugação de ideias.....	91
Considerações finais	92
Bibliografia e Fontes	95

INTRODUÇÃO

Em 09 de maio de 1909 foi inaugurada, no Rio de Janeiro, a Policlínica das Crianças da Santa Casa da Misericórdia carioca (SCMRJ), construída graças ao empenho de seu idealizador e principal filantropo José Carlos Rodrigues (1844-1923). A pesquisa que desenvolvemos é a análise de sua ação filantrópica, no intervalo de tempo que compreende os anos de 1890 a 1929. O recorte cronológico abrange o período no qual esta personagem volta a morar no Brasil depois de uma longa temporada no exterior, entre Nova York e Londres, até o ano de 1929, que compreende os primeiros anos de funcionamento da Policlínica das Crianças. Durante os 25 anos em que permaneceu no Brasil, José Carlos Rodrigues foi diretor-proprietário do *Jornal do Commercio* – principal veículo de imprensa no país. É durante esse período que ele usa sua articulação social para empreender sua obra benemerita: *a Policlínica das crianças¹ ou Hospital José Carlos Rodrigues²*, voltada ao atendimento de crianças pobres e cuja administração foi entregue por ele à Irmandade da Misericórdia carioca.

O campo de estudo da filantropia está em crescimento e cada vez mais trabalhos relativos a esse tema estão disponíveis³. Nesta dissertação analisaremos a trajetória de José Carlos Rodrigues, figura da sociedade carioca, enfatizando sua filantropia, cujo resultado foi a abertura do primeiro hospital voltado à infância da SCMRJ. Será feita conjuntamente a análise da própria filantropia na medida em que analisaremos a filantropia praticada por ele. A abordagem escolhida, além de discutir a questão da ação benemerente desta personagem voltada à infância, procura entender o significado desta instituição no conjunto das obras de caridade exercidas pela Misericórdia carioca naquele momento. Ressalte-se que, em 1909, a

¹ O termo que será utilizado é Policlínica das Crianças, porque durante o período de funcionamento era dessa forma que ela era chamada. Posteriormente passou a ser chamado de Hospital José Carlos Rodrigues em um período que não conseguimos determinar.

² In: História da Saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958) Orgs.: Ângela Pôrto, Gisele Sanglard, Maria Rachel Fróes da Fonseca, Renato da Gama-Rosa Costa. Editora Fiocruz, 2008.

³ Ver: CAVALLO, Sandra. *Charity, power and patronage in eighteenth-century Italian hospitals: the case of Turin*. In: GRANSHAW, Lindsay; PORTER, Roy. *The Hospital in History*. Routledge London and New York, 1989; HORNE, Janet R. *A social laboratory for modern France*. Duke University Press, 2001; SANGLARD, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro – 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008; SANGLARD, Gisele, FERREIRA, Luiz Otávio. *Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República*. In: VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, vol.26, nº44: p.437-459, jul/dez 2010; VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *Pobreza e assistência no Rio de Janeiro na Primeira República*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol.18, supl.1, dez 2011, 179-197; FREIRE, Maria Martha de Luna; LEONY, Vinícius da Silva. *A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930)* História, Ciência e Saúde- Manguinhos. Dez 2011; SANGLARD, Gisele, FERREIRA, Luiz Otávio. *Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920)*. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 71-91, janeiro-junho de 2014.

Policlínica das Crianças se tornaria a quarta⁴ instituição de saúde administrada pela Irmandade da Misericórdia, sendo, contudo, a primeira voltada exclusivamente à saúde da criança, mais exatamente os cuidados com o corpo da criança.

O Rio de Janeiro, que José Carlos Rodrigues encontra na sua volta, entre a virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX, vivenciava uma série de mudanças no perfil social e urbano, a começar pela Abolição da Escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889.

O Brasil, nas duas primeiras décadas do século XX caracterizava-se por mudanças significativas nos costumes e hábitos, mudanças essas que já eram observáveis desde o final do século XIX, contudo com a chegada do século XX tais modificações se avivaram⁵. O início do século XX no campo da assistência é caracterizado pela nova interpretação dos papéis sociais que encontrou o espaço para a defesa de suas ideias nos Congressos nacionais e internacionais de Assistência Pública e Privada. Nestes encontros, médicos e filantropos debatiam e propunham ações para solucionar os problemas da área da saúde⁶. No Brasil, a Primeira República vai ser caracterizada pelas resoluções do 1º Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada, que aconteceu em 1908 no Rio de Janeiro, no âmbito da Exposição Nacional, em comemoração ao Centenário da Abertura dos Portos no Brasil, e possibilitam o entendimento dos questionamentos que mais foram discutidos por médicos e filantropos, dentre eles: infância, assistência hospitalar e de urgência. É este cenário do Rio de Janeiro da *Belle Époque*, em que a elite da sociedade carioca estava concentrada na eliminação do atraso e buscavam incorporar o “novo” em busca do progresso e da ordem.

É, justamente, neste período da história em que está pesquisa está inserida. Ao estudar a filantropia no Brasil nas primeiras décadas do século XX, a partir do estudo das motivações de um benfeitor à saúde na cidade do Rio de Janeiro durante a Primeira República, procuramos melhor compreender a relação da elite com a Misericórdia, com a manutenção de hospitais e, por fim, a assistência à infância existente a época.

⁴ Eram elas: o Hospital Geral, datado do século XVI; e os Hospícios N. Sra. da Saúde e São João Batista da Lagoa. Estas duas instituições remontam à abertura do novo cemitério no Caju, em 1851. A licitação levada a cabo pelo ministério do Império obrigava a quem a vencesse de abrir três enfermarias em locais predeterminados: a primeira delas em 1852 (S. João Batista da Lagoa); e 1853, N. Sra. da Saúde e N. Sra. do Socorro, esta voltada à população da freguesia de S. Francisco Xavier do Engenho de Dentro (abrangia os atuais bairros de S. Cristóvão e Caju. As três começaram de forma intermitente, alternando momentos de abertura e fechamento, até que, a partir da década de 1870, as três já se encontravam em funcionamento como Hospício. Cf. PORTO, A. et al. *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; 2008.

⁵ Nos deteremos mais neste assunto ao longo da dissertação.

⁶ SANGLARD, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro – 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

O próprio hospital está inserido nesse cenário de mudanças – com o surgimento de novas tecnologias e novas especialidades, como a pediatria e a puericultura que no Rio de Janeiro iniciam em 1883 com a criação da cátedra de pediatria na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cujas aulas práticas aconteciam no Hospital Geral da SCMRJ.⁷ A investigação de como Santa Casa de Misericórdia se manteve, como a maior oferta de serviços públicos de assistência à saúde, nesse cenário e o que ela representa é mais uma peculiaridade da investigação proposta nesse trabalho.

O início do século XX marca o momento em que a assistência materno-infantil adquire mais espaço no que tange à assistência hospitalar no país. Existe também uma escassez de trabalhos que privilegiem essa averiguação. É objetivo desse trabalho ampliar os estudos de filantropia no Brasil na Primeira República. Estaremos nos ancorando nos estudos de Sandra Cavallo acerca da motivação dos filantropos e da necessidade que a aristocracia (aqui entendida como a elite) possuía de controlar e amparar a pobreza⁸.

Apesar de o estudo da pobreza não fazer parte do escopo de análise desta dissertação, estaremos entendendo, conforme o trabalho de Gisele Sanglard e Luiz Otávio Ferreira, que o projeto de assistência de Fernandes Figueira, diretor da Policlínica das Crianças e, a partir de 1921, diretor da Inspetoria de Higiene Infantil – órgão do Departamento Nacional de Saúde Pública dedicado à saúde da criança –, voltava-se, sobretudo, aos filhos do trabalhador pobre. Para os autores,

do total de 2.274 pais anotados [no inquérito da IHI em 1922], 63% eram operários e empregados no comércio. Os outros 37% eram formados por diversas categorias profissionais. Chama a atenção um pequeno grupo (1,45%) de pais profissionais liberais cujos filhos receberam algum tipo de atendimento na IHI: advogados, acadêmicos, dentistas, engenheiros, músicos, proprietários, agrimensores, imprensa, professores, atores, médicos e farmacêuticos. Nota-se ainda a presença de um pai que se declarou lavrador (*Assistência*, 1922: 740).

A grande presença de pais operários corrobora a afirmação que fizemos de que a proposta de assistência à infância de Fernandes Figueira estava direcionada para o filho do trabalhador pobre, notadamente o operário.⁹

⁷ SANGLARD, Gisele, FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. In: VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, vol.26, nº44: p.437-459, jul/dez 2010.

⁸ CAVALLO, Sandra. *Charity, power and patronage in eighteenth-century Italian hospitals: the case of Turin*. In: GRANSHAW, Lindsay; PORTER, Roy. *The Hospital in History*. Routledge London and New York, 1989.

⁹ SANGLARD, Gisele, FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 71-91, janeiro-junho de 2014, p. 84.

Como se verá ao longo desta dissertação, a escolha do terreno onde se localizaria a Policlínica das Crianças era justamente estar próxima à pobreza. Para Gisele Sanglard e Luiz Otávio Ferreira, a singularidade da freguesia de São Cristóvão onde ela se instalou,

era a presença de pequenas fábricas de tecido, o que indicava que o público que frequentava a instituição era formado por trabalhadores pobres dessas fábricas. Apesar de a Policlínica estar perto da freguesia de Sant'Anna, uma das mais pobres da cidade, e da Praça Onze, região que recebeu grande contingente de expulsos da Reforma de Pereira Passos, a maioria das crianças atendidas morava na região que compreendia os atuais bairros da Cidade Nova, Rio Comprido, Praça da Bandeira, São Cristóvão, Santo Cristo e Tijuca. É certo que a Policlínica recebia também crianças da Praça Onze e de bairros mais distantes, como Engenho de Dentro e Andaraí (Gomes, 1916). A proximidade da linha férrea da Leopoldina e de várias linhas de bonde facilitava a locomoção.¹⁰

Por fim, o que gostaríamos de salientar é que este estudo não se pretende a ser uma biografia de José Carlos Rodrigues, mas o que planejamos fazer é analisar sua trajetória na medida em que esta é importante para que possamos entender a filantropia praticada por ele; bem como a obra que benemérita que empreendeu, com ênfase do período que compreende a sua volta ao Brasil, depois de uma longa temporada fora do país. Nos interessa perceber de que maneira ele articula forças para realizar a sua obra filantrópica.

Assim, para dar corpo a este projeto, esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado “José Carlos Rodrigues: filantropo ou reformador social?” será traçado o perfil de José Carlos Rodrigues. Faremos a análise da trajetória desse benemérito carioca com o objetivo de problematizar as relações que foram estabelecidas por ele, analisando a rede de influências que ele construiu em torno de si, e o papel fundamental que essa rede possui para sua ascensão social. Serão caracterizados seus laços parentais e espaços que foram ocupados por ele na sociedade, e a influência desses fatos na sua trajetória. Verificaremos a relação de José Carlos Rodrigues com figuras renomadas da sociedade carioca como Zacarias de Góis e Vasconcelos. É neste capítulo que os limites teóricos da filantropia serão estabelecidos. Seria ele um filantropo, um reformador social ou ambos? A Irmandade da Misericórdia perpassará todos os capítulos deste trabalho, contudo, ao primeiro capítulo caberá caracterizá-la e tratar das especificidades dessa Irmandade na sociedade carioca daquele período, do caráter agregado ao fato de pertencer a ela, bem como situar José Carlos Rodrigues nessa ordem. Ao incidir a análise sobre a ação filantrópica de José Carlos Rodrigues, a

¹⁰ Idem, p. 81.

averiguação de sua articulação política se torna indispensável para que possamos investigar o perfil benemérito desse filantropo.

O capítulo seguinte “A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e a assistência à Infância” versará sobre a Assistência à Infância no Rio de Janeiro praticada pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Será feita a análise das instituições para o atendimento de crianças mantidas pela Irmandade, na qual, os estabelecimentos serão distinguidos pelo foco do atendimento prestado, sendo eles: Casa dos Expostos, criada no ano de 1738; Recolhimento das órfãs e desvalidas de Santa Thereza, criado em 1740; Hospício Pedro II, criado em 1852; Instituto Pasteur, criado em 1888; Asilo da Misericórdia, criado em 1890; Asilo de São Cornélio, criado em 1900¹¹. São essas as instituições que eram direcionadas ao atendimento de crianças existentes quando a Policlínica das crianças é criada no ano de 1909. Neste capítulo trabalharemos com a análise do tipo atendimento que a Santa Casa dedicava às crianças em seus distintos estabelecimentos e estabelecemos os elementos distintivos no que tange o tipo de atendimento oferecido pelo estabelecimento em questão, para que possamos entender o papel ocupado pela Policlínica das Crianças. Interessará analisar que assistência era praticada, qual tratamento que a infância recebia nesse período histórico. O atendimento às crianças oferecido pela Santa de Misericórdia do Rio de Janeiro é o centro da análise do capítulo.

O terceiro e último capítulo, intitulado “A Policlínica das Crianças”, analisará a Policlínica das Crianças, obra benemérita realizada por José Carlos Rodrigues, para a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Os capítulos que o precedem estabelecem elementos para que possamos entender as motivações da ação de José Carlos Rodrigues para a criação da instituição com as características que ela possuía, como as características que a própria instituição possuía. Serão considerados distintos aspectos desde a problematização da construção; a localização (que informações sua localização nos dá, quais perguntas ela responde), o projeto que foi feito (quem fez o projeto, como o fez). Mas, fundamentalmente, a instituição em si. Em seguida, averiguamos o papel de Fernandes Figueira, que foi diretor da instituição e era um reconhecido médico do período. De qual maneira esses questionamentos nos ajudam a entender o projeto de José Carlos Rodrigues, e da filantropia praticada por ele. Que papel a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, auxilia a concretização desse projeto, que não tratava unicamente da construção de uma Policlínica, mas também da legitimação dessa figura.

¹¹ FAZENDA, José Vieira. Os provedores da Santa Casa da Misericórdia. 1959.

Na conclusão, fechamos os três eixos construídos ao longo do trabalho: a filantropia exercida por José Carlos Rodrigues, o cuidado com o corpo da criança inserindo-a no rol de ações da Misericórdia carioca, e sua materialização nas ações da Policlínica das Crianças.

Capítulo 1

José Carlos Rodrigues: filantropo ou reformador social?

O primeiro capítulo deste trabalho será dedicado a traçar o percurso biográfico de José Carlos Rodrigues, procurando entender o significado de sua ação filantrópica – a construção da Policlínica das Crianças, doada para ser administrada pela irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Com o desenvolvimento deste assunto poderemos estabelecer suas redes de contato e a influência delas nas escolhas feitas por ele durante sua vida; bem como entender os elementos que foram motivadores de suas ações e as tensões que enfrentava. Para tal, construirei meu argumento centrado na perspectiva que o entenderá não apenas como um filantropo, mas como um reformador social tal como proposto pela historiadora norte-americana Janet Horne¹².

Entender a história da vida de José Carlos Rodrigues servirá a esse trabalho como elemento explicativo para compreender quais foram as bases motivacionais para a obra benemérita que ele empreendeu, a partir da perspectiva analítica proposta pela historiadora Sandra Cavallo que considera importante refletir acerca da motivação dos benfeitores para que seja possível entender e analisar as ações de caridade e filantropia destes homens¹³.

Este capítulo está dividido em quatro partes: a primeira parte irá discutir os conceitos fundamentais para a construção da imagem de José Carlos Rodrigues que pretendemos analisar, quais sejam: caridade, filantropia e reformador social. Ao identificarmos como um reformador social e não como um filantropo, estabelecemos características distintivas entre ambos.

Na segunda parte analisaremos o percurso de José Carlos Rodrigues até o ano de 1860, ano em que deixa o Brasil rumo aos Estados Unidos. Caberá a esta parte do trabalho estabelecer seus laços parentais, de amizade e demais rede de contato que ele tenha estabelecido para ponderação; bem como situá-lo na sociedade até o período acima mencionado. Será feita a análise do espaço de experiência que foi ocupado por ele.

¹² HORNE, Janet R. *A social laboratory for modern France*. Duke University Press, 2001.

¹³ CAVALLO, Sandra. *Charity, power and patronage in eighteenth-century Italian hospitals: the case of Turin*. In: GRANSHAW, Lindsay; PORTER, Roy. *The Hospital in History*. Routledge London and New York, 1989.

O terceiro item do capítulo corresponde ao período sequencial e tratará dos anos de 1860 até 1890, que corresponde ao ano em que ele deixa o Brasil e passa a viver nos Estados Unidos da América de lá se muda para a Grã-Bretanha, local em que permanece até regressar para o Brasil, no ano de 1890. Neste período atua como tradutor, jornalista e algumas situações como intermediário do governo brasileiro, é neste momento que funda o periódico *O Novo Mundo - periódico ilustrado do progresso da idade*, que foi impresso durante a década de 1870, o qual evidenciado no decorrer do capítulo. Caberá a esta parte a investigação a atuação de José Carlos Rodrigues como jornalista, como correspondente que acontece intensamente nesse período. E evidencia a perspectiva dele como um reformador social, tendo em vista a numerosa rede de contatos que ele acumula e movimenta durante toda a sua trajetória.

A parte final do capítulo analisará a trajetória de José Carlos Rodrigues que em sua volta ao Brasil adquire o *Jornal do Commercio* e se estenderá até o ano de 1915, ano que ele deixa a direção do periódico e retorna à Europa a fim de cuidar de problemas de saúde. Este item analisará o retorno dele, bem como os elementos que possibilitaram sua ascensão meteórica na sociedade brasileira do período. Estudaremos a entrada de José Carlos Rodrigues nas associações e clubes sociais dos quais foi integrante, qual papel ocupava nesses locais, qual influência exercia, fundamentalmente, sua área de atuação.

1.1 Conceitos e caminhos:

Para o desenvolvimento deste capítulo, alguns conceitos são importantes: como o de filantropia, caridade e reformador social. Outro conceito que deve ser explicitado é o de biografia histórica, no qual este capítulo estará centrado.

A discussão entre caridade e filantropia, sobretudo aquela voltada para a assistência à saúde, vem sendo discutida na Europa desde a década de 1980 e tem como um dos expoentes a historiadora italiana, radicada em Londres, Sandra Cavallo¹⁴. Outro nome importante para este

¹⁴ Idem.

CAVALLO, S. *Charity and Power in Early Modern Italy: benefactors and their motives in Turin, 1541-1789*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

tema é o da historiadora francesa Catherine Duprat¹⁵. No Brasil, sobressaem os trabalhos de Gisele Sanglard¹⁶.

Tanto a caridade quanto a filantropia são entendidas como uma obra que auxilia os mais pobres. O que as diferencia é de um lado, o temor a Deus ou o cumprimento de um mandamento divino, para a primeira; e de outro, o prestígio social atrelado à ação e a crença de estar sendo útil à sociedade – *utilidade social*, para nos atermos ao conceito cunhado pela autora e que remete ao período da Ilustração¹⁷.

Sandra Cavallo ao estudar a caridade na cidade italiana de Turim na época Moderna, chama atenção para um ponto importante para nossa análise: a caridade pode exercer um papel importante no relacionamento intraclasse¹⁸ e deve ser compreendida como uma política entre elites¹⁹.

Gisele Sanglard chama atenção para o caráter urbano da filantropia, o que permite a autora afirmar que este tipo de ação, a abertura de hospitais filantrópicos e a organização filantrópica, necessitam da vida urbana para ocorrerem. Mas sobretudo a autora considera a ação filantrópica e a sociabilidade que a envolve como uma característica da sociedade da Primeira República brasileira²⁰.

Se o conceito ilustrado permite entendermos a filantropia e distingui-la da caridade, o conturbado século XIX traz um novo conceito: o de *reformador social*. O crescimento dos movimentos socialistas e as sucessivas greves operárias que varreram a Europa na segunda metade do século XIX, viu surgir na França da IIIa República um outro conceito que também é importante para construir a imagem de José Carlos Rodrigues: o de *reformador social* – como os atores sociais se auto definiram. Os reformadores sociais do final do século XIX se opunham aos filantropos por não mais pensarem os pobres, mas sim o trabalhador pobre – aquele que não conseguiu sustentar a si e a sua família com o salário recebido. Estes *reformadores sociais* dirigiam seu capital social, político e financeiro para a minimização causada pelos males da pobreza urbana na vida deste grupo em particular. Estes indivíduos estiveram envolvidos no

¹⁵ DUPRAT, C. *Usage et Pratiques de La Philantropie: pauvreté, action sociale et lien social à Paris, au cours du premier XIX siècle*. Paris: Comité d’Histoire de la Sécurité Sociale, 1996. V. 1,2.

¹⁶ SANGLARD, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro – 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

¹⁷ DUPRAT, Apud SANGLARD: *Entre os salões e o laboratório*. op. cit.

¹⁸ CAVALLO, Sandra. Charity, power and patronage in eighteenth-century Italian hospitals: the case of Turin. In: GRANSHAW, Lindsay; PORTER, Roy. *The Hospital in History*. Routledge London and New York, 1989.

¹⁹ CAVALLO, S. *Charity and Power in Early Modern Italy: benefactors and their motives in Turin, 1541-1789*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

²⁰ SANGLARD, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro – 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

debate da reforma social na França da virada do século XIX para o século XX. Pretendiam, assim, alcançar a *paz social* no conturbado e agitado final de século XIX francês²¹.

Ressalte-se que um reformador social é também um filantropo, na medida em que ele empreende obras beneméritas. Contudo, ele age de forma diferenciada, na medida em que envolvia os cidadãos na formação de um novo discurso público sobre os indivíduos, em um contexto industrial moderno de sociedade²².

É a partir destes três conceitos que irei trabalhar a ação de José Carlos Rodrigues. Entretanto, antes de começar a trabalhar a personagem devo deixar claro como estou construindo a sua biografia e qual o uso que dela farei.

No que tange ao uso da biografia como discurso historiográfico, devo fazer uma breve digressão, para podermos entender os discursos construídos sobre nossa personagem. Sabina Loriga chama atenção que os historiadores do XIX se dedicaram “em valorizar no homem suas capacidades criadoras e seu potencial de ação”²³. De certa medida, este tipo de discurso está presente nas biografias e nos necrológicos de nossa personagem.

Para esta autora, a biografia deve conceber

o singular como um elemento de tensão; indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas sociais...²⁴

Contudo, não é do interesse deste trabalho fazer uma biografia exaustiva de José Carlos Rodrigues, apenas iluminar alguns pontos de sua trajetória de vida que serão importantes para nosso argumento. Sua biografia será reconstruída na medida em que fornecer subsídios para entendermos sua trajetória pessoal; bem como sua obra profissional e benemérita, bem como os elementos que relacionam todos esses aspectos a seu sucesso. Podemos assim, estabelecer um paralelo entre os contatos que possuía e sua ação benemerente. Para, além disso, caberá também investigarmos de qual maneira e quais aspectos da trajetória de José Carlos Rodrigues foram motivadores para a obra de assistência à infância carente que ele realizou, qual teria sido a motivação dessa obra, o que teria motivado o filantropo.

²¹ HORNE, Janet R. *A social laboratory for modern France*. Duke University Press, 2001

²² *Ibidem*.

²³ LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Org.: REVEL, Jacques. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.:235.

²⁴ *Ibidem*, p.249.

Existem poucas biografias conhecidas de José Carlos Rodrigues. A primeira foi publicada em 1944 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em ocasião das comemorações do centenário de nascimento de nossa personagem, instituição da qual ele era sócio, por Elmano Cardim, à época diretor-proprietário do *Jornal do Commercio*²⁵. A segunda foi escrita pelo jornalista e acadêmico Cícero Sandroni, cerca de 70-80 anos após a primeira e vincula-se a dois momentos distintos: de um lado a publicação, em 2007, de um livro dedicado aos 180 anos do *Jornal do Commercio*²⁶, e de outro, ao convite para escrever o verbete *José Carlos Rodrigues* no Dicionário da Política Republicana do Rio de Janeiro, publicado em 2014 pelo CPDOC/FGV²⁷. Em março foi defendida a tese de Julia Ribeiro Junqueira, *José Carlos Rodrigues: um interlocutor privilegiado nos bastidores do poder (1867-1915)*, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na qual a autora procura reconstruir a trajetória desta personagem a partir de sua rede de sociabilidade, procurando evidenciar a atuação política de José Carlos Rodrigues (Junqueira, 2015).

Em sua tese, Julia Junqueira informa-nos que os trabalhos de Elmano Cardin (1944) e Cícero Sandroni (2007 e 2014) foram inspirados no documento *Despedidas do Dr. José Carlos Rodrigues da direção do Jornal do Commercio* publicado em 1915 pelo próprio Jornal do Commercio, ano de seu desligamento daquele periódico, e depositada na coleção Christopher Oldham/Fundação Biblioteca Nacional. Para a autora, José Carlos Rodrigues opera, com maestria, a equação do *lembrar e esquecer*, com silenciamentos propositais. Para ela, o

artifício do qual José Carlos Rodrigues apropriou-se e que soube articular argutamente em seu discurso de despedida daquele órgão carioca, narrando apenas as passagens de sua história de vida que gostaria de ressaltar nos seus setenta anos vividos até a data do mês de maio de 1915. Ali, no salão nobre do Jornal do Commercio, diante de seus colegas de redação e demais funcionários, com palavras bem sobrepostas, o fluminense encaminharia as linhas que o caracterizariam como um ilustre brasileiro²⁸.

²⁵ CARDIM, Elmano. “José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra.” *RIHGB*, Rio de Janeiro, (185): 126-157, out./dez., 1944.

²⁶ SANDRONI, Cícero. 180 anos do Jornal do Commercio – 1827-2007: de D. Pedro I a LuizInácio Lula da Silva . Rio de Janeiro: Quorum Editora, 2007.

²⁷ SANDRONI, Cícero. *Op. cit.*; SANDRONI, Cícero. “José Carlos Rodrigues” IN: Dicionário da política republicana do Rio de Janeiro/ Coords. Alzira Alves de Abreu, Cristiane Jalles de Paula; assistente de pesquisa Juliana Gagliardi de Araújo. – Rio de Janeiro: Editora FGV; Cpdoc, 2014.

²⁸ JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. *José Carlos Rodrigues: um interlocutor privilegiado nos bastidores do poder (1867-1915)*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: tese de doutoramento em História, 2015. p. 27.

Compreendo que biografias pressupõem escolhas, daqueles que se dedicaram a narrar uma trajetória²⁹, podemos afirmar que José Carlos Rodrigues fez suas escolhas e cristalizou-as nos trabalhos subsequentes sobre ele. Desta forma, meu esforço será de problematizar sua ação filantrópica, faceta que passa despercebida ou não é relevante para a imagem de *self made man* que Elmano Cardim constrói ou do jornalista engajado proposto por Cícero Sandroni, ou no trabalho de Charles Gauld ([s.d.]). Para Julia Junqueira:

Deste modo, é perceptível que em muitas dessas abordagens biográficas — narrativas que tinham como objeto a trajetória de vida de José Carlos —, independente de terem sido realizadas por seus biógrafos ou contemporâneos do jornalista, havia a intenção de ressaltar o cantagalense como um mecenas, um protetor das artes, um homem de letras, um cristão, um financista e economista, um estudioso da bíblia e um indivíduo que, apesar das proximidades com o poder, nunca aceitara um cargo público nem eletivo. Portanto, para aqueles escritores e colegas de profissão, nada seria mais justo que o elevar como um ilustre³⁰

Com relação ao texto de Cardin é preciso fazer uma ressalva. Ele foi lido e publicado com homenagem póstuma à José Carlos Rodrigues no IHGB. O gênero biográfico no IHGB, como ressalta Maria da Gloria de Oliveira, foi característico do século XIX e “confundia-se com a tarefa historiográfica em seu propósito fundamental de arrancar do esquecimento os nomes e os feitos dos que honraram e serviram à nação”³¹. Se tal foi o uso da biografia na instituição naquele século, já no período posterior, como Ângela de Castro Gomes chama atenção, houve uma alteração nos cânones do “fazer história” no âmbito do instituto, “redirecionado os debates sobre a produção da história e memória nacionais”³². Novas datas, eventos, vultos deviam ser incorporados para ajudarem a contar a história nacional. E como Gisele Sanglard afirmou, nesse “processo, a biografia mantém seu papel importante na salvaguarda da memória nacional”³³. É nesse sentido que se deve entender o texto de Elmano Cardin sobre José Carlos Rodrigues.

²⁹ LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia” IN: FERREIRA, Marieta de Moraes et AMADO, Janaina (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 5ª. ed.; 2002. p. 182.

³⁰ JUNQUEIRA, op. cit., 29-30.

³¹ OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga; MOLLO, Helena Miranda; et BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro (orgs). Caderno de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual. Ouro Preto: EdUFOP, 2011. p. 161.

³² GOMES, Angela de Castro. “Rascunhos de história imediata: de monarquistas e republicanos em um triângulo de cartas”. In: - ; Benito Bisso (orgs.) *Memórias e Narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009. p. 30.

³³ SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância - Rio de Janeiro, 1900-1928. IN: *Intellèctus*, ano XIII, n. 2, 2014, p. 83.

Estes trabalhos serão fontes importantes para a construção desse capítulo. Além deles, servirão de guia os trabalhos de Júlia Ribeiro Junqueira. Em seu artigo “Possibilidades e desafios na escrita de uma história de vida: a construção da biografia histórica de José Carlos Rodrigues (1867-1923)”, apresentado no 5º Seminário de História e Historiografia: biografia e história intelectual ocorrido em Ouro Preto (Minas Gerais) em 2011, a historiadora procura reconstruir a história de vida desta personagem, baseando-se no artigo de Elmano Cardim, de 1944, e em sua correspondência passiva publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional* em 1971. É a partir deste conjunto documental que a historiadora mineira procura pensar José Carlos Rodrigues, enfatizando seu ambiente de sociabilidade.

Ressalte-se que, apesar de estarmos nos debruçando sobre a mesma personagem, e com um conjunto de fontes razoavelmente parecido, voltamo-nos para a construção da biografia deste homem por razões diversas, enquanto ela dedica-se, a partir da ótica da história política, a estudar a idealização e a construção de uma época tendo como exemplo a trajetória e a sociabilidade de José Carlos Rodrigues; a nós interessa entender o papel da filantropia, e mais especificamente, da construção da Policlínica das Crianças, na teia de relações, influências e projetos a que ele se dedicava. Para nós, a reconstrução de sua biografia é apenas um dos recursos historiográficos que lançaremos mão para entender a faceta filantrópica deste homem.

E por fim, informações publicadas pela imprensa acerca dessa personagem. É no cruzamento destas fontes que construiremos o perfil biográfico de José Carlos Rodrigues procurando entender a sua motivação e as tensões que enfrentou ao criar e construir a Policlínica das Crianças e, depois, doá-la à Santa Casa da Misericórdia.³⁴

1.2 Espaço de experiência

José Carlos Rodrigues nasceu em Cantagalo, no Rio de Janeiro, no dia 19 de julho de 1844, membro de uma família oriunda da aristocracia agrária. Seu pai Carlos José Alves Rodrigues era um rico cafeicultor da região de Cantagalo no Vale do Paraíba fluminense. A mãe, Ana de Albuquerque Vidal Alves Rodrigues, faleceu aos 23 anos deixando órfãos José Carlos e sua irmã Carlota, ficando a criação de ambos a cargo de uma tia, também proveniente da aristocracia e muito abastada. Dona Joaquina Alves de Abreu Lima Paes e Oliveira, era viúva de Cipriano de Abreu Lima Pais e Oliveira, filho do Marquês de Ponte de Lima Paes e

³⁴ Esta parte será aprofundada no terceiro capítulo da dissertação.

Oliveira, ofereceu a José Carlos Rodrigues uma educação com hábitos fidalgos³⁵. Faleceu em Paris a 28 de junho de 1923.

José Carlos Rodrigues iniciou sua trajetória escolar ainda em Cantagalo, no Colégio Marinho. Seus biógrafos gostam de ressaltar que foi neste ambiente escolar que o jornalista dá os primeiros passos no jornalismo, ao fundar o jornal *Seta de Arlequim*, onde publicava junto com outros colegas. Posteriormente foi enviado por sua tia à Corte, a fim de prosseguir seus estudos no Imperial Colégio de Pedro II – berço da formação da elite imperial. É lá que aos 13 anos criou outro periódico *O Gentio*³⁶ (1857) – novamente reforçando o jornalista existente em José Carlos Rodrigues, desde tenra idade.

Em 1860, parte para a província de São Paulo para estudar direito na Faculdade de Direito de São Paulo. Segundo seus biógrafos, lá presidiu a associação de estudantes Ateneu Paulistano e era um aluno que se destacava por seu empenho possuía o reconhecimento dos seus colegas. Cícero Sandroni chama atenção que José Carlos Rodrigues fora contemporâneo de Campos Salles e Rangel Pestana na Faculdade do Largo de São Francisco e foi fortemente influenciado por um de seus professores, o conselheiro João da Silva Carrão, uma das lideranças do Partido Liberal paulista³⁷.

Cícero Sandroni³⁸ ainda aponta que desde os anos finais do curso de Direito, José Carlos Rodrigues já era colaborador do *Correio Mercantil*, órgão oficial do Partido Liberal, publicado na Corte e dirigido por Francisco Otaviano. Se ao jornalista e acadêmico interessa reforçar sua ligação, quase teleológica, com o jornalismo, a nós interessa marcar sua proximidade com o Partido Liberal.

A partir do que vimos até agora, podemos afirmar que duas instituições das mais conceituadas do Império, como o Imperial Colégio Pedro II e a Faculdade de Direito de São Paulo constavam do currículo de José Carlos Rodrigues. Ele estava inserido na elite do período,

³⁵ CARDIM, op. cit., 1944; e SANDRONI, op. cit., 2007.

³⁶ Constam da *Hemeroteca digital* duas edições da publicação, e José Carlos Rodrigues escreveu para ambas. Na primeira edição José Carlos Rodrigues dedica seu texto a uma análise do que é a *Academia*, nos moldes gregos e para tal faz um apanhado filosófico, breve (O Gentio – Título: Academia - Autor: José Carlos Rodrigues- Ano: 1, Nº: 1). A edição com um texto que é uma espécie de chamado para os jovens, quanto ao seu posicionamento na sociedade. A segunda edição também conta com um texto de Rodrigues intitulado O'Connell, em que analisa o próprio O'Connell, paralelamente a sua observação em torno das questões entre a Inglaterra e a Irlanda (O Gentio – Título: O'Connell –Autor: José Carlos Rodrigues - Ano:1, Nº2).

³⁷ SANDRONI, op. cit., 2014.

³⁸ Idem.

naquilo que ela tinha de mais sofisticado e naquilo que a unificava³⁹. E do ponto de vista político-ideológico, vinculava-se aos *Luzias*, como eram denominados os liberais no Império⁴⁰.

Depois de formado (1864) retornou para o Rio de Janeiro a conselho de José da Silva Costa, colega da Faculdade de Direito com quem trabalhou na *Revista Jurídica* – este por ser mais velho era o diretor, e ele, redator. É nesta época que segundo Charles Gauld, em carta publicada em 1953 no *Jornal do Commercio* e posteriormente publicada por E. Simões de Paula na *Revista de História da USP* em data não identificada, o jovem advogado teria conhecido George W. Chamberlain com quem teria tomado aulas de inglês⁴¹.

Ainda em 1864, foi convidado por um antigo professor, o conselheiro João da Silva Carrão, que integrava o último gabinete do marquês de Olinda exercendo o cargo de ministro da Fazenda, para atuar como seu oficial de gabinete (1865-1866). Durante este período atuou como advogado no escritório do conselheiro Zaccharias de Góis e Vasconcelos. Sendo essa uma das mais significativas relações que ele constrói durante sua vida.

Zaccharias de Góis e Vasconcelos (1815-1877) foi uma figura que ocupou expressivos espaços na sociedade. Ele nasceu em Recife se formou bacharel em direito e atuou como deputado, variados mandatos, presidente de províncias, presidente do conselho de ministros e como senador, até seu falecimento em 1877. É ele quem sucede o gabinete do marquês de Olinda, quando este cai em 1866 – chefiando o ministério do Império entre 1866 e 1868.

A atuação de José Carlos Rodrigues como advogado no escritório de Zaccharias de Góis e Vasconcelos sinaliza para uma frutífera relação. Ao assumir o ministério do Império, o conselheiro Zaccharias de Gois mantém José Carlos Rodrigues no cargo de oficial de gabinete. O fato de ainda ser advogado no escritório de Zaccharias de Gois gerava, à luz da legislação imperial, um *conflito de interesses*. Situação esta que foi explorada pelos opositores do gabinete Zaccharias, fazendo chegar esta informação ao ministro da Justiça, o marquês de Paranaguá. A permanência de José Carlos Rodrigues no ministério torna-se inviável. A saída no Brasil, transformada em autoexílio, é delineada neste momento.

Com o conselho e a ajuda de Zaccharias de Gois e Vasconcelos, ele deixa o país e vai para os Estados Unidos, e lá constrói uma história bem-sucedida. Muitas são dúvidas a respeito dos motivos que o teriam levado a se exilar nos Estados Unidos, e não em algum país europeu. Quem sabe a possibilidade de investir em uma sociedade, relativamente, jovem. Ou mesmo, o

³⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁴⁰ MATTOS, Ilmar R. de. *O Tempo saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004.

⁴¹ GAULD, Charles Anderson. “José Carlos Rodrigues: o patriarca da imprensa, carioca”. In: *Revista de História*, [s.d]; p. 428.

apadrinhamento de José Carlos Rodrigues, por Zaccharias de Góis e Vasconcelos⁴², tenha sido determinante para a escolha. Contudo, as fontes coligidas não nos permitem aferir a razão de tal escolha.

Cícero Sandroni considera que essa foi uma saída dupla, uma vez que o retirava de um *imbróglio*. Dessa forma sua partida ao mesmo tempo em que o retirou de uma confusão, representou uma possibilidade de empreender outras possibilidades profissionais⁴³.

Por outro lado, Julia Ribeiro Junqueira aponta uma outra interpretação para este episódio⁴⁴. Baseando-se em trabalho de Magalhães Júnior sobre Rui Barbosa, notadamente no capítulo intitulado “Rui, amigo e inimigo de José Carlos Rodrigues”, a autora afirma que a queda do gabinete do marquês de Olinda e a conseqüente saída de Carrão do ministério da Fazenda, que seria nessa perspectiva, sua única fonte de renda, o teria levado a cometer um estelionato – falsificar a assinatura de Carrão para levantar fundos do Tesouro. Tal episódio ganhou as páginas do *Opinião Liberal* de 1866 e teria levado Carrão a prestar depoimento à comissão de inquérito instaurada. Comprando a versão de Magalhães Júnior, Julia Ribeiro Junqueira afirma que

Após o depoimento de Carrão, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos, que substituiu o marquês de Olinda, acumulando as funções de ministro da Fazenda com a de presidente do Conselho, incumbiu oficialmente João Lustosa da Cunha Paranaguá, ministro da Justiça, que este processasse criminalmente José Carlos Rodrigues por sua tentativa de estelionato. Procedimento que não foi levado de fato a efeito, pois, após se instaurar o processo, o cantagalense não pôde ser intimado para depor, haja vista que ninguém o encontrara⁴⁵

Assim, a saída de José Carlos Rodrigues do Brasil passa a ser interpretada como fuga e sua permanência no exterior estaria vinculada à prescrição do crime, que ocorreria 20 anos depois. Como a autora afirma, por coincidência, é somente em 1887 que se tem notícia de um retorno de Rodrigues ao Brasil. Contudo, como o episódio não foi esquecido, ele é trazido à

⁴²Possibilidades que serão investigadas posteriormente, através da análise de entre outras coisas: a correspondência dos envolvidos, jornais da época, bem como do trabalho de especialistas, no que tange a movimentação de oriundos do Brasil para o exterior. E qualquer outra documentação que possa fornecer informações no que diz respeito a essa movimentação.

⁴³ SANDRONI, op. cit., 2014.

⁴⁴JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. “Fragmentações em uma história de vida: esquadrinhando os rastros do jornalista José Carlos Rodrigues (1844-1923)” IN: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

⁴⁵ MAGALHÃES JÚNIOR, 1965:162, apud Junqueira, 2013: 9-10

tona em situações nas quais o *Jornal do Commercio* traz publicações que desagradam determinados membros da sociedade.

Contudo, como se verá mais adiante, José Carlos Rodrigues atuou intensamente como representante do Brasil no exterior – tanto vinculado às ações da imprensa desde de sua chegada aos EUA, quanto financista na *city* londrina. Algumas hipóteses podem ser levantadas: de um lado, ele ter, de fato, cometido o estelionato e ter fugido do país – e 20 anos depois ter sido perdoado por isso; outra, é que a narrativa de Magalhães Júnior tenha sido impregnada por alguma desavença entre Rui Barbosa e José Carlos Rodrigues. Entretanto, a resolução deste problema foge ao propósito deste capítulo.

Para nós, entretanto, a razão da saída de nosso filantropo do país quer tenha sido motivada pelo crime de estelionato, quer pela infração sugerida por Cícero Sandroni, não nos é interessante. O que nos interessa é fato de que seus biógrafos apontam sua colaboração com o *Diário Oficial do Império do Brazil* desde sua instalação nos Estados Unidos e com o *Jornal do Commercio* a partir de 1869.

Os documentos referentes à etapa inicial da vida de José Carlos Rodrigues são escassos, mesmo a correspondência relativa a esse período ainda não foi localizada. A relação entre José Carlos Rodrigues e Zaccharias de Góis e Vasconcelos será privilegiada neste item posteriormente.

Caberá a esta parte do trabalho mapear aqueles que fizeram parte desta etapa da trajetória de José Carlos Rodrigues, que podemos identificar como uma escola de articulação política para esse reformador social.

1.3 Estados Unidos e Grã-Bretanha

José Carlos Rodrigues sai do Brasil no ano de 1866 e segue para os Estados Unidos. Nos Estados Unidos foi a atividade como tradutor que lhe abriu as primeiras portas, mas foi como correspondente que seu trabalho se destacou. As fontes não fornecem explicações suficientes para a ida de José Carlos Rodrigues para os Estados Unidos. Por outro lado, se não sabemos exatamente o que o levou para lá, as fontes recolhidas evidenciam o papel ele ocupou lá. Acreditamos que as aulas de inglês e a amizade com George W Chamberlain tenham sido um impulsionador da escolha deste país para seu exílio, fuga ou autoexílio.

Consideramos que Zaccharias de Gois e Vasconcellos tenha ajudado para que José Carlos Rodrigues se tornasse correspondente do *Diário Oficial do Império do Brasil*, órgão oficial do Império. Foi o trabalho realizado neste periódico que lhe rendeu o convite para atuar no *Jornal do Comércio* a partir ano de 1869, que inicialmente tratava de colaborar periodicamente, mas que em seguida passou a ser regular. Paralelamente à sua atividade como tradutor, em prestava serviços para a *Caleb Cushing*, que durante esse período era *attorney general*⁴⁶ do governo americano.

Em outubro de 1870, lançou em português a revista ilustrada *O Novo Mundo – periódico ilustrado do progresso da idade* que, apesar de ser um periódico feito no exterior, era voltado para o público brasileiro e tinha periodicidade mensal. Contou com a colaboração de nomes importantes da literatura e da intelectualidade brasileiras, como por exemplo: Machado de Assis, André Rebouças e Adolfo de Varnhagen; com os quais José Carlos também se correspondeu durante esse período. Em carta trocada com Machado de Assis, o assunto é um artigo de Machado no *Novo Mundo*. Com os demais o assunto também é o periódico, tópicos como por exemplo o número de exemplares ou artigos publicados. Vale ressaltar que o periódico foi muito bem-sucedido no Brasil e que chegou a vender oito mil exemplares. Este periódico serviu para divulgar importantes obras sobre o Brasil, como o Atlas do Brasil de Candido Mendes, publicado pelo IHGB, que lhe rendeu uma intensa troca de correspondências com o autor. Este periódico encerra suas atividades em 1879.

Nesse período publicou mais de oito obras e traduziu, para o governo brasileiro, o memorial *Do Governo Americano*, relativo à questão do Alabama.⁴⁷ Publicou a *Revista Industrial* (entre 1878-1879) e foi colaborador do *The Nation* e do *New York World*. Foi a serviço deste último periódico que viajou para o Panamá, afim de acompanhar as obras de abertura do canal que interligaria os oceanos Atlântico e Pacífico – o *Canal do Panamá*. Seus artigos enviados ao *New York World* despertaram grande interesse do mundo financeiro e colocou o seu nome como referência. Estes mesmos artigos renderiam a ele uma carta de Theodore Roosevelt, que atribuiu ao trabalho dele grande importância no que tange à construção do canal.

⁴⁶ Procuradoria-geral. Tradução livre.

⁴⁷ “Disputa de direito internacional entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha provocada pelo navio Corsário Alabama, armado pelos ingleses, que causou prejuízos aos estados do Norte na Guerra de Secessão” (SANDRONI, 2007).

No ano de 1881 passa atuar como correspondente da *Gazeta de Notícias*, em que publicava o folhetim de uma séria denominada por ele *Cartas Americanas*⁴⁸, a informação mereceu publicação na *Gazeta de Notícias*⁴⁹.

No ano de 1882 foi para Londres indicado pelo conselheiro Manuel Gomes de Oliveira, para colaborar com a tarefa de levantar fundos para estrada de ferro de Cantagalo, que os filhos do barão de Nova Friburgo, Bernardo Clemente Pinto Sobrinho (2º barão de Nova Friburgo) e Antônio Clemente Pinto (conde de São Clemente) empenhavam-se em finalizar após o falecimento do pai em 1869. Lá instalou-se como agente financeiro, atividade que foi facilitada pelas relações que possuía em Nova Iorque, e foi nessa função que contribuiu para o levantamento de fundos para a construção de estradas de ferro no Brasil⁵⁰. Paralelamente colaborou com o *Times* e o *Financial News*, e continuou trabalhando no *Jornal do Comércio*.

Foi neste período que construiu parte importante dos contatos que possuía. A rede de influência que seria tão importante para realização de seus feitos posteriormente. Também foi um período representativo da correspondência dele preservada, principalmente com os brasileiros, em que tratou de assuntos diversos e com muitas pessoas, dentre elas, questões políticas, econômicas, em muitas delas questões pessoais. Dentre os nomes relacionados podemos citar: José da Silva Costa, Barão de Penedo, Varnhagen, Cândido Mendes, Quintino Bocaiuva, Barão Homem de Melo, C. Cushing, Visconde de Taunay, dentre outros.

No primeiro semestre de 1887, José Carlos Rodrigues entrega para o Imperador do Brasil um importante documento. Ele consegue um *fac-simile* de uma carta de valor inestimável levantada pelo cosmógrafo Diogo Machado, com a autorização do papa Leão XIII, e presentei o Imperador. O conteúdo da carta eram os descobrimentos marítimos de portugueses e espanhóis no último quartel do século XV⁵¹.

José Carlos Rodrigues passa uma temporada no Brasil durante esse período, entre os anos de 1887 e 1888. Ele também vem para o Brasil no ano de 1887 para receber sua herança, apenas depois de receber sua herança que se casa⁵². É em setembro do ano de 1887 que José Carlos Rodrigues adoece em razão da varíola, distintos jornais noticiam sobre seu estado de saúde⁵³.

⁴⁸ Não foram localizados os periódicos com os referidos folhetins.

⁴⁹ *Gazeta de Notícias* – Sem título – Sem autor - Ano: VII, Nº:72- 14/03/1881, p. 01.

⁵⁰ CARDIM, op. cit., 1944.

⁵¹ A carta pertence ao acervo da Biblioteca do Vaticano. (O Paiz – Título: Noticiário – Sem autor -Ano: IV, Nº:943-06/05/1887.)

⁵² Gauld, [s.d.]:432

⁵³ “Gravemente doente por conta da varíola” (*Gazeta de Notícias* – Sem título – Sem autor - Ano: XIII, Nº:256-13/09/1887). “Gravemente enfermo de varíola” (O Paiz – Sem título – Sem autor - Ano: IV, Nº:1073-13/09/1887,p. 01.). “Apresenta pequenas melhoras” (*Gazeta de Notícias* – Sem título – Sem autor - Ano: XIII, Nº:266- 23/09/1887).

José Carlos Rodrigues se casou em Londres com Jane Sampson, filha do Sr. H. J. Dale, e com ela teve duas filhas: Janet e Evelina. Entre os anos de 1888 e 1889, esteve em momentos distintos no país, o que já poderia ser entendido como um sinal que seu retorno estaria próximo.

Neste período também atua na intermediação de uma negociação financeira para o Brasil⁵⁴. Pleiteia concessão de estradas de ferro em São Paulo, que são contestadas⁵⁵. É nesse momento também que atua intensamente nas discussões relativas ao fim do regime escravocrata. Cabe aqui mencionar que ele estava no Brasil no dia 15 de novembro de 1889, fazendo uma visita, o que provavelmente o deixou contente.

Em seu retorno a Londres encontra um amigo que terá papel central na compra do *Jornal do Commercio* por José Carlos Rodrigues: era Eduardo Prado, intelectual que por ser monarquista se auto exilou em Londres. É Eduardo Prado que o informa que o conde de Villeneuve, proprietário do *Jornal do Commercio*, que também estava frustrado com a República, decidira vender o periódico e estimulou José Carlos a comprar o jornal, tendo o ajudado na sua aquisição. Outro incentivador e facilitador no processo de aquisição do *Jornal do Commercio* foi seu amigo da Faculdade de Direito, José da Silva Costa.

A faceta que é exaltada pela maior parte daqueles que falaram dele, é a do grande empresário que ao sair do país não tinha nada, que chegou no exterior com apenas alguns trocados, e volta com uma fortuna construída, esta que permitiu que ele adquirisse o maior e mais influente veículo de comunicação da época, o *Jornal do Comércio*⁵⁶.

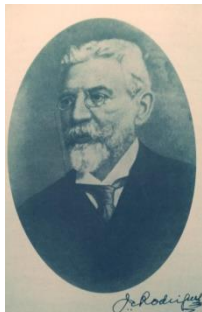
⁵⁴ Correio Paulistano – Título: O empréstimo provincial – Sem autor - Ano:XXXIV, Nº:9578 – 05/08/1888, p. 01.

⁵⁵Gazeta de Notícias – Título: Telegramas – Sem autor - Ano: XV, Nº: 54 – 23/02/1889, p. 02.

⁵⁶ CARDIM, op. cit., 1944.

1.4 De volta ao Brasil (1890-1915)

Figura 1: José Carlos Rodrigues



Fonte: 180 anos do Jornal do Commercio – 1827-2007: de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva.⁵⁷

No ano de 1890 José Carlos Rodrigues fixa residência no Brasil, mas faz viagens frequentes para o exterior. E, em seu regresso, tem uma ascensão meteórica na sociedade que se recriava.

Em sua volta, José Carlos Rodrigues experimenta um país que acabara de se tornar República e que em seu período inicial flutuava, no que diz respeito à situação política. Com formação liberal José Carlos e seu jornal atraíram nos primeiros anos da República o desdém do governo do marechal Floriano Peixoto. E com o início da revolta da Armada ele foi obrigado a se esconder, ficou por mais de treze meses escondido na casa de um de seus grandes amigos, o comendador Antônio Jannuzzi, figura que será retomada em outros momentos deste trabalho. É também neste período que José Carlos Rodrigues inicia seus estudos sobre o Velho e Novo Testamentos, trabalhos pelos quais é reconhecido no meio literário.

Neste período conturbado politicamente, em que viu-se eclodir diversas revoltas, o *Jornal do Commercio*, principal periódico da época, foi ameaçado sucessivas vezes e em prol da segurança o *Jornal do Commercio* silencia sobre os fatos e passa a não mais publicar notícias relativas à Revolta da Armada no Rio de Janeiro. Atitude essa que foi apontada por Afonso Celso como o “silêncio do decoro, da independência e da dignidade. Irritou mais esse silêncio que violenta oposição”⁵⁸. O silêncio foi, possivelmente, estratégico. Não poderia ele, que acabara de retornar ao país, depois de sua conturbada saída na década de 1860 administrar mais problemas, e menos ainda com o líder do governo. O episódio rendeu frutos e José Carlos Rodrigues redige um documento para proteção do *Jornal* e solicitando apoio dos acionistas, que prontamente o atendem.

⁵⁷ SANDRONI, op. cit., 2007, p. 292.

⁵⁸ Ibidem, p. 143.

É a atuação de José Carlos Rodrigues a frente desse jornal que permeará todo o terceiro item. Contudo, seu papel em outros círculos sociais não pode ser deixado de lado. E deve-se ressaltar que ele foi um intenso articulador político, o que fez com que angariasse vários desafetos ao longo de sua estada no Brasil.

No ano de 1891 José Carlos Rodrigues enfrenta o destempero do poeta Mucio Teixeira, que contestava a publicação de uma carta do *Jornal do Commercio*, que colocaria sua honra em cheque, que teria tido sua publicação autorizada pelo diretor. Tal acontecimento desperta a ira de Mucio, que não aceita que tal feito tenha acontecido e replica que, por ter “somente uma vez [saído] do país, mas de motu próprio e para representa-lo no estrangeiro, não tendo, em qualquer época, cometido ato infamante – cuja a prescrição legal devesse aguardar longe da pátria”⁵⁹.

Neste pequeno trecho, o poeta traz à tona o imbróglio da ida de Rodrigues para o exterior e o confronto evidenciando o caráter público desse período da vida de José Carlos.

José Carlos Rodrigues angariou ao longo de sua vida bons amigos e fidedignos opositores, os quais encontrava nos diversos espaços de sociabilidade que frequentava em busca de legitimar seu papel de liderança política e social. Ressalte-se que os membros da elite tinham suas instituições legitimadoras, nelas dialogavam e travavam suas redes de relações. Dentre esses clubes sociais estão: o Cassino Fluminense, o Club dos diários e o Teatro Ópera⁶⁰. Mas, a legitimação social, não acontecia apenas por meio desses clubes sociais, nesse cenário podemos pensar na assistência como um elemento que os legitimava socialmente, que também estavam intimamente ligadas ao poder político existente à época, em que a Irmandade da Misericórdia tem um papel de destaque e muito prestígio social.

Em seu percurso de vida, José Carlos Rodrigues relaciona a sua história à da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e juntos participam de uma movimentação política que aflora quando averiguamos a criação do hospital por esse benemérito. O nome de José Carlos Rodrigues aparece relacionado à mesa da Misericórdia desde o ano de 1891⁶¹, ou seja, desde o momento subsequente a retorno ao país.

Neste período ser membro da Irmandade da Misericórdia era em si um elemento muito valorizado socialmente, que representava que essa figura tinha posses, e que conseqüentemente evidenciava para os membros da sociedade que aquele cidadão era “abastado em fazendas”⁶².

⁵⁹ Gazeta de Notícias – Título: Mucio Teixeira e o redator chefe do Jornal do Commercio – Autor: Mucio Teixeira - Ano: XVII, Nº:90 - 08/04/1891, p. 03.

⁶⁰ NEEDELL, Jeffrey D. Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro, na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁶¹ Jornal do Brasil – Título: Santa Casa da Misericórdia – Sem autor - Ano: I – Nº90 - 07/07/1891, p. 01.

⁶² COIMBRA, Luiz Octavio. Filantropia e racionalidade empresarial (a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro de 1850 a 1920). Revista Rio de Janeiro: 41-51, 1986. p. 42.

O valor social atrelado a participar dessa irmandade, vincula-se ao poder exercido pela mesma na sociedade daquele período, e ao fato de que o pertencimento à mesma não era para todos, estava reservada para aqueles que atendessem aos requisitos colocados.

Na Misericórdia, José Carlos Rodrigues será irmão de algumas personagens importantes na sua trajetória de vida, dentre elas, o conselheiro Zaccharias de Gois e Vasconcellos fora provedor da Irmandade entre 1866 e 1877, ano de sua morte.

Ainda que não esteja disponível seu diploma de irmão da Irmandade da Misericórdia, podemos afirmar que José Carlos Rodrigues tenha feito parte desse grupo com base no cargo que ocupou ou mesmo com base na correspondência, que deixa esse aspecto evidenciado e em documentos do período. Através das atas de eleição da mesa diretora da Misericórdia carioca publicadas nos jornais da época, em função do início do novo ano compromissal (02 julho de cada ano, dia de Santa Isabel), sabe-se que nossa personagem fazia parte da mesa diretora desde 1891, ou seja, pouco depois de retornar ao país. Na Misericórdia, ele ocupou o cargo de mordomo do Hospital Geral, sabe-se que para ser mordomo de qualquer Hospital da Santa Casa era necessário pertencer à irmandade. Além disso, consta de sua correspondência cartas que tratavam de uma das disputas para o cargo de mordomo⁶³ geral – *mordomo mor* – em que ele pede apoio para um determinado candidato, em detrimento de outro, o que evidencia seu grau de envolvimento com as questões da irmandade. Envolvimento esse que culmina com a realização de sua grande obra filantrópica, que ele realizou com recursos próprios, como se verá mais adiante nesta dissertação.

Com relação a seus fidedignos opositores, podemos percebê-los nas diversas contendas judiciais parecem ter feito parte de sua trajetória. No ano de 1892, Rodrigues esteve relacionado à um processo, e teve que depor por diversas vezes em uma investigação que averiguava a falsificação de moedas de níquel, em que o material utilizado não foi o adequado⁶⁴.

É possível perceber que a trajetória de José Carlos deixa evidenciado o lugar social que ele ocupava a influência que ele exercia. Essas informações podem ser levantadas com relativa facilidade, quando são analisados os documentos da época, como, por exemplo, as cartas, ou mesmo exemplares do *Jornal do Commercio* e outros periódicos da época, como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*. É fato que essas figuras iram se repetir, são figuras recorrentes

⁶³ O mordomo é responsável pela administração do hospital e deve zelar pelo doente, como fica demonstrado no seguinte fragmento: “O mordomo devia servir os doentes com amor e caridade e providenciar para que não lhes faltasse nada. Como assumia a responsabilidade de administração direta do hospital tinha de o visitar pelo menos duas vezes ao dia: de manhã e de tarde” (ARAÚJO, 2001).

⁶⁴ Gazeta de notícias – Sem título – Sem autor - Ano: XVII, Nº: 257- 14/09/1892 , p. 01./ Gazeta de notícias – Sem título – Sem autor - Ano: XVII, Nº: 266- 23/09/1892, p. 03. / Gazeta de notícias – Sem título – Sem autor - Ano: XVIII, Nº: 268- 25/09/1892, p. 01.

nos clubes sociais da elite. As personagens que serão destacadas ao logo desse trabalho, juntas percorreram caminhos semelhantes e frequentaram ambientes comuns.

De certo, todos ou ao menos a grande maioria pertencia à maior parte das instituições que legitimavam o poder da elite desse período. Eram ex-alunos do Colégio Pedro II, da Faculdade de Direito de São Paulo, frequentadores do Cassino Fluminense e/ou do Teatro Ópera, pertenciam ao Club dos Diários e/ou ao Jockey Club, dentre outras, como também o pertencimento a irmandades, tais como a Irmandade da Misericórdia, que nesse trabalho contará com uma investigação mais intensa em outra parte.

José Carlos Rodrigues também fez parte do IHGB, tendo sido eleito sócio correspondente em 10/06/1907, se tornou sócio honorário em 12/05/1914 e a sócio benemérito em 1917, quando já havia deixado o Brasil. Nesta instituição reencontra personagens com as quais já havia se concentrado anteriormente: seja o marquês de Paranaguá, responsável, em parte, por seu autoexílio, e que o recebe quando de sua posse; ou intelectuais com os quais havia trocado farta correspondência durante o período de existência da *Novo Mundo*. Seu ingresso nesta instituição, “para além das qualidades de homem de imprensa, era um reconhecimento aos seus estudos na área da história da religião cristã, ao lado da paixão pelas obras raras”⁶⁵.

Durante o período ao qual nos dedicamos neste terceiro item do esboço deste capítulo, a correspondência existente é vasta e muito frutífera para o desenvolvimento dessa análise, seja no que diz respeito aos interlocutores de José Carlos, ou mesmo no conteúdo das cartas. Dos correspondentes relacionados na correspondência passiva de José Carlos o que trocou mais cartas com ele foi José da Silva Maria Paranhos, o barão do Rio Branco, com o qual tratava de diversos assuntos que iam de economia, traduções até convites para almoço. Existe uma carta muito interessante e Campos Salles endereçada a Rodrigues Alves em que Salles informa à Rodrigues Alves que o mesmo receberá uma carta de José Carlos Rodrigues pedindo apoio para sua eleição como provedor da Santa Casa com Miguel de Carvalho, em que ele recomenda que atenda o pedido que é dele também, tendo em vista eles devem impedir que os monarquistas assumam este cargo. Também existem cartas que evidenciam a atuação dele como mecenas em que financiava Giovanni Cavalieri, com quem trocou cartas em que o informava sobre o trabalho que realizava.

Existem muitas cartas entre José Carlos com figuras com importante posicionamento social, tais como Campos Salles e Prudente de Moraes. Mas, ele também se correspondeu com

⁶⁵ Junqueira, 2015 p. 217.

Joaquim Nabuco com qual trocava informações de negócios, mandava mensagens ou recebia notícias.

Até aqui, José Carlos Rodrigues foi identificado como um empresário de sucesso, como um representante clássico daqueles que integravam a sociedade carioca desse período. Todos esses aspectos serão fundamentais para o analisarmos pelo viés que é o que esse trabalho pretende seguir, que é a do benemérito. Essas características serão importantes para entender o perfil da obra realizada por ele, e do que o influenciou a realizá-la.

É importante salientar que o perfil urbano e da sociedade carioca tem como traços, no final do século XIX e na virada do século XX, variadas mudanças. Era necessária a remodelação da cidade para que a demanda dos grupos dominantes fosse atendida, grupos esses que tinham em José Carlos Rodrigues um representante. A cidade precisava se transformar para atender as exigências do grupo intelectual que assim como a cidade, se modificava com o advento da república.

Os contornos que a obra filantrópica de José Carlos Rodrigues possui estão em consenso com as questões existentes à época, em que havia uma preocupação com a assistência às crianças. É nesse cenário que o benemérito realiza sua obra, com recursos próprios José Carlos Rodrigues ergue a Policlínica das Crianças. Nesse período, ele ocupava o cargo de Mordomo do Hospital Geral da instituição⁶⁶, o que é um traço muito significativo, explicitando o forte vínculo entre ele e a irmandade em questão, configurando-se elemento de fundamental destaque no que tange a benemerência por ele realizada. Julia Junqueira ressalta que

suas ações ultrapassavam as funções de mordomo da Santa Casa de Misericórdia. Ainda nos anos iniciais da década de 1900, o jornalista comentara com o colega de trabalho filantropo, Miguel de Carvalho, o seu desejo de iniciar a construção de uma casa de saúde para meninas e meninos desfavorecidos. O projeto já havia ganhado certas feições há alguns meses, quando Rodrigues comprou uma chácara à rua Marquês de Abrantes e a doou à Santa Casa para que ali se construísse um hospital e asilo para crianças pobres.⁶⁷

Essa nova *feição* a que a historiadora se refere é a transformação da ideia de uma *casa de saúde* no projeto do Hospital de Crianças e que posteriormente será transformado em *Policlínica das Crianças*. Mas que mera diferenciação semântica, a diferença está nos serviços prestados por estas instituições: as casas de saúde têm por lógica a finalidade lucrativa – que

⁶⁶ Documento presente no acervo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1.

⁶⁷ Junqueira, 2015, p. 211.

não se adequaria à criação de uma instituição voltada para crianças desvalidas; enquanto que o que opõe o *hospital* a uma *policlínica* é a complexidade dos serviços prestados, bem como seu tamanho⁶⁸. Ora, como se verá ao longo deste trabalho, a opção pela *policlínica* não foi fortuita. Mesmo sendo, às vezes, denominada a *Policlínica do Hospital de Crianças* o certo é que o projeto que foi realizado foi o menor, contudo, era o mais reputado, à época, para a assistência à infância.

O projeto inicial de 1903 era de um hospital que, contudo, não foi concretizado. A obra que foi realizada foi a de uma policlínica. A história da Policlínica das Crianças da Santa Casa da Misericórdia inicia-se em 1903 com a aquisição de uma chácara na rua Marquês de Abrantes no Flamengo afim que fosse lá instalado o hospital de crianças. Mas, isso não aconteceu, pois José Carlos Rodrigues sugeriu que a Santa Casa instalasse a Casa dos Expostos neste local, que estava em vias de ser desalojada⁶⁹, e levasse a Policlínica para um bairro caracterizado pelas habitações populares. Assim em 1905 começaram a ser comprados os terrenos na rua Miguel de Frias, na freguesia de São Cristóvão para a instalação do futuro hospital. Em 1906, José Carlos Rodrigues esboça um desenho para uma Policlínica e com base nesse desenho manda preparar o projeto arquitetônico:

Para aquele fim comprara ele a espaçosa e bela chácara da rua Marquês de Abrantes nº 20, que doou e foi incorporada ao patrimônio da Santa Casa da Misericórdia por escritura de 16 de julho daquele ano 1903. [...] e em janeiro de 1907 foi contratada a construção, fornecido esses materiais pelo doador, com os projetos arquitetônicos o Senhor Antonio Jannuzzi & Filhos⁷⁰.

No âmbito de suas atribuições de diretor-proprietário do *Jornal do Commercio*, José Carlos Rodrigues teve uma atuação política importante, às vezes defendendo interesses de determinados grupos econômicos, como o caso de sua intervenção na questão de taxaço no porto, cuja postura agradou os comerciantes da praça do Rio de Janeiro. Tal defesa fez com que a Associação Comercial lhe agradecesse, através de Edward Hime que diz: “é-me sumamente agradável levar ao conhecimento de V. Ex. um mimo em reconhecimento dos altos serviços prestados por V. Ex. à causa do comercio na questão das taxas do porto”⁷¹. Com relação ao mimo que lhe foi dado, José Carlos Rodrigues escreveu a Edward G. Hime dentre outras coisas:

⁶⁸ Porto et al, 2008.

⁶⁹ Sobre este assunto ver capítulo subsequente.

⁷⁰ Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1.

⁷¹ Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1.

Se, porém, insistem em provar a sua benevolência, permita-me dizer-lhe que um mimo, para ser-me agradável, poderia tomar a forma de uma dádiva para a construção do novo Hospital de Crianças da Santa Casa da Misericórdia, que fundei, e para o qual construí a Policlínica que já tantos serviços vai prestando às crianças pobres da cidade.

O pedido de José Carlos para que o mimo fosse convertido para a obra do internato do hospital foi aceito. A lista de subscrição pública conta com setenta e sete firmas comerciais, em um universo de noventa inscritos. A lista de subscrição é uma espécie de aglomerado de membros da elite carioca, que se dissolvem em suas distintas camadas, seja no âmbito social, econômico ou político.

José Carlos Rodrigues foi um benemérito da sociedade carioca da Primeira República. Ele foi o idealizador do primeiro hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro dedicado às crianças da cidade. Mas, ele também foi uma espécie de síntese do benfeitor da sociedade daquele momento, ele é o espelho do grupo ao qual pertencia, a cada qual cabe as suas especificidades, mas ele compartilhava da ideia de que os abastados deveriam zelar pelos mais necessitados. Um homem muito respeitado pelas suas ações notadamente preocupadas com a melhoria das condições de vida dos menores desfavorecidos, um homem muito influente, proprietário do maior meio de comunicação existente na época, o jornal de maior circulação no país. Que respondeu a demanda social daquele período, que naquele cenário requeria que as crianças recebessem atenção.

Seria essa ação filantrópica, que foi impulsionada pelo ato de J. C. Rodrigues, uma tentativa de se legitimar perante essa sociedade? Bem, certamente essa atitude acelerava esse processo. A Irmandade da Misericórdia era nesse período uma das instituições mais respeitadas, seus membros estavam diluídos na sociedade. A apuração das listagens de doadores para construção da Policlínica vem de encontro a essa interpretação, que percebe o vínculo com a Irmandade como um elemento que conferia *status* a seus membros, quando ocorria a vinculação às obras dessa Irmandade, tal aspecto conferia prestígio à pessoa ou empresa relacionada.

A análise das fontes relativas à Policlínica das Crianças demonstra que os membros vinculados a Irmandade da Misericórdia, por meio dessa instituição, estavam dissolvidos nos variados setores sociais. Tal grupo abarcava diferentes áreas de atuação desde os membros da sociedade carioca, que compunham a elite intelectual carioca, até bancos e companhias internacionais, não deixando de salientar a considerável presença de estrangeiros. Os membros

se relacionavam na medida em compartilhavam interesses. Nessa sociedade saber manejar os códigos sociais⁷², representava grande possibilidade de êxito.

Podemos ainda afirmar a participação de representantes de diversos dos setores da sociedade compunham a elite. Desta forma a elite dos benfeitores se mostra variada, no que diz respeito à origem dos seus recursos e eficiente do que tange a amplitude de suas ações.

É conveniente salientar que o aspecto mais realçado pelos interlocutores de José Carlos Rodrigues, é a sua faceta de grande homem de negócios que venceu na vida graças a seus próprios méritos. Construiu-se em torno dele a atmosfera de um *self-made man*⁷³, ou seja, de um homem que “fez a si mesmo”, ainda que ele tenha sido proveniente de uma família com meios e tenha vivido em um ambiente propício.

Com a compra do jornal, José Carlos Rodrigues afirma sua posição entre uma das figuras influentes do Rio de Janeiro da Primeira República. Na direção do Jornal do Comércio estreitou relações com personagens diversas daquela época, que somadas ao que ele havia construído nos Estados Unidos foram determinantes para que ele construísse toda a rede de influências que existia em torno de si.

Era em seu jornal que ele reafirmava suas relações, divulgava as ideias com as quais ia de encontro e evidenciava seus parceiros para negócios e para a política. Uma breve observação nos jornais da época explicita a rede de influências que era disseminada pelas páginas do jornal. Na coluna “Indicações Úteis” estavam relacionados os profissionais mais influentes da época, membros da rede de sociabilidade na qual José Carlos Rodrigues estava inserido. Durante o período que foi delimitado para realização deste projeto, os nomes presentes nessa coluna permaneceram quase inalterados, apenas com pequenas mudanças, ressaltando que os nomes mais prestigiados do período figuraram na coluna durante todos esses anos. Como os de: Antônio Carlos Jannuzzi, Dr. Prudente de Moraes Filho, Dr. Azevedo Sodré, Dr. Miguel Pereira, Dr. Fernandes Figueira, Dr. Moncorvo, Dr. Juliano Moreira, Dr. Moura Brasil e Moura Brasil filho, dentre muitos outros.

A articulação de José Carlos Rodrigues não passou despercebida, podemos problematizar parte de um texto escrito por Bernardo de Freitas, de 08 de maio de 1909, dia da inauguração da Policlínica das Crianças, em que é perceptível a crítica que ele faz em que ele analisa os limites entre a ação benemerita, que certamente contribuiu de forma perspicaz para a

⁷² NEEDEL, op. cit., 1993.

⁷³ Indivíduo que obteve sucesso ou riqueza através de seu próprio esforço (OXFORD, 2005:1378).

construção da imagem de um homem generoso perante a sociedade, e o trecho a seguir evidencia:

reproduz os inteligentes esforços com que arma a sua teia de benemerência a inteligente aranha do bem, tirando quase do nada tênue fio que vai distender, prender a sólidos apoios para apresentar como por encanto aos olhos da Sociedade, mais uma maravilha que revela a pujança de sua estrutura bem faceja: é inspiração de um zeloso Irmão, é sua dedicação ao projeto e descoberta de pequenos elementos a empregar para que se ufane o Rio de Janeiro de mais uma obra de misericórdia.⁷⁴

A construção da Policlínica evidencia a rede de influência em que ele estava inserido. O projeto ficou por conta da firma de Antônio Januzzi, um dos componentes permanentes da anteriormente mencionada coluna do jornal “Indicações úteis”, a direção do hospital coube de Fernandes Figueira, que também fazia parte da coluna, e assim segue. Ele arcou sozinho com a construção da policlínica, mas a construção do internato contou com ajuda de outros beneméritos, fica evidenciado no seguinte fragmento:

Hospital das Crianças
Fundado pelo Dr. José Carlos Rodrigues, que lhe doou o terreno e o edifício da policlínica com todos os seus aparelhos e mobiliário.
Apela-se agora para a caridade dos amigos da Instituição para concorrerem com suas esmolos para a construção do INTERNATO DO HOSPITAL⁷⁵

É salutar enfatizar que durante grande parte do período do qual esse trabalho se ocupa, José Carlos Rodrigues representou o Brasil no exterior, atuando em distintas causas, reiterando o papel de destaque que era ocupado por ele na sociedade.

Nossa análise se encerra quando ele deixa a direção do jornal, no ano de 1915, e deixa o Brasil para viver em Londres e tratar de problemas de saúde. Contudo, as análises das reportagens que deram conta da sua morte representam a forma como ele era visto por seus contemporâneos, em jornais de distintos países sua morte foi noticiada, e neles foi exaltada a imagem do homem influente, que escolheu o jornalismo com ofício, como pode ser observado nos fragmentos a seguir:

Mr. José Carlos Rodrigues[...] until recently proprietor of the Jornal do Commercio, of Rio de Janeiro, died in Paris on June 28, aged 78. He would never accept political office, but on one or two occasions he undertook financial missions for the Brazilian Government. He had travelled much, and

⁷⁴ Bernardo Freitas- Hospital de Crianças. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, ano. 83, n. 127, 08 de maio de 1909.

⁷⁵ Grifo do documento. - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro/IHGB- Coleção José Carlos Rodrigues – Notação:585-1

wrote various books, including one on the New Testament. He formed valuable art and archaeological collections. He married Jane Sampson, daughter of Mr. H. J. Dale, and one of his daughters is the wife of Sir William Garthwaite, Bt⁷⁶

O dia de ontem foi de luto para o jornalismo brasileiro, com o desaparecimento de uma das suas personalidades mais eminentes, o Dr. José Carlos Rodrigues. Tendo chegado a diretor do Jornal do Commercio, cargo que exerceu por tão dilatado espaço de tempo, o Dr. José Carlos Rodrigues realizou a obra do remodelamento material do grande órgão, fixando-o na feição que hoje tem. E do ponto de vista moral e soube conservar e transmitir intacto o valioso patrimônio que, para o país, representa o mais antigo e ponderado dos seus jornais.⁷⁷

O telégrafo anunciou-nos, à hora de encerrarmos os trabalhos desta página, o falecimento, em Paris, do Dr. José Carlos Rodrigues. Dedicou o extinto, quase toda a sua vida ao jornalismo, não só aqui, como no estrangeiro, impondo-se ao conceito público pela elevação com que discutia os vários assuntos.⁷⁸

Estas são apenas algumas das matérias que foram escritas em homenagem à José Carlos Rodrigues, os necrológios existentes permitem que façamos a análise de algumas das características exaltadas em Rodrigues. Fica muito exacerbada sua imagem como grande jornalista e importante figura da sociedade. Contudo, tendo em vista que essa é uma análise do seu percurso filantrópico, a ausência de referências à sua faceta como filantropo chama atenção. Ela não foi deixada de lado na edição do Jornal do Comércio que deu conta de sua morte, número 177 de 29/06/1923. Muitas são as colunas do jornal que prestam homenagem a ele, que faz inclusive um perfil biográfico, e que o exalta como “belo tipo de *self-made man*”⁷⁹.

Apesar do silêncio acerca de sua atuação como mecenas e filantropo por parte de seus biógrafos, José Carlos Rodrigues também se dedicou a estas práticas tão em voga no Rio de Janeiro da virada do século XIX para o século XX. Além da criação da Policlínica das Crianças, objeto de estudo desta dissertação, da participação como irmão da Misericórdia e de ter se tornado benemérito do IHGB. Sua atuação como mecenas pode ser percebida na série de correspondências trocadas com Giovanni Cavalieri e com o botânico norte-americano Charles Hartt.

⁷⁶ “O Sr. José Carlos Rodrigues[...] até recentemente proprietário do Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, morreu em Paris, em 28 de junho, aos 78 anos de idade. Nunca aceitou um cargo político, mas em uma ou duas ocasiões, empreendeu missões financeiras para o governo brasileiro. Viajou muito e escreveu vários livros, incluindo um sobre o Novo Testamento. Formou coleções valiosas de arte e de arqueologia. Casou-se com Jane Sampson, filha do Sr. H. J. Dale, e uma de suas filhas é a esposa de Sir William Garthwaite, Barão”. Tradução livre. - The Times, Londres, 03/07/1923

⁷⁷O Paiz – Título: Dr. José Carlos Rodrigues – Sem autor – Ano: XXXIX – Nº: 14.131 - 29/06/1923, p. 05.

⁷⁸A Noite – Título: Dr. José Carlos Rodrigues – Sem autor – Ano: XIII – Nº: 4.159 - 28/06/1923, p. 03.

⁷⁹ Jornal do Comercio – Título: Morte dum Brasileiro – Sem autor – Ano: XX – Nº: 6.867 - 29/06/1923, p. 03.

Outra característica de José Carlos Rodrigues pouco explorada por seus biógrafos é a de bibliógrafo. Sua coleção era composta por “um valioso acervo bibliográfico, cartográfico, iconográfico e de documentação manuscrita referente à história do Brasil, entre os séculos XV e início do XX”⁸⁰ e foi vendida no início do século XX a Júlio Benedito Ottoni como parte dos fundos necessários para a construção da Policlínica das Crianças. Este acervo compõe a *Coleção Benedito Ottoni*, doada, em 1911, pelo industrial mineiro para a Biblioteca Nacional.

O quadro que se pretendeu construir aqui é o de José Carlos Rodrigues articulador, ou nos apropriando da metáfora proposta pelo arquivista da Misericórdia carioca, Bernardo Freitas, da aranha que tece cuidadosamente sua teia. Sua articulação será percebida em várias áreas – política, economia e filantropia.

O homem que se descortina através da documentação coligida é um exímio articulador social, dito de outra forma, ele movimenta setores sociais, ele é um articulador político, ainda que também sejam utilizadas para o desenvolvimento da obra benemérita, sua atuação supera essa perspectiva. No decorrer do trabalho observaremos que os contatos estabelecidos por ele foram fundamentais em todas as etapas de sua trajetória.

⁸⁰ FARIA, Maria Dulce. “O acervo cartográfico da Coleção Benedito Ottoni na Biblioteca Nacional” IN: Anais do 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia – o Agendas para a História da Cartografia Iberoamericana; São Paulo, abril de 2010.

Capítulo 2

A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e a assistência à Infância.

O ligeiro histórico de cada um dos estabelecimentos pelos quais exerce sua ação benéfica, assinalando a época da fundação, sua marcha ascensional, a estatística dos serviços prestados, a enumeração de seus haveres, todos provindos da generosidade particular, a designação dos auxílios que recebe dos Poderes Públicos, sempre solícitos, será o suficiente para patentear as enormes proporções dessa obra meritória que dá à nossa pátria, honroso lugar em qualquer concurso de assistência⁸¹.

Este capítulo tem como objetivo analisar a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro no que tange ao atendimento à infância da cidade. Será explorada a interpretação dada pela instituição para a criação da Policlínica das Crianças. Analisaremos o que a Irmandade considera como os “precedentes históricos” da Policlínica e sua inserção na engrenagem liderada pelo Hospital Geral; bem como no que suas atividades se distinguiam dos demais estabelecimentos direcionados às crianças e mantidos pelo hospital.

Como visto no capítulo anterior a Policlínica das Crianças, ou o Hospital das Crianças como os documentos da Misericórdia apontam, foi criada pela benemerência de José Carlos Rodrigues e entregue à administração da Misericórdia carioca. No dia de sua inauguração, o arquivista da instituição, Bernardo de Freitas, publica uma matéria no *Jornal do Commercio* na qual afirma que a Policlínica das Crianças irá se somar às outras ações benemerentes da Irmandade voltadas à criança, quais sejam: a *Casa dos Expostos*, o *Recolhimento das Órfãs - Recolhimento de Santa Thereza*⁸², o *Hospício Pedro II*, o *Asilo da Misericórdia*, o *Instituto Pasteur e o Asilo de São Cornélio*⁸³.

No ano anterior à abertura da Policlínica, 1908, no âmbito das ações da Exposição Nacional de 1908 em comemoração ao Centenário da Abertura dos Portos, a Misericórdia publica um livro, *Exposição Nacional de 1908 – notícias dos diversos estabelecimentos*

⁸¹CARVALHO, Miguel J. R. de. *Exposição Nacional de 1908. Notícias dos Estabelecimentos mantidos pela Santa Casa da Misericórdia da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Typ. Do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & C. 1908. P. 4.

⁸²Em ambas as listagens apresentadas por Bernardo de Freitas, seja na publicação no *Jornal do Commercio*, ou no livro produzido para Exposição Nacional de 1908, existem referência a duas distintas instituições voltadas para o recolhimento das órfãs, sendo elas: o *Recolhimento das órfãs* e o *Recolhimento de Santa Thereza*. Contudo, a primeira tabela apresentada relaciona o estabelecimento como: *Recolhimento das órfãs e desvalidas de Santa Thereza*, isso acontece porque é essa a instituição que prevalece, as duas instituições iniciais são mescladas e dão origem a última. As especificidades da instituição serão apresentadas nesse capítulo, na parte dedicada a ela.

⁸³FREITAS, B. “Hospital de Crianças” IN: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, ano. 83, n. 127, 08 de Maio de 1909.

mantidos pela Santa Casa da Misericórdia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, organizado por seu provedor Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho que apresenta um balanço de todas as suas ações benemerentes. Este livro será a fonte principal deste capítulo.

A interpretação do livro permite que possamos situar os estabelecimentos como partes acessórias de uma grande engrenagem. Destas, pretendemos observar quais são aquelas que prestam serviços ligados à infância, para que também possamos entender o que a Policlínica das Crianças representava dentro desse mecanismo de assistência que pretendo evidenciar.

A lógica de organização adotada para a confecção do livro deixa sinalizado o sentido que os estabelecimentos possuíam dentro da Irmandade, e como cada um deles fazia parte de um todo que se complementava entre si. Todos, atrelados ao Hospital Geral que era o estabelecimento central da Irmandade e base da sua administração.

O livro conta com um sucinto histórico das instituições pertencentes à Irmandade e relaciona dados como os de sua fundação, a trajetória, estatística dos serviços realizados e também enumera as propriedades e legados pertencentes a elas. A parte dedicada ao futuro Hospital de Crianças é escrita também por Bernardo de Freitas que apresenta o que são considerados como os “precedentes históricos” da criação desta nova instituição. A listagem apresentada no documento está em consonância com a que foi publicada no jornal citado anteriormente.

É interessante ressaltar que a Irmandade justifica a produção do livro ao alegar que não se tratar de exibicionismo de sua parte, o que estaria em discordância dos seus princípios mais caros, sendo ele apenas uma demonstração do amor ao próximo, que fica registrado no livro, como no seguinte fragmento:

Também não vem ela fazer ostentação de caridade, o que estaria em desacordo com seus princípios fundamentais; mas, manifestar a continuidade de um largo amor do próximo, sem interrupção quase desde o dia da fundação desta metrópole, cultivado por nossos antepassados e que, com inteira segurança, será para todo o sempre mantido pelos nossos descendentes⁸⁴.

Cabe uma breve diferenciação entre a caridade e a filantropia, para que equívocos conceituais sejam evitados. A caridade estaria vinculada a um dos mandamentos (ajudar ao próximo) e assim ligada ao fato de ser temente a Deus, configurando assim, uma virtude cristã. Já a filantropia traz consigo a ideia de utilidade social, e desta forma não está vinculada à

⁸⁴ CARVALHO, Miguel J. R. de. *Exposição Nacional de 1908. Notícias dos Estabelecimentos mantidos pela Santa Casa da Misericórdia da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Typ. Do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & C. 1908.

piedade, refere-se à ação que intenciona o bem-estar do outro, uma virtude social⁸⁵. É salutar, mencionar outra importante característica das ações realizadas por meio da caridade, o anonimato que tinha na igreja, e nas irmandades, a intermediária das ações caritativas. Logo o benemérito não receberia diretamente as vantagens por suas ações caridosas. O mesmo não pode ser dito das ações filantrópicas, em que são notórios os ganhos dos benfeitores na influência, no campo político e conseqüentemente no econômico.

Dessa forma, para a Irmandade tal obra somar-se-ia às outras que demonstrariam a organização da assistência no país. No que tange a assistência à infância, o quadro abaixo apresenta as instituições indicadas pela Misericórdia, como “precedentes” à criação da Policlínica e que analisaremos nesse capítulo.

Tabela 1: Precedentes históricos – Provedores		
Precedentes Históricos da Policlínica das Crianças		
Estabelecimento	Ano de criação	Provedor
Casa dos Expostos	1738	Manuel Corrêa Vasques
Recolhimento das órfãs e desvalidas de Santa Thereza	1740	Manuel Corrêa Vasques
Hospício Pedro II	1852	José Clemente Pereira
Instituto Pasteur	1888	Barão de Cotegipe
Asilo da Misericórdia	1890	Conselheiro Manuel de Oliveira Fausto
Asilo de São Cornélio	1900	Conselheiro Paulino José Soares de Souza

Fonte: Os provedores da Santa Casa da Misericórdia, José Viera Fazenda, 1959.

Dentre todas as instituições listadas nos deteremos com mais atenção no Hospital Geral e na Casa dos Expostos; e em menor ênfase, no Hospício de Pedro II (que na República é federalizado e passa a se chamar Hospício Nacional de Alienados) e no Recolhimento das Órfãs e Desvalidas de Santa Thereza, e das demais instituições referenciadas trataremos, brevemente.

⁸⁵ DUPRAT, apud SANGLARD, op. cit., 2008.

2.1 Assistência à infância no Rio de Janeiro

As mudanças mais profundas que acontecem em uma sociedade são resultados de um processo que demanda tempo, como é caso das alterações relacionadas à infraestrutura, bem como da concepção de cidade que as pessoas tinham ou pretendiam ter. O Rio de Janeiro da virada do século XX mantinha ainda muitas características do período do Império. As transformações pelas quais a cidade estava passando estavam vinculadas a uma perspectiva que pretendia se afastar do que a colônia representava em termos de desenvolvimento. A virada entre o século XIX e o século XX é marcada por uma série de mudanças no perfil social e urbano, em que a remodelação da cidade era necessária para que pudesse atender a demanda dos grupos dominantes, que entendia que essas transformações eram fundamentais para dar cabo ao projeto de país que imaginado por eles, que buscava inspiração na Europa. A reforma urbana era necessária para responder as exigências do grupo intelectual que assim como a cidade se modificava com o advento da República, em 1889.

O Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX era uma cidade com a estrutura de saneamento insatisfatória, com ruas sujas e reduzidas que favoreciam o desenvolvimento de foco de doenças como febre amarela, varíola, tuberculose e a peste⁸⁶. O Brasil, que nesse período se tornara republicano, em 1889, nos seus primeiros anos caracterizou-se por ser hierarquizador e excludente⁸⁷.

A posição do Rio de Janeiro no início do século XX é singular. Muitas eram as possibilidades para a cidade, visto que ela usufruía de um posto privilegiado em comparação com as demais cidades. Possuía a posição de mediador no que diz respeito aos negócios do café, bem como também por ser o centro político e cultura do país. Contava com ainda mais vantagens, como o fato de ser o maior centro comercial do país; na cidade eram localizadas as sedes dos bancos e empresas mais importantes. Somando-se a esses elementos, destaca-se o fato de que no Rio de Janeiro estava situado o maior centro populacional do país, o que significava um grupo viável de consumidores além da disponibilidade, vasta, de mão-de-obra⁸⁸. Mas, como Margarida de Souza Neves chama atenção, este momento era marcado pela

⁸⁶ PIMENTA, T. S. *Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos*. História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1): 67-92, 2004.

⁸⁷ NEVES, Margarida de Souza. “Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX” IN: FERREIRA, Jorge et DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano – o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira; 2ª ed.; 2006, p. 13-44.

⁸⁸ SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras; 2a. ed.; 2003.

oposição – do crescimento vertiginoso, que atraía hordas de imigrantes europeus na busca pelo sonho de *fazer a América*, que gerava riqueza – tempo do surgimento de novas fortunas – e que viu também crescer a pobreza urbana e viu surgir a multidão, outra característica deste tempo. Este conjunto de novidades, como aponta a historiadora, obrigou que as elites políticas repensassem a cidade e a reformasse, senão todas, ao menos a cidade-capital.⁸⁹

O cenário que se encontrava na cidade neste momento era preocupante no que diz respeito às questões sanitárias. As condições sanitárias existentes, as ruas estreitas e insalubres que facilitavam a propagação de doenças no final do século XIX não eram mais admitidas, não se enquadravam no plano de modernidade que era desenhado para Rio de Janeiro. Para solucionar os problemas persistentes e “civilizar” o Rio de Janeiro, mudanças profundas precisavam acontecer para que as características de cidade colonial com ruas estreitas, mal iluminadas, valas centrais, cortiços pudessem ser eliminadas. O Rio precisava se “civilizar”, eliminar das ruas o que não era desejável. A República que ainda caminhava convivendo com os resquícios da colônia que ainda estavam muito presentes.

As condições da pobreza possibilitaram também uma perspectiva que passou a perceber este grupo como um perigo iminente, ou dito de outra forma, passaram a ser percebidos como uma classe que oferecia risco. Risco que transcenderia às questões ligadas à ordem pública, representando a possibilidade de contágio. A solução para o problema estaria dissolvida em instâncias diferentes: por um lado era necessário que os adultos trabalhassem, que estivessem ocupados e por outro que os menores fossem educados, para o trabalho⁹⁰. A assistência à infância prestada pelas entidades mantidas pela Misericórdia passou pela perspectiva da educação, em que oferecia para os menores que por elas passavam cursos profissionalizantes, como está evidenciado, na parte que trata das instituições neste capítulo.

A ideologia da higiene evidencia uma postura que localiza nos pobres o perigo. Em sua reflexão acerca do Rio de Janeiro e da delimitação e do controle do espaço social, que era legitimado pelo discurso sanitário da época, Sidney Chalhoub diz:

As classes pobres não passaram a ser vistas apenas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio. Por outro lado, o próprio perigo social representado pelos pobres aparecia no imaginário político brasileiro de fins do século XIX através da metáfora da doença contagiosa: as classes perigosas continuariam a se reproduzir enquanto as crianças pobres permanecessem expostas aos vícios de

⁸⁹ NEVES, Margarida de Souza. *Op. cit.*

⁹⁰ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 29.

seus pais. Assim, na própria discussão sobre a repressão à ociosidade, que temos citado, a estratégia de combate ao problema é geralmente apresentada como consistindo em duas etapas: mais imediatamente, cabia reprimir os supostos hábitos de não trabalho dos adultos; a mais longo prazo, era necessário cuidar da educação dos menores⁹¹

As condições de higiene eram um dos agentes que impedia que a civilização se instalasse, afinal surtos de epidemias não são pertinentes a um território civilizado. Em uma perspectiva que via nos pobres, o perigo, uma vez que interfeririam na manutenção da ordem pública e na organização da rotina de trabalho, além de oferecerem grande perigo de contágio aos demais, essa questão se tornaria mais complexa para ser resolvida, conseqüentemente, mais perigosa. É no bojo dessas tensões que o Hospital Geral está inserido, prestando seus serviços para a população da cidade, e é esse o cenário que estava desenhado para sua atuação.

No final do século XIX, o Rio de Janeiro era caracterizado como insalubre. Foi essa característica da cidade que viabilizou a normalização da prática médica e a higienização social. No que diz respeito ao grande número de pessoas:

Ao responsabilizar a desordem urbana pela degeneração da saúde não só física como 'moral' da população, a medicina social diagnosticava causas naturais, relacionadas às peculiaridades geográficas do Rio de Janeiro, e, sobretudo, causas sociais, tanto no nível do funcionamento geral da cidade como de suas instituições⁹²

A reforma Pereira Passos está inserida no contexto brasileiro na composição da modernidade brasileira na virada do século XIX para o XX. Essa Reforma teve seu início no ano de 1903, promovida no governo de Rodrigues Alves. Contudo, a constituição da modernidade no Brasil diz respeito a um processo conservador, que foi promovido pelo Estado.

Uma nova fundação do Brasil se constituiu com a modernidade carioca: a nação se identificava com a cidade capital, sobretudo no que diz respeito à representação do país no exterior. Dessa maneira podemos aproximar a Reforma Pereira Passos à noção de modernidade, visto que a construção histórica do Rio de Janeiro associa-se à construção histórica do Brasil. Nesse momento ocorreu uma idealização da cidade como um espaço de ordem e de progresso, tendo a Reforma Pereira Passos sintetizado a mobilização em torno do arquétipo de um ideal de hegemonia.

⁹¹ Ibidem.

⁹² BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussman Tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990. p. 116.

Embutido nesse modelo de hegemonia estava a ideia de eliminação do passado colonial, nessa conjuntura a cidade estava colocada como “vitrine” do Brasil, juntamente com a introdução de valores como “regeneração” e até mesmo a necessidade de se viver a Belle Époque, em razão da sua missão de vanguarda da nação. A ideia de “vitrine” resultado do caráter artificial que essa ideia de modernidade gerou que criou um afastamento das classes sociais, afastamento esse que não foi solucionado pelo Estado.

Essa reforma que se insere nesse encontro de utopias se relaciona com as teorias higienistas que também foram constituintes do arcabouço ideológico para que o Estado atuasse sobre o espaço urbano⁹³.

A cidade convivia com problemas estruturais como as já mencionadas ruas estreitas, pouco iluminadas e com detritos à céu aberto. Contava também com a precariedade no que diz respeito às instituições de assistência. No que tange à assistência à infância, a virada do século XIX para o século XX viu surgirem diversas instituições filantrópicas voltadas para o atendimento da infância pobre. Estas criadas majoritariamente por médicos e financiadas pela filantropia privada eram insuficientes para darem conta do “problema da infância”⁹⁴. Destas instituições criadas neste período duas pertenciam à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Dessa maneira, para entendermos à assistência à infância no Rio de Janeiro investigaremos a Santa Casa da Misericórdia, pela perspectiva das ações que eram direcionadas às crianças.

Maria Luiza Marcílio chama de fase filantrópica os anos entre meados do século XIX e do século XX, em que alterações marcantes foram implementadas no Brasil, no que diz respeito à assistência à infância. E elenca marcos para que essas mudanças pudessem ocorrer, como a abolição da escravidão, a decadência do regime monárquico, a ruptura entre Igreja e Estado e a fragmentação do monopólio religioso da assistência social⁹⁵. Tendo uma visão mais generalista da assistência aos pobres, o que podemos perceber que ela não era suficiente nem organizada, quer a pública ou a privada⁹⁶.

⁹³ GONÇALVES, Ana Paula C. A reforma Pereira Passos e a formação da Modernidade Brasileira. VI ENEDS – Campinas, SP, Brasil, 17 e 18 de Setembro de 2009

⁹⁴ SANGLARD, Gisele. Filantropia e política pública: Fernandes Figueira e assistência à infância no Rio de Janeiro na Primeira República. In: Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

⁹⁵ MARCÍLIO, Maria Luiza. História Social da Criança abandonada. Editora Hucitec, 2ª ed., São Paulo, 2006. p. 191.

⁹⁶ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Pobreza e assistência no Rio de Janeiro na Primeira República. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol.18, supl.1, dez 2011, 194-195.

Cabe ressaltar, que datam do início do século XX uma obra de Ataulfo de Paiva que reflete a infância pobre, em que alerta que os cuidados com a infância. No que tange a questão legal, na qual se teve dado ao fato de que era jurista, ele entendeu que o *problema da infância* deveria ser resolvido pelo Estado. E entendia que os tribunais destinados para avaliação os casos das crianças, deveriam ser vistos como uma nova maneira de proteger à infância, e representaria civilização moderna⁹⁷.

O “problema da infância”, que estava ramificado em áreas fundamentais de atuação: delinquência infantil e a mortalidade infantil. Duas questões distintas que careciam da atenção da sociedade, para cada um dos problemas uma frente de atuação, de um lado os juristas, do outro os médicos, ainda que trabalhassem por vias distintas desempenhavam ações paralelas e de certa forma complementares.

Para a preocupação com a delinquência infantil, área de atuação dos juristas, as instituições seculares foram transformadas, e com ênfase no trabalho, foram elas: *a Casa dos Expostos, o Recolhimento das Órfãs e os Asilos*. Quer fossem crianças órfãs ou oriundas de famílias muito pobres que não podiam arcar com a sua criação, as crianças eram abrigadas nesses locais. Ambientes que os alimentava e cuidava, e que durante sua formação tinha a preocupação de prepará-los para o trabalho. Eram locais que os treinavam para um ofício, para que ao atingirem a idade de saída das instituições pudessem ser provedores do seu sustento. Acontecia tanto com os meninos, quanto com as meninas, em que os meninos eram orientados para atuarem em trabalhos ligados às indústrias, pequenos serviços ou para aprendiz de marinheiro, para servirem à pátria. A meninas recebiam orientação para atuarem como domésticas e costureiras, geralmente. Ofícios esses que pretendiam garantir a independência e, conseqüentemente, sua sobrevivência quando deixassem a instituição.

A outra área era a mortalidade infantil, área de interesse dos médicos, para isso contava com instituições distintas, cronologicamente organizadas seguem os locais dedicados ao cuidado das crianças, no Rio de Janeiro nesse período. A cidade do Rio de Janeiro viu surgirem instituições voltadas para a solução dessa questão. O Instituto de Assistência e Proteção à Infância do Rio de Janeiro (Ipai) foi criado em 1899; a Policlínica de Botafogo é do ano de 1899; a Policlínica das Crianças em 1909 e o Hospital São Zaccharias em 1914 – sendo as duas últimas vinculadas à Misericórdia carioca. Foram essas instituições que se dedicaram aos

⁹⁷ SANGLARD, Gisele e GIL, Caroline Amorim. Assistência à Infância Filantropia e Combate à Mortalidade Infantil no Rio de Janeiro (1889-1929). Revista da ABPN, Vol. 6, No 14 (2014).

cuidados relativos à saúde dos menores, no que diz respeito à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

2.2 A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro

É atribuída a dona Leonor, viúva de D. João II, rei de Portugal, que morreu em 1495, a proteção à Confraria da Misericórdia, criada no final do século XV. Que teria sido influenciada para que a estabelecesse pelo frei Miguel de Contreiras, que era espanhol, de origem nobre, mas havia se estabelecido em Portugal. Com o apoio de seu irmão, o então rei de Portugal Dom Manuel I as primeiras obras para a concretização do projeto foram iniciadas. Para entendermos o funcionamento da Santa Casa no Rio de Janeiro, percorremos brevemente, o histórico dessas instituições⁹⁸.

A historiadora portuguesa, Isabel dos Guimarães Sá define de forma clara e objetiva o que ela denomina como lógica da caridade. E coloca os aspectos relativos à ação das pessoas caridosas, em cheque, como por exemplo, a facilitação, aos doadores na ocupação de cargos e postos estratégicos de poder ou na escolha dos beneficiados para a manutenção do poder e da ordem. O texto salienta que existe, em Portugal, uma tradição que utilizava a caridade para apoiar a lógica da posição social as suas respectivas normas de convivência. Tal como Isabel Sá, considero importantes as estratégias de poder que foram possibilitadas pela caridade⁹⁹.

As práticas caritativas desempenhadas pela irmandade estavam pautadas das quatorze obras de caridades, que tratam de sete espirituais e sete corporais:

ensinar os ignorantes, dar bom conselho, punir os transgressores, consolar os infelizes, perdoar as injúrias recebidas, suportar as deficiências do próximo, orar a Deus pelos vivos e mortos, resgatar cativos e visitar prisioneiros, tratar dos doentes, vestir os nus, alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, abrigar os viajantes e os pobres, sepultar os mortos¹⁰⁰.

⁹⁸ Pesquisa - Jacqueline Ribeiro Cabral - Redação - Jacqueline Ribeiro Cabral; Verônica Pimenta Velloso Revisão – Francisco José Chagas Madureira. Verbetes disponíveis: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz – (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>)

⁹⁹ SÁ, I. dos Guimarães. As crianças e as idades da vida. IN: MATTOSO, J. (Dir.). História da Vida Privada em Portugal. Lisboa: Círculo dos leitores e Temas e Debates, 2011. v.3: A idade moderna; p.8.

¹⁰⁰ RUSSELL-WOOD, 1981:145, apud, GANDELMAN, Luciana Mendes. A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. História, Ciência e Saúde. 613-30, set. dez. 2001. Ilus.

As práticas de caridade fundamentadas nesses preceitos não diferenciam os vivos dos mortos, tendo em vista que os mortos poderiam legar bens para as obras da igreja, dessa maneira os cuidados poderiam ser dedicados ao corpo ou à alma. A caridade ocupava posição no que diz respeito à salvação semelhante ao das orações ou das penitências. Existia a preocupação com a morte, que podemos dizer, acontecia em dois momentos: a morte física e a morte dos infernos, assim legar patrimônio para a obra de caridade poderia suavizar parte da morte ¹⁰¹.

Outro aspecto que era necessário era a atenção em relação ao público que era atendido, a necessidade de distinção dos pobres que receberiam o atendimento. Era também uma questão central para as Misericórdias a seleção dos pobres. Estabeleceram-se estratégias para que o verdadeiro pobre não fosse confundido com o falso, aquele que poderia trabalhar, mas não fazia¹⁰².

As Misericórdias foram responsáveis, por participarem influentemente da renovação que ocorreu na assistência que era praticada, em seu momento inicial na capital do reino e posteriormente nas colônias. É salutar informar que muitas das modificações ocorridas no que dizia respeito à assistência que estava disponível para a população foram sendo alteradas de acordo com a realidade do período, assim apresentavam mudanças que pretendiam dar conta dos problemas da hora. Distintos percalços foram enfrentados e influíram como, por exemplo, a pobreza, as crises enfrentadas no século XIV, a peste, o desemprego e mesmo o aumento dessas cidades¹⁰³ (Franco, 2014: 06). Todos esses aspectos influenciaram na reorganização do sistema de auxílio que era oferecido aos pobres, e a distinção entre esses pobres também se tornou uma questão a ser discutida, esses que estariam alocados de diferentes maneiras, como dito “a diferenciação entre pobres mercedores e não mercedores de ajuda; o caráter local dos estabelecimentos de auxílio; predomínio laico”¹⁰⁴ (Franco, 2014: 06).

No que tange a expansão do Estado português, as Misericórdias não podem passar despercebidas, já que faziam parte da difusão do território. As características do seu funcionamento, certamente, contribuíram para esse aspecto¹⁰⁵. Elas foram as representantes preponderantes das práticas caritativas entre os séculos XVI e XIX do território português,

¹⁰¹ SÁ, Isabel dos Guimarães. *As Misericórdias Portuguesas, séculos XVI a XVIII* / Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. P. 14-16.

¹⁰² Idem, op. cit., 24-25.

¹⁰³ FRANCO, Renato. O modelo luso de assistência e a dinâmica das Santa Casas de Misericórdia na América Portuguesa. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol.27, nº53, p.5-25, janeiro- junho 2014. p. 06.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ FRANCO, Renato. O Privilégio da Caridade: comerciantes na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (1750-1822) In: *Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal* – Gisele Sanglard...[et al.]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

ainda que o mesmo fosse fragmentado. As regras estáveis que nesse cenário pulverizado agregavam valor político à atuação da Misericórdia, fica claro no seguinte fragmento: “as Misericórdias faziam parte integrante da construção do Estado, que por sua vez se afirmava por via da expansão territorial.”¹⁰⁶

Tais aspectos foram também pertinentes para o caso do Brasil colônia, sendo as questões relacionadas aos pobres que são atendidos também um aspecto a ser indagado. O público atendido pelas instituições aos cuidados dessa Irmandade, outro ponto para uma análise, não pontual e sim específica.

As Misericórdias harmonizaram as mudanças que ocorreram na assistência, quer fosse nos auxílios aos problemas epidêmicos ocorridos ainda no século XVI, que assolavam as cidades, como o caso do surto de peste. Além do auxílio que prestavam durante as pandemias, foram fundamentais para aliviar as mazelas vividas pelos mais pobres, que eram acentuadas em cada crise de desemprego¹⁰⁷. Com o tempo, a forma com que se ocupavam dos pobres também foi alterada, tendo sido criadas categorias para que a ajuda fosse fornecida, sendo elas “a diferenciação entre pobres merecedores e não merecedores de ajuda; o caráter local dos estabelecimentos de auxílio; predomínio laico”¹⁰⁸.

Há que se pensar ainda na diversidade dos serviços a cargo da Misericórdia. Ela não cuidava simplesmente das debilidades físicas, como também de asilos dedicados ao cuidado de problemas mentais, das crianças que foram abandonadas pelos pais, ou mesmo daquelas que perderam os pais, como no caso das meninas desvalidadas/órfãs, também ficava a cargo de seus serviços os cuidados funerários, assim esta se configurava não apenas como aquela que estaria presente na vida das pessoas, como também da morte daqueles que viviam e usufruíam dos serviços disponíveis nas cidades¹⁰⁹. No caso das colônias, especificamente, no caso do Brasil, a imponência dessa Irmandade foi grande, mas os casos que podem ser mais facilmente relacionados com o caso da importância tal qual foi em Portugal, o Rio de Janeiro é simbólico, pois ela exerceu papel fundamental na constituição de uma rede de assistência para a cidade, tanto no cuidado dos seus doentes, como no cuidado dos seus mortos, tendo em vista que os cemitérios também ficavam a cargo da Misericórdia.

A Misericórdia prestou grande auxílio ao Império Português não apenas por ajudarem a difundir a fé católica, como também por prestarem grande benefício no que diz respeito à

¹⁰⁶ Sá, op. cit., 2013, p. 9.

¹⁰⁷ FRANCO, op. cit., 2014.

¹⁰⁸ Idem, p. 06.

¹⁰⁹ FRANCO, op. cit., 2014.

existência de uma rede básica de atendimento e em muitos outros serviços que prestavam à população¹¹⁰. Elas contavam com muitos benefícios que eram dados pela coroa, em que era alimento um tipo de engrenagem da caridade no mundo português. A engrenagem do sistema era movida pela economia da caridade, em que aqueles que eram mais bem sucedidos, financeiramente, deveriam ajudar aos mais necessitados, ou aqueles que eram considerados como tais¹¹¹.

Muitas das Santas Casas excederam cinco séculos de existência, sobrevivendo às marcantes transformações políticas, sociais e econômicas. Dessa forma, o Estado Português, com o suporte das ações misericordiosas das Santas Casas “lançaram os alicerces de um sistema de apoio social, relativamente uniformizado, assente numa explícita lógica de divisão de funções, que ambicionava abranger os presos, as crianças desprotegidas, os pobres e os doentes”¹¹².

Para além desta semelhança do sistema assistencial reinante no Império ultramarino português, no Brasil, o prestígio social era uma das faces da moeda colonial em transformação¹¹³. Dessa maneira, os legados e as doações feitos às irmandades, assim como o pertencimento a estas instituições se explicam não só por seu caráter religioso e caridoso, como também pelo prestígio social a ela agregado desde os tempos coloniais. Era notória a exclusividade de se pertencer à irmandade, que possuía critérios muito rigorosos para aceitar membros, em que se configuravam como espaço que seria ocupado por aristocratas¹¹⁴. Ser irmão era privilégio para poucos e trazia em si muito reconhecimento social. Ressalte-se que estes mesmos homens ainda estariam organizados, no interior da irmandade, em grupos de poder distintos de acordo com suas posses e influência social no momento, estando eles divididos em irmãos de primeira condição: nobres; os de segunda condição: oficiais, comerciantes¹¹⁵.

A criação da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, no século XVI traduz as transformações da instituição em Portugal e seu papel na Misericórdia. Instalada na rua Santa Luzia, local em que permanece até hoje, a criação da instituição é motivo de discussão. Há quem afirme que sua fundação teria ocorrido no mesmo período em que os primeiros núcleos de povoamento, entre os anos de 1545 e 1547 foram instalados, outros conferem ao padre José

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ FRANCO, 2015, op. cit., p. 25.

¹¹² ABREU, Laurinda. Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII). Évora: Edições Colibri/CIDEHUS-Universidade de Évora; 2004 .p. 13.

¹¹³ MATTOS, Ilmar R. de. O Tempo saquarema. São Paulo: Hucitec, 2004.

¹¹⁴ FRANCO, 2015, op. cit., p. 25.

¹¹⁵ Comerciantes com loja aberta, isentos de trabalhar com as mãos (Franco, 2015:25).

de Anchieta que teria oferecido ajuda à uma esquadra espanhola com destino ao Estreito de Magalhães, que tinha muitos membros de sua tripulação com enfermidades, logo teria sido organizado um local para o atendimento na orla do Morro do Castelo, e que provavelmente foi o primeiro local para atendimento existente no Brasil, então colônia.

O hospital da Misericórdia ficava evidenciado por atender distintos grupos sociais, assim poderia ser frequentado tanto por pessoas livres, quanto por escravos (estes pagantes), com quaisquer idades. Outra característica do Hospital Geral foi o de ser o lugar das aulas práticas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), a partir de 1808 quando esta instituição foi criada. A atuação dos membros da Faculdade de Medicina acentuava a importância intrínseca à instituição, como também influenciou na dinâmica da rotina da entidade¹¹⁶.

A relação da irmandade com os poderes públicos foi marcada por forte tensão, como demonstram as autoras supracitadas. Uma vez que, por financiar as ações da Misericórdia através de subvenções, o governo Imperial acabava interferir no cotidiano da instituição: quer ao transformar seu hospital em espaço de atuação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quer no que as autoras designam como “direcionamento [da] assistência que deveria ser oferecida a população”¹¹⁷.

Outro ponto salientado pelas autoras ainda acerca da relação da irmandade com o governo Imperial é a presença de lideranças políticas na mesa diretora e, sobretudo, na provedoria da instituição. Para elas, ao serem analisadas “as relações que foram se estabelecendo entre a Santa Casa e o Estado, é preciso considerar as inserções políticas dos indivíduos envolvidos”, dentre os quais a figura de José Clemente Pereira é exemplar¹¹⁸.

É conferida à José Clemente Pereira¹¹⁹ umas grandes viradas administrativas da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Ele foi eleito para a provedoria em julho de 1838. O novo provedor havia se preparado para o cargo, talvez seja esse o motivo do sucesso da sua chefia e em seu gerenciamento elencou difíceis prioridades, como por exemplo, a redução das despesas da instituição paralelamente ao aumento da arrecadação; a transferência do cemitério

¹¹⁶ PIMENTA, Tânia Salgado. DELAMARQUE, Elizabete Viana. O estado da Misericórdia: assistência à saúde no Rio de Janeiro, século XIX. In: Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal – Gisele Sanglard...[et al.]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.p. 40.

¹¹⁷ Idem, p. 41.

¹¹⁸ Idem, p. 43.

¹¹⁹Nota biográfica: José Clemente Pereira nasceu em Portugal no ano de 1787, mas teve no Brasil imponente trajetória, ocupou distintos cargos dentre eles: deputado geral, ministro dos Estrangeiros, ministro da Justiça, ministro da Guerra, Conselheiro de Estado, ministro da Fazenda e senador do Império do Brasil de 1842 a 1854. Foi eleito provedor da Santa Casa de Misericórdia no ano de 1838 e lá permaneceu até a sua morte em 1854.

para um local mais distante do hospital, uma vez que a proximidade dos mortos representava um risco de contaminação para os ali recolhidos, sabendo-se dos problemas que os corpos em putrefação podem ocasionar à saúde¹²⁰

Assim que assumiu a administração da instituição, ele implementou medidas para atingir as metas que havia estabelecido¹²¹ e consegue reduzir significativamente o déficit existente; bem como a ampliação das receitas e a redução das despesas. Vieira Fazenda afirma que

Ao assumir a provedoria, encontrara José Clemente um déficit de 40:000\$000, que foi solvido dentro do ano anterior do ano de 38-39. A receita, que no ano anterior fora de 102:800\$000, foi elevada no subsequente a 147:755\$000.

A despesa em 37-38 havia sido de 128:000\$000. No ano seguinte baixou a 116:655\$000. Convém notar que o patrimônio constava de 187 prédios e foro de 38 terrenos, 151 de diversos valores, cujos rendimentos ao todo atingiam à cifra de 120:800\$000¹²².

Três anos depois de assumir a provedoria o próprio Clemente Pereira anunciava que a entidade não tinha dívidas atrasadas “É finalmente lisonjeiro anunciar-vos que a Santa Casa não tem dívida alguma passiva [...]”¹²³. Sua provedoria é considerada de sucesso por aqueles que a analisam, e é definido por Vieira Fazenda como *herói da caridade* e que sua vida poderia ser resumida como: *transire beneficiando*¹²⁴.

¹²⁰ FAZENDA, José Vieira. Os provedores da Santa Casa da Misericórdia. Impresso nas Oficinas Gráficas da Fundação Romão de Mattos Duarte. 1959.p. 169.

¹²¹Cabe ressaltar a provedoria de sucesso que foi exercida por José Clemente Pereira, sua passagem pela Misericórdia deixou um legado essencial para a assistência à população do Rio de Janeiro, não tendo ele passado despercebido, suas ações ecoaram pela irmandade, enfrentou críticas, mas foi constantemente elogiado por seus contemporâneos pelas suas realizações em que é dedicada à ele os seguintes versos em latim: *Semper honor, nomenque tuum, laudesque manebunt* - Sempre a honra e o nome de seus louvores permanecerá/ tradução livre (Carvalho, 1908).

¹²² Idem, p. 170.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Latim: passe beneficiando – passe fazendo o bem.

Figura 2: José Clemente Pereira



Fonte: novomilenio.inf.br

A administração José Clemente Pereira a frente a Misericórdia enfrentou diversas críticas. Dentre seus opositores encontra-se Mello Franco que o acusou de usar recursos da instituição da maneira que considerava cabível. Contudo, sua gestão ficou assinalada por importantes medidas que foram tomadas para revitalização da instituição, quer em suas características estruturais ou organizacionais¹²⁵. Outra singularidade de sua provedoria é o fato dele ter sido membro dos espaços políticos, assim sua influência estava diluída não apenas no concernia às questões da Misericórdia, como também em outras decisões políticas da época¹²⁶.

Luciana Gandelman afirma que a provedoria de Jose Clemente Pereira “transformou o perfil da irmandade, dando o tom às gestões das provedorias subsequentes”¹²⁷, sobretudo no que tange a proximidade com o poder central que ele e seus sucessores vão desfrutar¹²⁸.

Para Luciana Gandelman, a Santa Casa da Misericórdia, pelo lugar privilegiado que ocupava na sociedade carioca no período, permite que façamos uma análise da elite dessa época e das estratégias de atuação adotadas para a realização de seus projetos.

Pela estreita relação que manteve ao longo de três séculos, nem sempre pacífica ou subserviente, com os projetos de governo, com governantes e membros da elite, a Santa Casa é um privilegiado campo de observação das políticas dessa “elite” com relação à cidade e seus pobres. Mais do que simples resposta ao crescimento da população, as mudanças sofridas no espaço, organização e atuação da irmandade corresponderam às modificações de diversas naturezas ocorridas na sociedade, econômicas e políticas, religiosas e simbólicas. À medida que a cidade deixa de correr inteira pela rua da Misericórdia, e de dar em sua igreja, a irmandade acompanha as suas frentes de expansão, tornando-se palco ou objeto de candentes discussões e de projetos que influenciaram de maneira significativa as transformações sociais e urbanas ocorridas no século XIX¹²⁹.

¹²⁵ PIMENTA e DELAMARQUE, op. cit., 2015, p.39.

¹²⁶ Para que ilustrarmos a atuação de José Clemente Pereira nas decisões políticas da cidade, é interessante lembrar que ele participou da formulação do código criminal de 1830 e do comercial, de 1850 (Pimenta e Delamarque, 2015:41).

¹²⁷ GANDELMAN, op. cit., 2001, p. 629.

¹²⁸ PIMENTA e DELAMARQUE, op. cit., 2015.

¹²⁹ GANDELMAN, op. cit., 2001, p. 269.

E são justamente estas transformações que pretendemos evidenciar na Misericórdia do Rio de Janeiro no início do século XX, no que tange a assistência a infância, que tem início no século XIX, mas estão presentes na Primeira República.

Aqui chegamos ao que pretendemos, de fato nos ater, o Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, contudo não será feita aqui a análise do hospital em toda a sua trajetória. Nosso ponto de análise é ainda mais específico, e está cronologicamente localizado.

2.2.1 Hospital Geral:

Na virada do século XIX para o século XX a Santa de Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro figurava como a instituição que atuava de forma mais efetiva na assistência à população. Como visto anteriormente, não se tratava de uma instituição pública, mas sim de uma organização privada. Todavia sua aproximação com o Estado imperial fez com que ela tivesse a prática de uma instituição pública. Foi na cadência dessa característica que a entidade se manteve no período.

Entenderemos o Hospital Geral como instituição central da qual a Policlínica das Crianças, objeto de estudo, é parte integrante. Caberá a este trabalho estabelecer os limites da atuação da Policlínica para que possamos evidenciar quais papéis cabiam as instituições ligadas ao hospital, identificando o papel específico desempenhado por aquelas que se dedicavam ao atendimento das crianças da cidade.

A escolha para a análise das instituições é relativamente simples, o critério de ordenação que será adotado aqui é o cronológico, assim as instituições estão relacionadas de acordo com o ano da sua fundação, e abordagem que será dada para cada uma dela será aquela que foi indicada na parte introdutória desse capítulo.

Figura 3: Hospital Geral



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

A fundação desse estabelecimento é fruto de variadas argumentações como foi colocado anteriormente, mas é interessante mencionar que a própria irmandade reconhece que a data de fundação é contestável, tendo em vista que a própria correlaciona tal questão quando faz o apanhado histórico da obra em comemoração à Exposição Nacional de 1908, em que podemos ler:

Seja em 1545 como querem uns, seja em 1582 como sustentam outros, o certo é que a mais de três séculos se organizou nesta cidade uma força benéfica, nos moldes da instituída em Lisboa, por Frei Miguel de Contreiras e a Rainha D. Leonor, no ano de 1498¹³⁰.

Cabe aqui retomar o que Isabel dos Guimarães Sá diz a respeito do que acontece com as datas de fundação dessas instituições, uma vez que as datas entre a liberação por parte do poder régio e alvarás e funcionamento dessas instituições são passíveis de discussão e que para muitas Misericórdias, portanto, existe não uma data de fundação, mas uma primeira data que comprova a sua existência¹³¹. No caso, da Misericórdia do Rio de Janeiro o período de fundação está atribuído ao mesmo século, ainda que em períodos diferentes deste século.

Com relação a seu Hospital Geral, este “destacava-se por ser aberto a pessoas de qualquer grupo social, condição jurídica (escravo, forro ou livre), idade e cor”¹³² (Pimenta e Delamarque; 2015: 40). Outra característica deste hospital é o fato dele exercer, a partir de 1808 uma terceira função, além das outras herdadas do período colonial – hospital público e privado – passou a ser também o hospital universitário: era em suas dependências que ocorriam as aulas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ressalte-se conforme Tania Pimenta e Elisabete

¹³⁰ CARVALHO, op. cit., 1908, p. 5.

¹³¹ SÁ, op. cit., 2013, p. 34.

¹³² PIMENTA e DELAMARQUE, op. cit., 2015, p.50.

Delamarque apontam que esta proximidade foi capital para a transformação do hospital da Misericórdia.

A provedoria de José Clemente Ferreira trouxe grandes transformações no cotidiano do hospital. Foi na sua administração que houve a separação dos loucos dos doentes, antiga reivindicação dos médicos, com a criação do Hospício de Pedro II no âmbito das comemorações da maioridade do jovem imperador; seu Hospital Geral foi reformado, tendo sido construído um novo edifício seguindo as normas mais modernas da higiene hospitalar; as irmãs vicentinas foram chamadas para administrarem o novo hospital, causando mais tensão no seu interior; e, por fim, a abertura do novo cemitério, no Caju, a partir da vitória na concorrência para a administração deste espaço que obrigou a Irmandade a ampliar a assistência à saúde na cidade, com a abertura de novos hospitais e hospícios (Pimenta e Delamarque, 2015 e Sanglard, 2008).

José Clemente Pereira mantinha com a Imperial Academia de Medicina relação constante. Recorria a ela em diversas ocasiões, como para a escolha do terreno que iria abrigar o novo cemitério. Ressalte-se que a licitação aberta pelo governo Imperial para a administração do novo cemitério obrigava ao vencedor do certame a necessidade “de estabelecerem, manterem e conservarem três enfermarias providas de boticas regulares para tratamento e socorro da pobreza enferma, tanto em tempos ordinários, como em casos de epidemia” (Fazenda, 1959: 184-185). Estas enfermarias deram lugar aos atuais hospitais de N. Sra. da Saúde, N. Sra. do Bonsucesso e N. Sra. da Piedade, todos pertencentes à irmandade da Misericórdia carioca.

Figura 4: Cemitério de São Francisco Xavier



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

As mudanças primordiais das quais o Hospital Geral necessitava foram empreendidas pelo provedor, que mapeou os principais problemas enfrentados existentes em um relatório que segundo Viera Fazenda era fiel aos problemas efetivos na instituição. Em que é relatado por ele como:

Construído aos poucos e sem plano regular, tinha suas enfermarias acaçapadas e de paredes prestes a ruir. O ar nelas penetrava por pequenas janelas ou antes mesaninos engradados. Tudo ali era insalubridade e foco de moléstias. Não havia água encanada e os despejos eram feitos pelos serviçais na praia próxima. Viviam em promiscuidade doentes atacados por males diversos¹³³.

Promoveu mudanças na acomodação de pacientes contaminados com a varíola que não ocupavam lugares adequados, promoveu a mesma política segregacionista aos tuberculosos. Para elaborar um plano para o novo hospital que fosse adequado à necessidade da população, recorreu como era de costume à Academia de Medicina, para a construção do novo hospital foram necessários doze anos, desde a colocação de sua pedra fundamental até a conclusão da obra. Enfim, em 1852 o Hospital da Misericórdia e inaugurado, agora definitivamente afastado da convivência com os loucos e os mortos.

O livro lançado na Exposição Nacional de 1908, conta com imagens da parte interna do Hospital Geral. As imagens a seguir foram retiradas do livro e procuram evidenciar a modernidade que a provedoria da irmandade queria demonstrar ao publicar o livro.

Figura 5: Hospital Geral – Pharmacia de reserva



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

¹³³ FAZENDA, op. cit., 1959, p. 171.

Figura 6: Hospital Geral – Amphitheatro de operações



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908

O Hospital Geral era o local central do atendimento à população no Rio de Janeiro da virada do século e José Clemente Pereira não realizou obras apenas nesse hospital, ele também promoveu modificações nas demais instituições geridas pela Misericórdia. Durante a sua provedoria deixa evidente sua vontade de criar o hospício de alienados, e mais tarde foi erguido o Hospício Pedro II.

Luciana Gandelman afirma que foram profundas as mudanças promovidas por Clemente Pereira que implementou um novo sistema de organização dos estabelecimentos da Misericórdia, que estava alinhado às mudanças que ocorriam na cidade, evidenciando a estreita relação que a irmandade mantinha com o governo. Para a autora, a

característica da gestão de Clemente Pereira foi a fragmentação das repartições da irmandade e sua distribuição pela cidade, acompanhando sua expansão e urbanização. Mais do que simples deslocamentos, tais transformações representaram paulatina concentração da irmandade em atividades hospitalares, até que essas atividades e seu nome se transformassem em sinônimos, legando as demais repartições denominações à parte. A atuação dos irmãos foi reduzida à instancias administrativas, e a importância de sua aparição pública em cerimônias e festas religiosas foi reduzida por efeito da racionalidade que punha em primeiro plano a cura, os investimentos em medicamentos e na medicalização dos corpos. O grande conjunto arquitetônico da rua de Santa Luzia e, portanto, as próprias irmandades passaram a ser dominados por seu hospital. As demais repartições distribuídas por prédios da cidade orbitariam como satélites distantes, marcados pela especialização de funções. O chamado Campo Santo da Misericórdia foi

transferido para sítio distante no Caju, e aos poucos se desdobraria em vários cemitérios de denominações diferentes.¹³⁴

A gestão de Clemente Pereira promoveu mudanças na estrutura das ações realizadas pela irmandade da Misericórdia, que a partir de suas ações reconfigurou sua forma de atuação, que em seus distintos setores sofreu algum tipo de ajuste, em alguns casos no que concernia ao público atendido ou a forma como o atendimento era prestado, como por exemplo uma instituição para cuidar de meninas desvalidas que não fossem órfãs, o Amparo às Meninas Desvalidas ou mesmo mudanças geográficas, como no caso da Casa dos Expostos.

2.2.2 Casa dos expostos

As Rodas de Expostos foram instituições essencialmente urbanas – elas só existiram porque as Misericórdias aceitaram administrá-las, no início, ou foram forçadas a isso, mais tarde¹³⁵.

No século XIX a assistência que era dedicada aos menores que não contavam com os cuidados da própria família era aquela que era prestada pela Misericórdia, em que sua ação estava fundamentada nos preceitos caridosos cristãos, relacionados anteriormente às mencionadas obras de misericórdia¹³⁶.

Até 1738 os enjeitados da cidade do Rio de Janeiro, não tinham um local específico para serem destinados. Tendo em vista, a perspectiva de colonização adotada pelos portugueses, muito pautada pela fé no catolicismo, era plausível que se percebesse na Misericórdia a possível solução para o problema. De acordo com Margareth de Almeida Gonçalves:

A colonização portuguesa era movida pela fé católica. Assim, o olhar sobre a população e seus problemas estava guiado por atitudes de piedade, proteção ao próximo e misericórdia cristã. As questões relacionadas à vida da população tendiam a ser percebidas numa perspectiva individual, particular, não abrangente. Como a obra do espírito cristão o atendimento à pobres e necessitados esteve limitado à atuação de grupos religiosos. O modelo da

¹³⁴ GANDELMAN, op. cit., 2001, p. 629.

¹³⁵ MARCÍLIO, op. cit., 1998, p. 147.

¹³⁶ Idem, 144.

colonização portuguesa envolvia a participação incondicional das Misericórdias¹³⁷.

É Romão de Mattos Duarte, homem de origem portuguesa quem doa 320\$000 réis para que a Santa Casa da Misericórdia cuidasse das crianças enjeitadas. Com essa quantia a Santa Casa disponibilizou espaço no hospital para que as crianças fossem atendidas¹³⁸. A autora aponta a atitude de Romão Duarte como a pioneira das demais que aconteceriam durante os séculos XVIII e XIX.

Margareth Gonçalves chama atenção também para caracterização das crianças que eram abandonadas, que também é alterada quando a fundação da instituição ocorre. Quando foi a construída a roda, a representação da lógica do abandono também tem seu significado modificado. Com o tempo, posteriormente após a criação da Casa dos Expostos, denominação que a instituição que se ocuparia das crianças que eram abandonadas recebeu, a palavra exposto passou a ser utilizada, ao invés do termo enjeitado¹³⁹.

Com a criação dessa instituição as crianças abandonadas na cidade do Rio de Janeiro, passaram a ter um possível destino, não mais sendo necessário que fossem deixados em um lugar que fosse adequado para recebê-los. A data de fundação da Casa dos Expostos é 14 de janeiro de 1738, e data de entrada de um menino que foi depositado na portaria da Santa Casa é 17 de janeiro de 1738, que foi batizado com o nome de Romão em homenagem ao pioneiro benfeitor.

Figura 7: Projeto para Casa dos Expostos



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

¹³⁷ GONÇALVES, Margareth de Almeida. Expostos à misericórdia: um estudo sobre o abandono de crianças no Rio de Janeiro (século XVIII e XIX). Dissertação de mestrado, IUPERJ. 1989, p. 67.

¹³⁸ GONÇALVES, op. cit., 1989, p. 68.

¹³⁹ GONÇALVES, op. cit., 1989, p. 69.

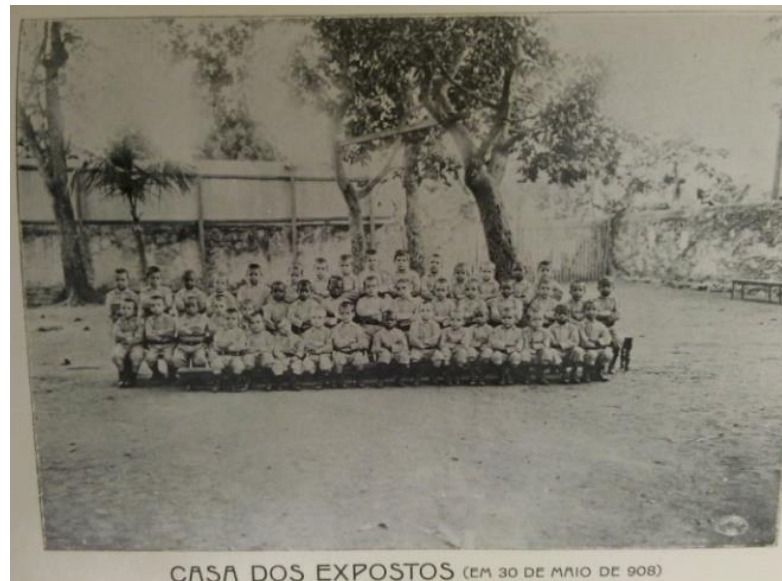
A Casa dos Expostos que foi fundada em uma enfermaria do Hospital velho e teve distintos endereços até que tivesse sua sede permanente. Na provedoria de José Clemente Pereira, a Roda instalada no Largo da Lapa; já na provedoria do Marques de Paraná foi proposto que a instituição fosse para um local em que pudesse ter mais espaço, o grande problema percebido no endereço do do Largo da Lapa é que os despejos eram feitos perto da instituição, o que causava problemas à saúde dos que viviam lá. Quando assumiu a provedoria Marques de Abrantes, em 1860, mudou a instituição do Cais da Glória, para a rua Evaristo da Veiga.

Já na provedoria de Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, os prédios da Evaristo da Veiga foram desapropriados e utilizados para aumentar a sede da brigada policial (atual Quartel General da Polícia Militar). A instituição foi para a rua Senador Vergueiro, até que seu prédio fosse construído, já em seu endereço definitivo, na rua Marques de Abrantes, no terreno que havia sido adquirido inicialmente para a construção da Policlínica das Crianças, que achou-se por bem, ser construída em uma região na qual pudesse atender uma parcela da população mais carente. É interessante salientar que tal mudança contou com a autorização de José Carlos Rodrigues. Assim a sede definitiva da Casa dos Expostos passou a ser o local onde seria instalado o hospital de crianças proposto por José Carlos Rodrigues. Deixando assim a construção da Policlínica submetida à aquisição de um novo terreno, em um local que atendesse às expectativas dos benfeitores¹⁴⁰. Tal evento torna a ação de José Carlos Rodrigues dupla: se torna ao mesmo tempo importante para Casa dos Expostos e para a Policlínica, criada por sua própria iniciativa.

É importante salientar o caráter profissionalizante que a Casa dos Expostos passa a ter. Lá funcionavam escolas técnicas para que os meninos pudessem deixar a instituição com a possibilidade de conseguir um emprego. Para as meninas, em geral a função ocupada era a de empregada doméstica. Fica colocado o papel dessa instituição para a Misericórdia, o de abrigar as crianças que eram abandonadas e prepara-las minimamente para que pudessem sobreviver quando deixassem a instituição.

¹⁴⁰ IHGB- Col. JCR- Notação: 585-1

Figura 8: Casa dos Expostos – Em 30 de maio de 1908



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

Figura 9: Casa dos Expostos – Em 30 de maio de 1908



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

No momento em que é produzido o livro, 1908, a Casa dos Expostos contava com 236 internos em seu estabelecimento, para acolhida existiam 191 recolhidos, e no *Collegio de Santa Rosa* mais 25, totalizando atendimento para 452 recolhidos, para o cuidado a Misericórdia contava com a ajuda das irmãs de caridade de São Vicente de Paulo.

Com os bens que possuía entidade mantinha suas despesas, como fica demonstrado na tabela que segue¹⁴¹:

¹⁴¹ O quadro explicita a receita, mas não discrimina as despesas.

Tabela 2: Receitas e Despesas	
Receita e despesa para o ano compromissal de 1908 e 1909	
Renda dos prédios:	
Aluguéis de 31 prédios	138:000\$000
Arrendamento de um terreno rústico	150\$000
Aluguel da Biblioteca da Faculdade de Medicina	3:000\$000
De 1/3 líquido do legado da benfeitora Luiza	21:134\$666
De 1/5 líquido do legado do benfeitor Estevão	5:904\$000
Dos administrados pela V. O 3ª da Penitência	13:933\$940
Apólices da dívida pública:	
De 562 apólices de 1:000\$ e uma de 200\$	28:110\$000
Apólices municipais:	
De 1.322 apólices de 5%, ouro, ao câmbio de 15 (£20)	21:152\$000
De 29 apólices de 6%, 200\$ (papel)	348\$000
Outras verbas inclusive a extraordinária de 166:686\$597	230:736\$182
	402:469\$460
Calculada a despesa ordinária em	181:735\$030
Fica um saldo de	220:734\$430

Fonte: Livro publicado durante a Exposição Nacional de 1908. Organizado pelo provedor: Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.

Até o período desse ano compromissal 1908-1909 na data de 30/06/1908, o número total de assistidos por essa instituição era de 43.360.

2.2.3 Recolhimento das Órfãs - Recolhimento de Santa Thereza – Recolhimento das Órfãs de Santa Thereza

O Recolhimento das Órfãs foi criado no dia 15 de setembro do ano de 1740. Sua criação teve como doação inicial o valor de 50.000 cruzados que foram doados a Misericórdia para o atendimento de órfãs indigentes pelos senhores Marçal de Magalhães Lima e o Capitão Francisco dos Santos, no ano de 1739.

A localização dessa instituição também foi alterada variadas vezes. O de quando o recolhimento foi inicialmente instalado na própria Santa Casa, na qual permaneceu até o ano

de 1842. Seu antigo prédio passou a ser ocupado pela Faculdade de Medicina. Em relatório, o provedor José Clemente Pereira alerta para incapacidade de abrigar as meninas naquele prédio. Com a chegada das freiras vicentinas em 1852, estas passam a cuidar das meninas órfãs da Misericórdia, o que possibilitou o aumento do número de internas. Em 1855 as órfãs saem da proximidade com o hospital em função da eclosão da epidemia de *cholera morbus* e passam a ser instaladas em Laranjeiras e, em seguida, para Botafogo, São Cristóvão e de volta para Botafogo na rua do Hospício Pedro II, hoje General Severiano sua sede permanente.

A instituição foi criada para amparar as meninas órfãs indigentes, mas essas meninas tinham que atender à critérios específicos para serem aceitas pela instituição: serem órfãs e filhas de matrimônio legítimo. E é exatamente essa característica que impulsiona a criação do Recolhimento de Santa Thereza que foi inicialmente denominado de *Asilo das Desvalidas*, quando criado em 14 de março de 1852. Assim sendo, o Recolhimento das órfãs e das desvalidas de Santa Thereza é a junção dessas duas instituições, que foram inicialmente distintas, no aspecto burocrático do público que atendia, mas que tinha o mesmo princípio: formar mães perfeitas para a família brasileira. O regulamento da instituição elenca as virtudes que as moças deveriam ter:

Sendo o fim dos instituidores não só amparar meninas pobres, mas também criar para a sociedade, mulheres estimáveis por suas virtudes domésticas, cumpre que, para tão importante fim se poder obter, adquiram as recolhidas, na educação que se lhes der, não só a instrução adequada, as circunstancias, mas também o habito de guiarem sua conduta pelas máximas da moral cristã, e de se ocuparem em aprender e praticar os trabalhos próprios de seu sexo e condição.¹⁴²

Eram oferecidos dotes às meninas pobres para que pudesse se casarem. Precisavam, entretanto, da permissão do provedor para contraírem matrimônio. Os dotes variavam de acordo com o dia casamento, podendo ser de 800\$000 ou 1:000\$000, podendo haver acréscimo caso se casassem em dias de santos específicos e também para as meninas que se destacassem em suas atividades.

¹⁴² Regulamento – Art. 39 /Exposição Nacional de 1908,1908.

Figura 10: Recolhimento das órfãs e das desvalidas de Santa Thereza – Entrada



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

Figura 11: Recolhimento das órfãs e das desvalidas de Santa Thereza – Fachada



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

Figura 12: Recolhimento das órfãs e das desvalidas de Santa Thereza - Capela



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

Deste modo, essa instituição desempenhava atividade específica de acolhimento e educação das meninas órfãs. E é nesse critério em que a diferencia das atividades realizadas pela Casa dos Expostos que não fazia distinção de gênero no acolhimento das crianças e diferentemente do Recolhimento não precisava saber da procedência da criança.

2.2.4 Hospício Pedro II¹⁴³

Logo que assumiu a provedoria da Misericórdia, José Clemente Pereira deixou evidente a vontade de criar um local destinado ao atendimento dos alienados e procurou no Imperador Pedro II o apoio que precisava para empreender seu projeto. O provedor encaminhou ao ministro do Império um ofício do qual afirmava a preocupação em “melhorar a sorte dos infelizes, que tendo a desgraça de perderem o juízo, não tem nesta capital hospital próprio em possa receber atendimento adequado a sua moléstia por serem insuficientes as enfermarias[...]” (Fazenda, 1959: 176).

Às vésperas da coroação do monarca tal ofício foi entregue e nele havia uma espécie de proposta, ou sugestão, dita no seguinte trecho:

Digne-se V. Exa. De levar todo o referido à soberana presença de Sua Majestade Imperador para que haja por bem ordenar o que fôr mais do que seu imperial agrado e fará um ato que eternizará o fausto dia da sagração e coroação do mesmo Augusto Senhor, a fundação de um hospital de alienados, que bem poderia tomar nome de Hospício de Pedro II.¹⁴⁴

Seu pedido foi aceito e um representante do imperador entregou o decreto à provedoria da Misericórdia. O Hospício inicia suas atividades em 8 de dezembro de 1852 e, em 1855, a obra estava concluída. Está instituição não tinha caráter apenas infantil, como também atendia aos demais pacientes que sofressem dessas mazelas. Dessa maneira, essa instituição não tem suas atividades semelhantes às atividades daquelas desempenhas pela Policlínica das Crianças. Que ao contrário dessa instituição não estava vinculada ao recolhimento de pessoas com graves problemas psiquiátricos que estivessem impossibilitadas de estar no convívio dos demais. Esta

¹⁴³ Hospício de Pedro II foi federalizado pela República em 1891 e passou a se chamar Hospício Nacional de Alienados.

¹⁴⁴ FAZENDA, op. cit., 1959, p. 177.

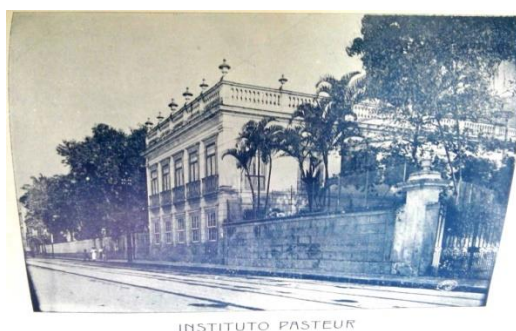
obra é uma das marcas da provedoria de José Clemente Pereira que promoveu, como foi anteriormente mencionado, toda uma reestruturação e reorganização das despesas da instituição, além de ter promovido significativas mudanças em alguns dos estabelecimentos mantidos pela irmandade da Misericórdia.

Apesar de não mais pertencer à Misericórdia a partir de 1891 e estar vinculado a outra lógica, gostaria de salientar que por volta de 1903 foi criado no Hospício Nacional de Alienados uma área dedicada ao atendimento de crianças com problemas psiquiátricos, o Pavilhão-Escola Bourneville, dirigido por Fernandes Figueira, que posteriormente será o diretor da Policlínica das Crianças. Muito mais do que corrigir a criança anormal ele acreditava que ela poderia ser curada, o que até então era considerada incurável¹⁴⁵.

2.2.5 Instituto Pasteur

Este instituto foi fundado no Brasil em 25 de fevereiro de 1888 na provedoria do barão de Cotegipe e com apoio do imperador Pedro II. Assim que as informações ligadas ao tratamento desenvolvido por Pasteur a respeito a raiva, uma equipe foi enviada à Europa para que fossem contratados profissionais para estabelecerem aqui local para desenvolvimento de tal tratamento.

Figura 13: Instituto Pasteur



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

¹⁴⁵ SILVA, Renta Prudência da et VENANCIO, Ana Teresa. Fernandes Figueira: ciência e assistência médico-psiquiátrico para a infância no início do século XX. In: In: Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal – Gisele Sanglard...[et al.]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

Instituição de caráter distinto daquele desempenhado pela Policlínica das Crianças, ainda que o intuito de ambas fosse o tratamento de moléstias, sendo que o referido instituto trata de moléstias específica.

2.2.6 Asilo da Misericórdia

Foi fundado por deliberação da mesa da irmandade da Misericórdia na provedoria do visconde do Cruzeiro, tendo sido adquirido por meio de uma subscrição popular, que o provedor promoveu.

Figura 14: Asilo da Misericórdia – Entrada



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

Era objetivo dessa instituição abrigar e educar as meninas que estavam asiladas tanto no Hospital Geral, quanto no Hospício Nossa Senhora da Saúde . Estava localizado na rua São Clemente. Uma característica interessante desta instituição é que meninas desvalidas de fora dos hospitais poderiam fazer parte, desde que atendessem aos requisitos do regulamento. A propriedade e a administração da instituição estavam a cargo da Irmandade da Misericórdia.

2.2.7 Asilo de São Cornélio

O benfeitor dessa instituição foi João Martins Cornélio dos Santos, que deixou sua casa para que a Misericórdia nela construísse um local que educasse a abrigasse os meninos e meninas pobres, sob a invocação de São Cornélio, para que fosse feito para honrar a memória de seu pai.

Figura 15: Asilo de São Cornélio



Fonte: Exposição Nacional de 1908,1908.

As meninas nesta instituição caberiam aprender a costurar, lavar, bordar, cozinhar e recebiam a educação básica, era certamente uma instituição que, de alguma forma tentava legar às pessoas que fossem atendidas a possibilidade de conquistarem sua sobrevivência, tendo em vista que seriam capacitados para desenvolverem suas atividades e se sustentarem, cabe lembrar que mesmo as mulheres que não se casassem seriam capazes, provavelmente de se sustentar, realizando os trabalhos que foram possibilitados pelos ensinamentos que adquiriram na instituição.

Todas estas instituições acima descritas foram consideradas por Bernardo de Freitas como “antecedentes históricos” da Policlínica das Crianças. Como pode-se perceber no quadro abaixo as iniciativas para a abertura de cada uma delas é bem distinta.

Tabela 3: Tabela de precedentes históricos – Beneméritos		
Precedentes Históricos da Policlínica das Crianças		
Estabelecimento	Ano de criação	Benemérito
Casa dos Expostos	1738	Romão de Mattos Duarte
Recolhimento das órfãs e desvalidas de Santa Thereza	1740	Marçal Magalhães Lima e Capitão Francisco dos Santos
Hospício Pedro II	1852	Iniciativa do Provedor: José Clemente Pereira
Instituto Pasteur	1888	Iniciativa do Provedor: Barão de Cotegipe
Asilo da Misericórdia	1890	Iniciativa do Provedor: Visconde do Cruzeiro que promoveu uma subscrição popular.
Asilo de São Cornélio	1900	João Martins Cornélio dos Santos

Fonte: Livro publicado durante a Exposição Nacional de 1908. Organizado pelo provedor: Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.

Essas diferentes instituições vindas de iniciativas, por vezes comum, outras oriundas da necessidade de que fossem criadas nessa cidade instituições que fossem capazes de dar conta dos problemas que iam surgindo, funcionaram como elementos que se organizavam em uma estrutura complexa, todas lideradas pelo *Hospital Geral*. Este estava para essa estrutura como a parte administrativa, o motor, o cérebro ou o coração da Misericórdia carioca – era lá que se localizava a administração da irmandade e de onde saíam as ordens e as ideias. É interessante observarmos que sua estrutura complexa fazia com que os demais estabelecimentos estivessem relacionados, quer por suas atribuições que por vezes se complementavam, ou por mesmo pelo fato de ser parte de um todo organizado.

As atribuições organizaram a estrutura do atendimento que era estruturado pela Irmandade, em suas diferentes instituições que tratavam da infância o foco era específico, tomemos como exemplo da *Casa dos Expostos* que tratava daquelas crianças que não poderiam permanecer com a sua família ou cuja mãe que não tinha condições de criá-la, a criança era deixada lá e era criada pela instituição com a ajuda de irmãs de caridade, recebiam educação básica e algum treinamento que possibilitasse que pudesse se sustentar. Na mesma vertente as outras instituições cuidavam dos menores, com suas especificidades, como por exemplo o Recolhimento das Órfãs, que como o nome diz só atendia a meninas, muitas dessas meninas deixavam a instituição à época de seu casamento. Vale lembrar que a misericórdia oferecia dotes para as meninas, possibilitando-lhes o casamento, bem como um enxoval.

O *Hospício Pedro II* estava encarregado de cuidar dos males da mente, que nesse período eram vistos de maneira distinta da que contemplamos hoje em dia, a lógica de isolamento é amplamente difundida nessa época, sendo o hospício o local em que essas pessoas eram recolhidas do convívio com a sociedade. Vale salientar, que essa instituição está

relacionada como um estabelecimento de atendimento às crianças, porque não havia instituição específica para tratar os menores com problemas mentais.

2.3 A Policlínica das Crianças

De uma maneira geral, os ditos precedentes históricos da Policlínica das Crianças estavam encarregados de prestar assistência no âmbito de ajudar na criação, apoiar aqueles que por algum motivo não puderam viver com seus familiares, alguns porque eram órfãos, outros porque seus pais não poderiam, ou não queriam criá-los. Ou ainda pela impossibilidade, provocada por algum problema psicológico/mental.

A Policlínica das Crianças, não tinha esses objetivos, ela foi criada para prestar atendimento para aquelas crianças que eram da camada menos favorecida da população¹⁴⁶, tanto que mesmo sua localização foi um aspecto que considerou um local que ficasse mais próximo daqueles que mais precisassem do atendimento, deixando assim de ser instalada no Flamengo, como inicialmente se pretendia e passando a se estabelecer em São Cristóvão, localidade essa que era vista no período como mais habitado pela pobreza, como de fato era. O bairro era uma região industrial, dessa maneira era ocupada pelos trabalhadores assalariados, que evidentemente, eram menos abastados que os moradores do Flamengo, assim poderia receber o público pobre residente nessa região, dada a sua proximidade com a linha férrea poderia receber também os moradores de áreas próximas¹⁴⁷.

Nesse sentido, a Policlínica das Crianças se tornaria o local dedicado aos males do corpo, das crianças. Desta forma é possível marcarmos o elemento distintivo entre essa instituição e as demais. Não pretendia ela abrigar as crianças que eram abandonadas pelos seus pais, ou mesmo ficavam órfãs. Para essas funções existiam outros lugares. Ela representava um local para atendimento específico das crianças. É salutar mencionar que o cuidado com as crianças estava na agenda das discussões dos especialistas da época, sendo a criança entendida como aquela que necessitava de atendimento específico para os seus problemas de saúde e que a medicina servia de resposta às demandas da sociedade¹⁴⁸(Faure, 2009:15 apud Sanglard, 2008).

¹⁴⁶ É interessante pensar, que mesmos esses pobres que eram atendidos pela Santa Casa em sua Policlínica de Crianças, não eram a camada mais pobre da população. Eram filhos de trabalhadores pobres, notadamente operários (Sanglard e Ferreira, 2014).

¹⁴⁷ SANGLARD, Gisele. FERREIRA, Luiz O. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). *Est. Hist., Rio de Janeiro*, vol. 27, nº 53, p. 71-91, janeiro-junho de 2014.p. 81.

¹⁴⁸ SANGLARD, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro – 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

Estava colocada uma lógica que fragmentava o corpo para sua análise, mas cabe ainda a perspectiva de que “o corpo também é o corpo de uma pessoa, que está integrado num contexto físico e humano que o ameaça tanto quanto pode ser ameaçado”¹⁴⁹(Faure, 2009:16 apud Sanglard, 2008). Podendo ser ele tanto a vítima de uma moléstia, quando o causador/propagador da mesma.

É interessante também direcionarmos nosso olhar para a representatividade de um hospital em si, no nosso caso tratamos de instituições que estão vinculadas à grupos seculares. Os hospitais eram tidos como locais que eram procurados por aqueles que não tinham muitos recursos, e pelos indigentes¹⁵⁰. Olivier Faure afirma que entre o usuário e o hospital ficaria estabelecido um acordo que pode ser traduzido nas seguintes palavras “o infeliz que vem pedir ajuda paga à medicina o que ele deve à caridade”¹⁵¹(Faure, 2009:21 apud Sanglard, 2008). Desta forma, em que mesmo aquele que não possuísse recursos poderia pagar, visto que seu corpo seria estudado pelos médicos, pagando, assim, sua dívida com a caridade. É com hospital que a observação passar a ser mais complexa, em que distintos aspectos passam a ser considerados quando era feito o diagnóstico. Dentro dessa análise o corpo com vida tem tanto valor para medicina quanto um corpo sem vida.

Assim entendemos que dentro da lógica desenvolvida pela Misericórdia, a Policlínica das Crianças está para o Hospital Geral como a parte de um sistema que tem uma função específica a ser desenvolvida. Cabia a ela o cuidado às crianças pobres, e conforme Gisele Sanglard e Luiz Otavio Ferreira apontam em artigo recente, não era uma pobreza qualquer, uma vez que o grosso dos assistidos pela Policlínica das Crianças eram oriundos de bairros operários, o que leva os autores para o direcionamento das ações de Fernandes Figueira, como diretor médico da instituição, para o filho da família operária pobre¹⁵².

A direção desenvolvida por Fernandes Figueira é marcante e a Policlínica das Crianças em si é o foco da análise que será desenvolvida no capítulo a seguir.

¹⁴⁹ Idem, IBIDEM.

¹⁵⁰ É sabido que nesse período as pessoas abastadas tratavam de seus problemas de saúde em suas residências, recorrendo aos profissionais que atendiam em domicílio.

¹⁵¹ SANGLARD, Gisele. *Op. cit.*

¹⁵² SANGLARD e FERREIRA, op. cit., 2014.

Capítulo 3

A Policlínica das Crianças

O terceiro capítulo da dissertação é dedicado à Policlínica das Crianças, obra benemerita realizada por José Carlos Rodrigues, para a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Neste capítulo será feita a problematização da sua construção, desde aspectos como: a localização (quais informações sua localização nos dá, quais perguntas ela responde), o projeto que foi feito (quem fez o projeto, como o fez). De qual maneira esses questionamentos nos ajudam a entender tanto o projeto filantrópico de José Carlos Rodrigues, quanto sua estratégia para se estabelecer socialmente; bem como o papel desempenhado por Fernandes Figueira na direção da instituição. Igualmente, interessa-nos entender de qual maneira a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro auxilia na concretização desse projeto, que não tratava unicamente da construção de uma Policlínica, mas também da legitimação desse reformador social.

Até esse momento o trabalho realizado fez uma análise dupla: em um primeiro momento fez um esforço para traçar o caminho percorrido por José Carlos Rodrigues que fizeram com que em um dado momento direcionasse seus esforços para a construção de uma policlínica dedicada ao atendimento das crianças carentes; e, posteriormente, analisou o que existia como assistência à infância e como ela era prestada às crianças no Rio de Janeiro. Feita essa análise o segundo capítulo também se dedicou a entender como a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro situou a instituição na *engrenagem* dos serviços que prestava. É chegado o momento da apreciação a obra em si, e de como os aspectos que foram anteriormente observados foram fundamentais para que a policlínica existisse com as características que foi feita.

Para a análise da Policlínica das Crianças faremos uso das informações que foram localizadas em jornais do período e em relatórios da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Como visto anteriormente, José Carlos Rodrigues, no início do século XX faz a doação de um terreno para Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro para que nele fosse construído um hospital dedicado ao atendimento das crianças. Entretanto, o projeto efetivado foi o de uma Policlínica.

O papel desempenhado pela Policlínica das Crianças nesse período foi fundamental no diz respeito à assistência à infância que existia, especificamente aos cuidados com a saúde da

criança que era das camadas mais carentes da população. Esse tema foi discutido no capítulo anterior, mas o que não podemos deixar de salientar é que essa instituição passa a compor o quadro da Santa Casa e representa o preenchimento de uma lacuna aberta, tendo em vista que ela passa a ser a instituição que se dedicará aos cuidados do corpo da criança. Rosangela Rangel aponta para o fato de que a filantropia representava uma forma de relação entre o poder político e as elites, e que a perspectiva filantrópica foi o modelo de predominante de assistência na Primeira República¹⁵³.

Quando trata da assistência à criança abandonada, a historiadora Maria Luiza Marcílio diz que até a metade do século XIX a assistência que as crianças recebiam poderia ser classificada como caritativa. Contudo, entre a metade do século XIX e a metade do século XX, ela deveria ser denominada fase filantrópica, em que houve mudanças na assistência aos expostos, a roda foi discutida e em que novas instituições filantrópicas foram criadas¹⁵⁴, como visto no capítulo anterior. Dentre elas podemos citar a instituição que estudamos neste trabalho.

A criação de instituições filantrópicas estava de acordo com as tendências do período, em que assistência às crianças pobres assume também contornos que facilmente podem auxiliar na legitimação de personalidades do período. Além do importante serviço que prestavam para a população carente. Renato Franco, evidencia o papel fundamental da Santa Casa da Misericórdia no atendimento aos mais carentes, e como elas implementaram um modelo luso de assistência na América portuguesa¹⁵⁵.

3.1 O projeto e a obra da construção da Policlínica

O primeiro passo para que o projeto fosse iniciado foi dado em julho 1903 quando José Carlos Rodrigues adquire e doa os terrenos, para que fossem incorporados ao patrimônio da Santa Casa da Misericórdia. Tratava-se de uma ampla chácara na rua Marquês de Abrantes, no bairro do Flamengo, que por ele tinha sido doada para que o seu projeto de hospital para as crianças pudesse debutar. Todavia, como visto no capítulo anterior, nesse período o local em que estava alocada a Casa dos Expostos havia sido expropriado, assim, com o consentimento de José Carlos Rodrigues, em mais um ato de benemerência acordou-se que seria mais

¹⁵³ RANGEL, Rosangela Faria. Assistência no Rio de Janeiro: elite, filantropia e poder na Primeira República. Tese de doutorado – PUC-RJ, 2013.

¹⁵⁴ MARCILIO, Maria Luiza. História Social da Criança Abandonada. Editora Hucitec, São Paulo, 2006.

¹⁵⁵ Renato Franco – Estudos Históricos -2014

apropriado domiciliar a Casa dos Expostos nesse local e que para o projeto do Hospital de Crianças deveria ser encontrado um outro terreno, localizado em um bairro mais próximo à pobreza. Assim sendo, foi creditado ao futuro Hospital a quantia de 80:000\$ para que outra propriedade pudesse ser adquirida¹⁵⁶.

Foi desta maneira que os terrenos entre as ruas São Cristóvão e Miguel de Frias foram adquiridos entre os anos de 1905 e 1907. É nesse período que o benfeitor da Policlínica, José Carlos Rodrigues, a partir de um desenho que o próprio havia feito, encomendou um projeto arquitetônico à Antônio Januzzi & Filhos¹⁵⁷, informações essas que foram devidamente divulgadas à época da inauguração da instituição¹⁵⁸.

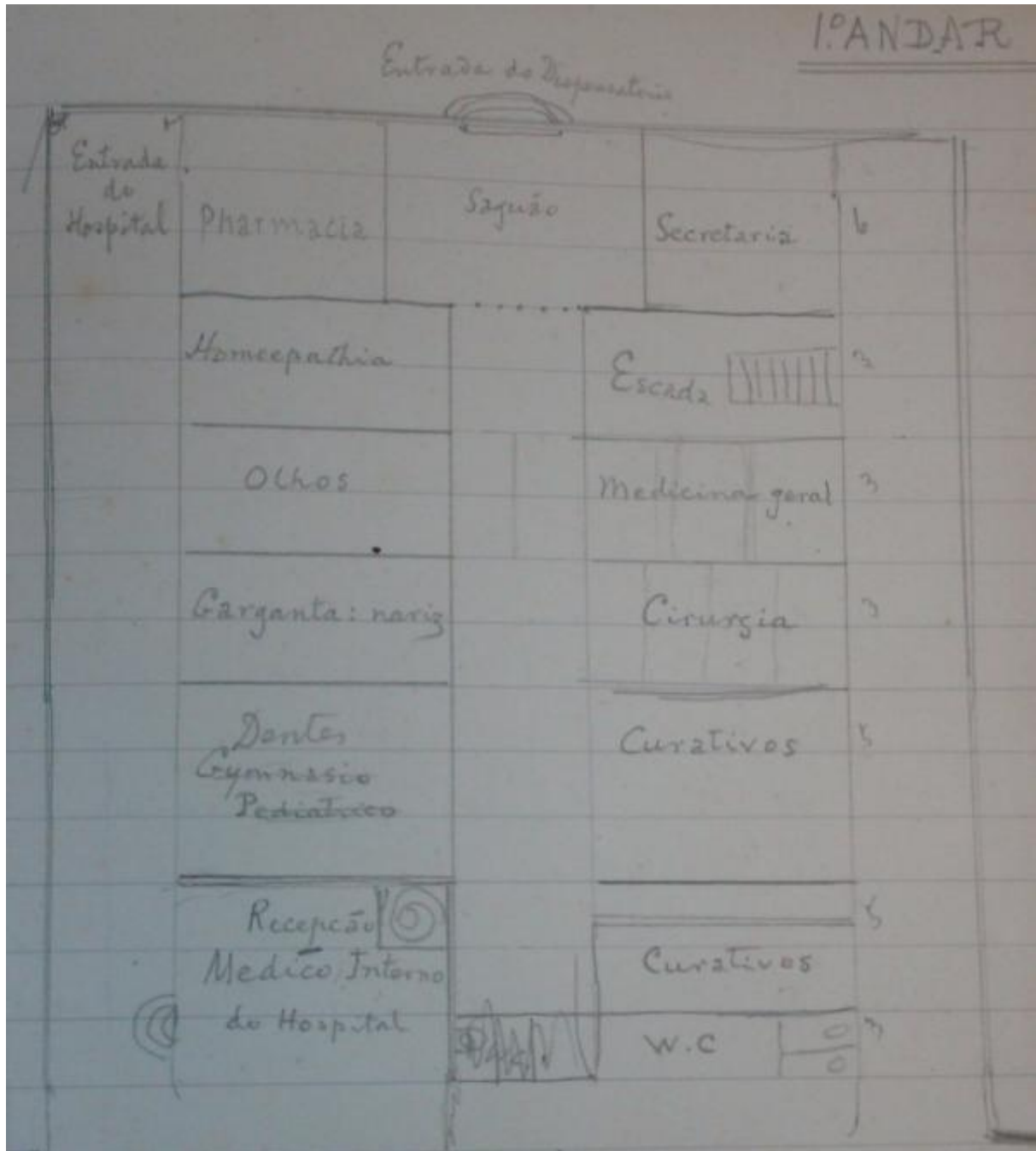
A proposta inicial feita pelo benemérito, conforme pode ser percebida na figura a seguir, foi elaborada com base em sua experiência no exterior, e pretendia instalar na Policlínica o que havia de mais moderno no mundo e estava adequado ao que se esperava da ideologia de higiene no período. Julia Junqueira publica em sua tese o esboço feito pelo filantropo para a distribuição dos espaços na Policlínica.

¹⁵⁶ Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1.

¹⁵⁷ No primeiro capítulo da dissertação foi feita referência à participação da família Januzzi na vida de José Carlos Rodrigues, é na propriedade deles que Rodrigues se “hospedou” quando enfrentou problemas com o início da revolta da Armada, o período do governo do Marechal Floriano Peixoto foi tenso para Rodrigues e o *Jornal do Comércio*.

¹⁵⁸ O Paiz - Título: O hospital de crianças – Sem autor - Ano: XXV – Nº: 8982 -08/05/1909, p. 02.

Figura 16: Esboço do Hospital de Crianças



Fonte: Junqueira, 2015, p. 266

Na concepção original, no primeiro andar logo na entrada ficariam de um lado a farmácia e de outro a secretaria. No lado da farmácia seguiam as clínicas homeopática, de olhos, garganta e nariz, dentes/ginásio pediátrico, a recepção junto com a sala do médico interno – esta sala tinha acesso para o segundo andar através de uma escada helicoidal. Do lado da secretaria, havia o acesso principal para os andares superiores através da escadaria principal,

seguida da clínica de “medicina geral” [sic], cirurgia, duas salas de curativos e no final os banheiros.

As incorporações posteriores também foram elaboradas com a observação do que era praticado no estrangeiro. Estas alterações, como as listagens do pessoal da Policlínica deixam nos perceber, modificaram se não o desenho original ao menos a composição das clínicas. Saem o serviço homeopático e o ginásio pediátrico; e entram os serviços de higiene infantil, exame das mulheres grávidas, dermatologia, hidroterapia, bacteriologia e a figura do médico visitador. Tal modificação, como se verá mais adiante neste capítulo, certamente deveu-se ao diretor técnico da instituição, o médico Fernandes Figueira. A partir das análises levantadas por Gisele Sanglard e Luiz Otávio Ferreira¹⁵⁹, podemos levantar a hipótese de que a opção pela construção de uma Policlínica também possa ter sido indicada por este médico, uma vez que a adoção de policlínicas para a assistência à infância estava sendo preconizada na Europa¹⁶⁰.

Foi no exterior que ele encomendou grande parte dos suprimentos para obra, como o dito no seguinte fragmento:

Encarregou-se generosamente das especificações de ferro e outros pormenores o senhor Manoel de Oliveira, e na sua seguinte viagem a Europa comprou o Senhor Dr. Rodrigues não só todo o ferro como os ladrilhos e azulejos e mais materiais da construção;[...] Na sua seguinte viagem à Europa para as diversas dependências, a saber, o balneário, as estufas de esterilização do leite e aparelhos e vidros acessórios, os aparelhos do ginásio pediátrico, os do dentista, os da sala de curativos, da sala de operações, dos gabinetes de eletricidade, de química e bacteriologia, dos diversos consultórios médicos, etc.[...]¹⁶¹

A obra de construção da Policlínica do Hospital das Crianças ficou a cargo de Jannuzzi Irmão & Cia, que são citados nos jornais da época que noticiaram a inauguração, e encontrados em um caderno com os registros da contabilidade da construção do hospital, e que foram imensamente citados por J. C. Rodrigues em um caderno – em que o próprio J. C. Rodrigues intitula-o: “Custo da construção do Hospital para as crianças” - que ele mantinha relativo aos gastos com a construção.¹⁶²

Até essa etapa da construção da Policlínica o montante investido totalizava 380 contos de réis, somados o custo dos terrenos do projeto e dos materiais utilizados para a obra. Além

¹⁵⁹ SANGLARD, Gisele & FERREIRA, Luiz Otávio (2014). Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). Estudos Históricos. Rio Janeiro, vol. 27, n. 53, pp.71-91, jun.

¹⁶⁰ Infelizmente os dados acerca da construção da instituição são insuficientes para aprofundarmos nessa linha de investigação.

¹⁶¹ Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1

¹⁶² Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: DL 584-20.

José Carlos Rodrigues, a Policlínica contou com outro benfeitor de grande montante, o senhor Alberto Barth um suíço que residiu no Brasil por muitos anos, ele doou um terreno avaliado em 200 contos de réis, valor que foi creditado para a Policlínica. Albert Barth faleceu pouco tempo depois, na Suíça. Ressalte-se que em seu testamento contemplou outras instituições de caridade da cidade.

A obra do edifício da Policlínica das Crianças ficou pronta em maio de 1909, e estava de acordo com o que havia de mais moderno. A descrição feita em um histórico da construção oferece as características do prédio:

o edifício da Policlínica das Crianças ocupa a área de 25 metros,40 de largura sobre a rua Miguel de Frias e 19 metros de fundos e tem três pavimentos. No primeiro, ou porão alto, há uma galeria ao longo da largura do edifício e de um lado está instalado o Balneário, em dois salões, com banhos de pés de asseio e de criancinhas; duchas frias e mornas; duchas escocesas, de chicote, circular, etc.; além de chuveiros especiais para o corpo, evitando molhar a cabeça. Segue-se, do mesmo lado, a grande Pharmacia, a cargo de um farmacêutico e de três irmãs de caridade. Do outro lado está, em frente à farmácia, a leiteria onde é distribuído, já devidamente dosado ou não, o leite esterilizado na grande estufa e que antes de entrar ali, já é expurgado por outro processo. Vêm então cômodo para os empregados e a Caldeira da estufa e do banheiro. Seguem-se a escadaria do andar superior e as latrinas; e por fim há uma sala onde são imediatamente recolhidas as crianças que nos consultórios forem achadas sofrendo alguma moléstia contagiosa e que são logo separadas das outras.¹⁶³

A Policlínica contou também com uma lista de subscrição¹⁶⁴, que foi criada para auxiliar na concretização do projeto do internato do Hospital¹⁶⁵, e na manutenção do pleno funcionamento das suas atividades. Incentivos foram criados para motivar as doações que se distinguiam de acordo com o valor doado, caso a quantia ofertada fosse igual ou superior à 1:000\$ o nome do benfeitor seria gravado em uma lápide e afixado à sala de honra; as doações de 20:000\$ representavam o direito à um leito perpétuo que teria o nome do doador e teria os pacientes ocupantes indicados pelo mesmo.

Quantia representativa foi ofertada à subscrição pelo Comércio do Rio de Janeiro a pedido de José Carlos Rodrigues. A doação foi inicialmente feita para Rodrigues na forma de recompensa, ou como eles se referiram *mimo*, por sua intervenção em um episódio referente as

¹⁶³ Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1.

¹⁶⁴ A doação em questão data do ano de 1910, período em que a Policlínica já estava funcionando, está que iniciou o atendimento ao público no dia 10 de maio de 1909.

¹⁶⁵ O internato não chegou a ser construído, mas os fundos foram investidos no que foi concretizado da obra.

taxas cobradas no porto, em que ele interveio em favor dos comerciantes, sendo assim alvo da gratidão dos mesmos, que decidiram retribuir financeiramente, quando o fato chegou ao conhecimento de José Carlos Rodrigues, através de uma carta ele pediu que tal benefício o deixaria mais satisfeito se fosse convertido para a obra benfeitora que empreendera, segue a carta escrita por ele endereçada à Edward G. Hime:

Meu caro Sr. Hime.

Pelo Jornal vejo que na reunião dos comerciantes de sábado foi resolvido unanimemente que a comissão me presenteasse com um mimo. Antes de tudo, nada, absolutamente nada, mereço de agradecimento especial, pois cumprir, com o meu elementar dever, e nunca o fiz com maior convicção e prazer.

Se, porém, insistem em provar a sua benevolência, permita-me dizer-lhe que um mimo, para ser-me agradável, poderia tomar a forma de uma dádiva para a construção do novo Hospital de Crianças da Santa Casa da Misericórdia, que fundei, e para o qual construí a Policlínica que já tantos serviços vai prestando às crianças pobres da cidade.

Recado do Amigo Obrigado – (Assinado J. C. Rodrigues).¹⁶⁶

A doação acontece como pede José Carlos Rodrigues e a listagem daqueles que contribuíram foi disponibilizada e nela podemos observar os distintos setores da sociedade do período. A investigação da listagem possibilita a apreciação de parte da elite da sociedade no período. O número de empresas do ramo de importação é considerável, bem como o número de estrangeiros como sócios dessas instituições. Essas doações permitem uma dupla interpretação, em que essa ação filantrópica, que foi impulsionada pelo ato de J. C. Rodrigues representaria tanto um ato quanto uma estratégia de legitimação social. Em que o nome da empresa estaria relacionada à uma ação benemerita e estreitaria os laços com a elite do período. Atitude auxiliava no processo de legitimação. É salutar reafirmar que a Irmandade da Misericórdia era nessa sociedade uma das instituições mais respeitadas, seus membros estavam diluídos na sociedade, em que o pertencimento à mesma trazia consigo muito significado. A apuração das listagens vai de encontro a essa interpretação, que percebe o vínculo com a Irmandade como um elemento que conferia *status*.

E esses atores localizados no topo da hierarquia social, estavam unidos por valores comuns e crenças que compartilhavam. No que tange o relacionamento dos membros do grupo aqui analisado com os demais integrantes da sociedade, eles aconteciam no que concerne os interesses, negócios ou algo que exista em comum que interesse à ambos.

¹⁶⁶ Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1.

O levantamento realizado no Arquivo da Junta Comercial aponta para uma rede de relações diversificada no que diz respeito a origens dos integrantes da lista de subscrição, mas que atuavam de maneira semelhante, no que tange a natureza de suas ações, como era esperado. Certamente, os empresários que ajudaram na construção do Hospital das Crianças tinham objetivos que superavam aqueles da caridade. Seus gestos estavam muito mais interligados à boa imagem que essas ações rendem. E uma atitude como essa, que agradaria uma pessoa tão influente como José Carlos Rodrigues, não deixaria de ser realizada. Muito mais do que o ramo das empresas, a tabela pode nos apontar para o perfil deste grupo, que se legitimava e estreitava suas relações também realizando obras beneméritas, e permite que possamos especular o alcance da influência de Rodrigues. A tabela a seguir não conta com os nomes encontrados por nós, contudo oferece informações no que diz respeito ao ramo comercial explorado por seus proprietários. Foi elaborada com base nos dados existentes no acervo da Junta Comercial.¹⁶⁷

Tabela 4: listagem de subscrição de criação da Policlínica das Crianças	
Ramo Comercial	Quantidade Aprox.
Café	4
Gêneros de estiva	1
Comércio de Importação	3
Compra e venda de grosso ou retalho de carvão de pedra	1
Compra e venda de calçado	1
Artigos de armarinhos modas e confecções	2
Maquinários, ferramentas e ferragens (armamento e munição)	3
Metalurgia e Exploração de minerais	1
Madeiras e Materiais	1
Comércio de carne seca	2
Companhias de diferentes ramos	9
Bancos	6
Não identificado	9
Total:	45

Fonte: Acervo da Junta Comercial – Arquivo Nacional

No que tange a análise da lista, parte dos nossos esforços acontecem em prol da busca das personagens que as empresas ocultam, e que poderiam fornecer elementos para interpretação da criação e manutenção da Policlínica. Algumas destas empresas sabemos que

¹⁶⁷ O Acervo da Junta Comercial está guardado no Arquivo Nacional, está em péssimo estado de conservação, parte do acervo existente é muito frágil, e verificada a ausência de variados nomes presume-se que muitas dessas informações foram perdidas com o tempo.

não poderemos identificar, como no caso dos bancos que na nossa lista são especificamente seis, os listados, e desses apenas um não é de origem estrangeira.

Foram também subscritores da construção do Hospital algumas das grandes companhias presentes na cidade, em grande parte as companhias com os serviços fundamentais para o funcionamento da cidade, como companhias de navegação de energia, dentre outras, mas mais uma vez vale mencionar que dentre as nove companhias existentes em nossa listagem cinco eram estrangeiras.

Das firmas presentes na listagem, treze foram identificadas, e com essas informações é possível chegarmos a algumas conclusões. Como por exemplo, que a maioria dos estrangeiros que contribuíram tinha como produto negociado por suas firmas o café, e a maioria deles é de portugueses, o que não nos surpreende dada a histórica relação mantida entre os países. Essa informação nos dá mais um importante dado para a atuação dos cafeicultores neste setor. Cabe salientar que José Carlos Rodrigues era herdeiro da aristocracia cafeeira, filho de fazendeiro do café do Vale do Paraíba.

Dentre os doadores existem nobres o que evidencia a ideia de que a boa sociedade estava ligada a Irmandade da Misericórdia, visto que englobava variados setores da sociedade, e que contava com as figuras dominantes da sociedade, quer financeiramente ou simbolicamente, dada a representatividade que os nobres possuíam no que tange essa lógica das classes.

Neste trabalho, assumiremos como elite intelectual um grupo de pessoas influentes, ou seja, detentores do poder de setores fundamentais para a sociedade, e conseqüentemente o grupo que controla a maneira como a política acontece, este que está diluído em distintos núcleos sociais, logo possui influência nas medidas tomadas e nas concepções públicas, o conceito que utilizaremos para ilustrar o conceito de elite utilizada neste trabalho é o mesmo assumido por Norberto Bobbio

“I. DEFINIÇÃO DE ELITE. — Por teoria das Elites ou elitista — de onde também o nome de elitismo — se entende a teoria segundo a qual, em toda a sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada. Uma vez que, entre todas as formas de poder (entre aquelas que, socialmente ou estrategicamente, são mais importantes estão o poder econômico, o poder ideológico e o poder político), a teoria das Elites nasceu e se desenvolveu por uma especial relação com o estudo das Elites políticas, ela pode ser redefinida como a teoria segundo a qual, em cada sociedade, o poder político pertence sempre a um restrito círculo de pessoas: o poder de tomar e de impor decisões

válidas para todos os membros do grupo, mesmo que tenha de recorrer à força, em última instância.”¹⁶⁸

É esse grupo detentor do poder da sociedade carioca que tratarei, sem deixar de lado a influência que sua formação teve, e seu papel nas medidas adotadas que influenciavam a sociedade carioca do final do século XIX, bem como no início do século XX. Analisar o poder simbólico, significa averiguar as estratégias de dominação, no período. Neste ponto deve ser salientado que o poder que é intrínseco a esse grupo deve considerar distintos setores como: a política, as artes e a economia. Em quaisquer deles tal influência pode ser, rapidamente, observada.

O poder simbólico do qual falamos tem que se adequar as condições históricas, ou seja, ele faz sentido, no que diz respeito às características sociais do momento histórico em vivenciado. O reconhecido autor Pierre Bourdieu diz: “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo(e, em particular, do mundo social) (...)”¹⁶⁹. É esse o poder que as elites intelectuais exercem.

Considerando que o poder simbólico é apropriado as condições históricas do momento, e o período em questão, a dinâmica da relação de poder engloba as buscas imediatas do regime vigente seus conflitos e as negociações. A ideia de intelectuais sem laços é rescindida por Bourdieu, que compreende a dinâmica acadêmica como caracterizada em parte, por interesses como exemplo reconhecimento por parte desse grupo, que de certa forma, enxerga aproximações aos seus interesses, logo um elemento que aproximaria seus interesses.

As diferenças no desenvolvimento das colônias espanhola e portuguesa, no nível político nos auxiliam no entendimento das características fundamentais dos grupos dominantes dessas colônias. As políticas implementadas no processo de colonização, deixaram marcas no grupo dominante. No caso da política espanhola, sua colonização criava universidades nas colônias, o que desde o princípio influenciou a formação da elite local. Cabe ressaltar que variedade dos pólos acadêmicos propiciam distintas correntes filosóficas, e cabe

¹⁶⁸ BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I* Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 1: p.385.

¹⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. P.9.

salientar que o ensino nessas universidades estavam fortemente ligados a religiosidade ¹⁷⁰, que elemento marcante da elite intelectual estudada por nós nessa dissertação.

O Brasil, colônia portuguesa, que inicialmente não contou com universidades em seu território, para formar seus intelectuais, os enviava a Coimbra. A formação recebida em Coimbra era mais jurídica. Desta maneira, com a elite sendo formada em um centro comum, as características e ideais do grupo foram “padronizados” por um tipo de formação. Quando universidades foram instaladas aqui, essa característica jurídica também é observável.

E é essa elite brasileira de magistrados e juristas, que como grupo intelectual que exerce papel dominante na sociedade. Um grupo que concentrado nas características de um centro, Coimbra, se manteve isolado das doutrinas ideológicas revolucionárias, e essa elite sustenta essas características, e forma em posteriormente seus integrantes nas escolas de direito, e os alocam nos cargos políticos.

Desta forma tanto a unidade nacional quanto a unidade política se vinculam a uma espécie de homogeneização ideológica da elite brasileira, que era oriunda da universidade de Coimbra, ainda que não sejam resultado exclusivamente desta. Assim como também são resultado da atuação dos abolicionistas e outros elementos que moldaram o Estado brasileiro.

A busca da elite por diplomas de bacharel em direito estava vinculada aos cargos públicos, altos cargos, que é válido suscitar sempre foram valorizados, e eram ainda mais concorridos em razão da escassez de empregos. Tais condições estruturais que levam a busca de estabilidade. Toda essa dinâmica é vista como uma praga, por Sérgio Buarque de Holanda que a denominada “praga do bacharelismo”¹⁷¹. Usando uma tipologia weberiana podemos dizer que a carta de bacharel é símbolo de prestígio. Ainda que dependessem de indicações para ocuparem cargos públicos.

Não ocorreu a desconstrução da valorização do cargo público, as elites não buscaram uma modificação da “estrutura da sociedade” e sim alterações das características. Não existia a preocupação com a mudança da estrutura por parte das elites, e sim dos “elementos”.

Neste contexto a bacharéis e doutores ascenderam, estes que eram filhos dos empreendedores, e não poucos tinham vínculos com interior (agrários), velhas aristocracias. É um bacharel “miscigenado” e um Liberalismo que não penetra os limites da fazenda.

¹⁷⁰ CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. P.39.

¹⁷¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 26 edição, 2008. P. 156.

Com o governo dos bacharéis, que certamente agiam em causa própria. Utilizando o aparelho para fins privados. Esses bacharéis que foram os formadores do Estado transformam, de certa forma, o aparelho administrativo em um governo que os beneficiava.

Esses bacharéis que eram, em grande número, “herdeiros” dos interesses agrários, associados as grandes propriedades rurais, e que eram abastados economicamente e que estavam, facilmente ligados aos “poderes” locais. Foram formados pelas academias de direito estavam envolvidos com a exploração econômica e dominação política, como bem diz Sérgio Adorno “...os bacharéis não fizeram senão colocar os interesses agrários em contato com o aparato administrativo do Estado, para o que exemplarmente disciplinados nos cursos jurídicos.”¹⁷²

Está é uma tentativa de ordenamento das relações estabelecidas entre diferentes concepções, que se complementam e que juntas fazem sentido. À medida que possamos compreender a percepção de poder, e de que maneira o simbolismo desse poder se dá, e consequentemente está ligado, na medida em que é característica fundamental das elites intelectuais que organizam as mudanças. E do bacharelismo de um grupo homogeneizado intelectualmente por uma cultura semelhante a da formação recebida.

A elite da virada do século XX é “herdeira” da elite do século XIX, pertencentes à sociedade daquela época, logo membros das famílias dominantes. Bem minha proposta aqui, é considerar o papel dessa elite carioca na “construção” de uma rede assistencial (hospitalar), para o tratamento das crianças necessitadas, e para tal tratarei do caso da criação do Hospital José Carlos Rodrigues, também conhecido como a Policlínica das crianças.

Nessa linha de reflexão entenderemos *elite* como atores, situados no topo de uma sociedade construída hierarquicamente, unidos por determinados valores e crenças.

Existia também por parte da elite intelectual o esforço para retirar qualquer sinal de atraso que o passado representava. Somadas às ações de associação as instituições filantrópicas estavam as atitudes ligadas ao cotidiano, gestos esses que representavam a busca dessa sociedade por características mais aristocráticas, que poderiam ser observadas também nas roupas que usavam e na maneira de vestir dos seus integrantes.

A análise das fontes relativas ao Hospital José Carlos Rodrigues demonstra que os membros vinculados a Irmandade da Misericórdia, por meio dessa instituição, estavam dissolvidos nos variados setores sociais. Tal grupo abarcava diferentes áreas de atuação desde os membros da sociedade carioca, que compunham a elite intelectual carioca, até bancos e

¹⁷² ADORNO, Sérgio. *Os Aprendizazes do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P.159,160.

companhias internacionais, não deixando de salientar a considerável presença de estrangeiros. Os membros se relacionavam na medida em compartilhavam interesses. É interessante para a vida em sociedade saber orquestrar os códigos sociais¹⁷³, que poderiam representar grande possibilidade de êxito de ascensão social.

Podemos ainda afirmar a participação de representantes de diversos dos setores da sociedade compunham a elite sendo vinculados à Policlínica das Crianças da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Desta forma a elite dos benfeitores se mostra variada, no que diz respeito à origem dos seus recursos e eficiente do que tange a amplitude de suas ações.

Todas as forças somadas à iniciativa filantrópica de José Carlos Rodrigues deram origem à Policlínica das Crianças. Obra finalizada, os olhares se voltam para a organização e funcionamento da instituição.

3.2. A Policlínica na imprensa

A Policlínica das Crianças foi inaugurada pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, no dia 8 de maio de 1909 e contou com presenças ilustres com, por exemplo, a do presidente Dr. Afonso Pena¹⁷⁴, que faleceu pouco tempo depois, no dia 14 de junho, o que faz da cerimônia uma das últimas que contou com sua presença. Além de autoridades políticas variadas, distintas outras personalidades estavam presentes no evento – como se verá mais abaixo.

A imprensa não deixou de noticiar a inauguração. Alguns periódicos com notas modestas, outros, como as publicações *O Paiz* e *Jornal do Brasil*, dedicaram grandes matérias sobre a inauguração da Policlínica, nas quais evidenciaram as características primordiais do estabelecimento, como as características estruturais e de funcionamento, para além dessas informações deixaram nas entrelinhas do seu texto as expectativas relativas ao funcionamento da instituição e seu papel de atuação para na cidade.

A inauguração da instituição foi anunciada pelo *Jornal do Brasil*, primeiramente no dia 7 de maio e amplamente noticiada na edição dominical de 09 de maio de 1909. A matéria intitulada: *Hospital de Crianças* ganhou toda uma página, na qual as ações da Misericórdia foram ressaltadas até o momento da publicação, para depois permanecer no tempo – desde a

¹⁷³ NEEDELL, Jeffrey D. Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro, na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁷⁴ Presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1906 e 14 de junho de 1909, data do seu falecimento.

criação pelo padre Anchieta às transformações levadas à cabo por José Clemente Ferreira, notadamente a construção do novo Hospital Geral e do Hospício de Pedro II.

Sobre a assistência à infância afirma que tal tema:

constitui para um país novo uma questão de capital. A inauguração da Policlínica do Hospital de Crianças enfrenta a solução do problema em um belo gesto de filantropia. O nome do Senhor José Carlos Rodrigues ligado a esta obra de carinho, de desvelo às crianças pobres enobrece-se ainda mais com os louros conquistados na luta do talento...¹⁷⁵.

Ressalta a presença das autoridades como o presidente Affonso Pena, o ministro da Justiça Tavares de Lyra, do cônsul suíço no Brasil e do provedor da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro o doutor Miguel de Carvalho, cujo discurso é transcrito na íntegra. Uma ausência foi sentida: José Carlos Rodrigues não estava presente à inauguração de sua obra filantrópica, mas enviou um telegrama felicitando aos presentes.

Em seu discurso Miguel de Carvalho menciona o simbolismo do gesto e ressalta o tempo e a perseverança do benemérito – desde que abriu mão do terreno na rua Marquês de Abrantes à aquisição paulatina, dos terrenos que compõe o patrimônio da instituição. Afirma ele que: “foi contando só consigo, arcando com embaraços de vulto já em muito excedida à soma disponível, consumidas todas as reservas que viu a terminação de parte do seu ideal...”¹⁷⁶.

Acrescenta o auxílio de Estado na isenção de impostos de importação e do papel de Albert Barth, irmão da Misericórdia, “que compreendeu necessitar à instituição de recursos especiais para acudir a novos encargos”¹⁷⁷.

Sobre ambos os benfeitores afirma que

um oriundo da América, outro da Europa, nascidos em regiões tão distantes, mas aproximados pela infinidade de sentidos, nessa aproximação que não pode deixar de ser providencial, nem ambos evidenciar e confirmar o pensamento básico da Misericórdia, segredo de sua declaração e grandezas seculares – a distribuição de socorros aos necessitados sem indagar sua religião ou nacionalidade¹⁷⁸

Ao ligar ambos os beneméritos à ação da Misericórdia, Miguel de Carvalho transforma o projeto de José Carlos Rodrigues, até então pessoal, “contando só consigo”, em uma obra maior – o de servir à Deus. Não perde a chance o provedor, antigo líder saquarema, de falar da

¹⁷⁵ Jornal do Brasil - Título: Hospital de Crianças – Sem autor - Ano: XIX – Nº:129 - 09/05/1909, p. 06.

¹⁷⁶ Jornal do Brasil - Título: Hospital de Crianças – Sem autor - Ano: XIX – Nº:129 - 09/05/1909, p. 06.

¹⁷⁷ Jornal do Brasil - Título: Hospital de Crianças – Sem autor - Ano: XIX – Nº:129 - 09/05/1909, p. 06.

¹⁷⁸ Jornal do Brasil - Título: Hospital de Crianças – Sem autor - Ano: XIX – Nº:129 - 09/05/1909, p. 06.

separação da Igreja do Estado, afirmando que, a despeito deste evento continua a Misericórdia a prestar seus serviços e sendo amparada da mesma forma.

O discurso de Miguel de Carvalho nada fala do médico que dirigiria a Policlínica das Crianças. Para ele, a instituição estava pronta e acabada e era mais uma obra da Misericórdia carioca – movimento que já havíamos anotado no capítulo anterior.

Coube, contudo, ao cônsul suíço, Albert Gestach, chamar a atenção para o papel da medicina e do cuidado com o corpo da criança. Ao falar da ação benemerente de Albert Barth, o cônsul suíço afirma “Depois de uma escola, onde o espírito infantil vá beber a fonte do ensinamento, esse hospital, onde os filhos ao povo encontrarão alívio dos seus males físicos”.¹⁷⁹ Nesta passagem Albert Gestach chama atenção às duas obras deixadas por seu conterrâneo: a Escola Municipal Alberto Bath, na Av. Oswaldo Cruz, e a Policlínica das Crianças. Ambas concorriam para engrandecimento da nação – no cuidado com o corpo e mente das crianças.

A cerimônia contou com a presença de crianças que proferiram poesias, uma delas dedicada ao presidente da República.

Após a cerimônia, passou-se a visita do edifício, que é descrito na matéria com pormenores, ressaltando o cuidado com a higiene dos espaços – de fácil lavagem e desinfecção. Ressalta que são abundantes no edifício as instalações de água.

No que diz respeito aos aparelhos e utensílios de ortopedia e cirurgia, bem como as camas, ressalta que foram adquiridos nas principais fábricas europeias, afirmando assim a modernidade da instituição recém-inaugurada.

Dentre os presentes, o prefeito do Distrito Federal, Souza Aguiar; Alfredo Pinto, chefe de polícia; Fernandes Figueira – diretor; diversos ministros e irmãos. Dentre os médicos, citamos, o barão de Pedro Afonso, Oswaldo Puissegue, Paulo Parmenas Torte, Juliano Moreira, Nascimento Gurgel, Luiz Barbosa, Moncorvo Filho, Carlos Seidl, entre outros nomes da política e da filantropia da época. O certo é o que vemos presente à inauguração desta instituição toda a primeira geração de pediatras cariocas (Fernandes Figueira, Moncorvo Filho e Luiz Barbosa) – conforme Sanglard e Ferreira apontaram.¹⁸⁰

A outra publicação que deu ampla divulgação para a inauguração da Policlínica foi *O Paiz*. O tom desta matéria, diferente da outra citada, procurou fazer uma espécie de balanço das atividades da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e de seus estabelecimentos. E no que tange a Policlínica buscou encaixá-la na estrutura da Misericórdia.

¹⁷⁹ Jornal do Brasil - Título: Hospital de Crianças – Sem autor - Ano: XIX – Nº:129 - 09/05/1909, p. 06.

¹⁸⁰SANGLARD, Gisele, FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 71-91, janeiro-junho de 2014

O Paiz noticiou a inauguração da Policlínica em 8 de maio de 1909; com uma matéria intitulada *O Hospital de Crianças*, para a qual foi dedicada metade de uma página. Ressalte-se que, como foi dito anteriormente, grande parte da matéria se dedica a exaltar as obras da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

O tom predominante do texto, para além de elogioso, enfatiza a grandeza da Santa Casa e seu papel protagonista no Rio de Janeiro. Na matéria, a ação de José Carlos Rodrigues é definida como a criação “de um jornalista que pôs ao seu serviço o coração e a boca, sem alarde, sem rumor, sem vaidades, com a mesma firmeza de quem cumpre, pelo facto, o mesmo dever social que exercita pela palavra escrita”.¹⁸¹

A matéria evidencia a ampliação do patrimônio da Santa Casa. E para tal constrói uma narrativa pautada na relação dos estabelecimentos que possui. É uma reportagem que analisa a constituição do patrimônio e de como o primeiro *modesto hospital* foi aos poucos sendo modificado com a contribuição dos fiéis que ajudaram a instituição – matéria que acaba por reforçar a tese de Luiz Octávio Coimbra acerca do crescimento patrimonial da Misericórdia.¹⁸²

No que diz respeito à filantropia, a matéria de *O Paiz* a coloca como uma característica das pessoas piedosas, sobre estes afirma que são

indivíduos para quem a solidariedade humana não é apenas uma bela locução literária e que o fazem dos seus bens, da sua influência social do seu trabalho pessoal, do esforço furtado aos interesses particulares a argamassa, a pedra, a trolha e o braço com que erguem, solidificam e ampliam a magnífica construção; beneméritos sem rumor, dadivosos sem alarde, dedicados sem vaidosa atoarda: eis os obreiros do edifício, cuja grandeza, pelo hábito das coisas que se tornam comuns, toda a gente admira sem medir e conhece desconhecendo os seus mais interessantes e sugestivos detalhes.¹⁸³

Este fragmento do texto aproxima os conceitos de caridade e de filantropia, mas em seguida resolve a dúvida posta nas entrelinhas quando exalta as ações e a *utilidade social* que ela representa na vida dos beneméritos.

No capítulo anterior, estabelecemos os limites daquilo que entendemos como caridade e filantropia, em que a segunda apresentaria, exatamente, a característica mencionada a de utilidade social. Que estaria dada, nesse caso pela repercussão social que obra possui.

¹⁸¹O Paiz - Título: O hospital de crianças – Sem autor - Ano: XXV – Nº: 8982 -08/05/1909, p. 02.

¹⁸² COIMBRA, Luiz Octavio. Filantropia e racionalidade empresarial (a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro de 1850 a 1920). Revista Rio de Janeiro: 41-51, 1986.

¹⁸³O Paiz - Título: O hospital de crianças – Sem autor - Ano: XXV – Nº: 8982 -08/05/1909, p. 02.

O alcance das obras da Misericórdia é lembrado, enaltecendo as muitas frentes de trabalho da irmandade. Em que é feita uma revisão da história da Santa Casa, na qual é exaltada a gestão de José Clemente Pereira, gestão essa que contemplada nas análises feitas no capítulo anterior. Enumeram-se todos os estabelecimentos existentes até o período, as mudanças realizadas na gestão de José Clemente Pereira. Mencionam a continuidade dos projetos iniciados por ele, dentre os quais enfatizam a atuação de Zacarias Góes de Vasconcellos, do qual falamos no primeiro capítulo.

Para deixar nítida a modernidade da instituição, são evidenciados os materiais utilizados para a reforma, sendo alguns deles de origem europeia. Constam na reportagem os nomes de profissionais que participaram da obra, figuras que tinham seu trabalho reconhecido na cidade como por exemplo: o estucador J. Salgueiro e Frederico Steckel, que foi responsável pela pintura.

As novas instalações e salas foram construídas respeitando as normas de higiene vigentes à época. É feito todo detalhamento do hospital, informando o número de leitos, as enfermarias e serviços prestados. É mencionado o Hospício Pedro II, no documento, em determinado momento é chamado de *hospício de loucos*, e existe a informação de que a instituição passou a ser controlada pelo poder federal.

No cerne dessa entidade de sucesso é que é agregada a instituição que faltava. Para o jornalista que escreveu a matéria, mesmo a Santa Casa sendo amplamente abastecida de estabelecimentos diversificados não possuía, dentre estes, aquele dedicado aos cuidados corpo da criança a despeito de sua longa tradição em amparar as crianças abandonadas e/ou órfãs. Essa é a lacuna que a Policlínica vem a preencher. Como visto no segundo capítulo desse trabalho, estabelecemos a relação entre a Policlínica das Crianças e o atendimento ao corpo da criança com mais detalhes.

Para reforçar e engrandecer a obra que se estava inaugurando, a matéria de *O Paiz* divulga dados estatísticos referentes aos hospitais da Misericórdia, dos quais cito:

Recolhemos 16.333 aos hospitais; atendemos 258.696 receitas aviadas nos consultórios; socorremos 26.577 necessitados de tratamento especial; amparamos 990 expostos, órfãs e asilados; auxiliamos 457 viúvas com pensões e esmolas; sepultamos 4.264 indigentes.¹⁸⁴

¹⁸⁴O Paiz - Título: O hospital de crianças – Sem autor - Ano: XXV – Nº: 8982 -08/05/1909, p. 02.

A matéria relaciona a construção com uma iniciativa que estaria em consonância com uma das preocupações do momento, que era a assistência às crianças pobres da cidade. Por isso, a motivação para a construção de um hospital com que existia de mais moderno naquele período.

A informação de que o terreno que havia sido doado inicialmente por José Carlos Rodrigues para obra e que este havia sido “remanejado” para a Casa dos Expostos foi divulgada, afirmando que a mudança ocorreu com o consentimento do benfeitor. E posteriormente foi adquirido em um bairro operário mais próximo a pobreza, outro para que a obra pudesse ser realizada. O histórico que é apresentado para a construção é fiel aquela que é descrita no panfleto de inauguração da obra da instituição, detalhando características físicas do prédio e a procedência dos materiais utilizados, reafirmando a modernidade da instituição.

Ressalta que a manutenção da instituição contará com a renda das doações feitas por José Carlos Rodrigues e pelo suíço Alberto Barth, que antes de deixar o Brasil para seu retorno à Suíça, contempla a Policlínica das Crianças com seu gesto de benemerência. Estão detalhadas no texto as mudanças estruturais feitas no Hospital Geral na metade do século anterior, que foram realizadas pelo reconhecido engenheiro e arquiteto Domingos Monteiro, posteriormente finalizadas por seu sucessor José Maria Jacinto Rebello sendo a obra finalizada pelo arquiteto e comendador Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, cada qual promoveu mudanças no projeto inicial.

A matéria se encerra com a informação de que a instituição será dirigida por Fernandes Figueira, que é chamado de pediatra ilustre. Também menciona que a cerimônia contará com a presença do Sr. Presidente da República.

Os serviços foram inaugurados sob a direção do Dr. Fernandes Figueira um médico prestigiado, reconhecido especialista no cuidado das crianças, acompanhado por um grupo de profissionais de distintas especialidades, dentre elas: clínica médica, higiene infantil, exames de mulheres grávidas, dermatologia, otorrinolaringologia, oftalmologia, bacteriologia, hidroterapia, eletricidade, farmácia, médico visitador e odontologia¹⁸⁵. É nessa instância que

¹⁸⁵ Clínica Médica: Dr. Fernandes Figueira; Dra. Ursulina Lopes – assistente; Dr. Aleixo Vasconcellos – assistente; Dr. Alcino Rangel – assistente; Dr. Alvaro Reis – assistente; Dr. Santos Moreira – assistente; Reynaldo Mello – interno; Durval Leal – interno voluntário; Sizenando Freitas – interno voluntário. CL. Cirúrgica: Dr. Álvaro Guimarães ; Dr. Leão de Aquino – assistente; Dr. Dalma Silva – assistente; Tavares Junior – interno; Macedo Soares - interno voluntário ; A. Correa - interno voluntário. Higiene infantil: Dra. Ursulina Lopes; Derval Leal – interno. Exames de mulheres grávidas: Dr. Castro Peixoto; Dr. Lincoln Araújo – assistente; Dr. Daciano Goulart – assistente; Frederico Nabuco – interno. Dermatologia: Dr. Eduardo Rabello; Frederico Nabuco – interno. Otorhima Laryngologia: Dr. João Marinho; Dr. Oswaldo Puissegur – assistente; Plínio Olinto – interno. Ophthalmologia: Dr. Guedes de Mello; Dr. Penedo Burmer – assistente; Plínio Olinto – interno. Bacteriologia: Dr. Gomes Faria; Dr. Gustavo Riédel; Justino Maciel – interno. Hidroterapia: Dr. Gustavo Armbrust; Armando Ramos

podemos observar a maneira de influência de Fernandes Figueira, tendo em vista que algumas personalidades médicas ligadas à Manguinhos fazem parte do corpo médico, o que segundo Gisele Sanglard estreitaria sua relação com o grupo, dos quais a autora ressalta: “Eduardo Rabello, chefe do serviço de Dermatologia; José Gomes de Faria, chefe do serviço de Bacteriologia; João Marino, chefe do serviço de Otorrinolaringologia”, ela lembra que ele já tinha sucesso e era membro da Academia Nacional de Medicina (Sanglard: 2015, 141).

A Policlínica foi aberta ao público no dia 10 de maio de 1909. A matéria do Jornal do Brasil que informa sobre a inauguração menciona o que o corpo médico estará dividido em dois, aqueles que trabalhariam gratuitamente, e outros que seriam remunerados, o que os enfermeiros seriam tantos que não apresentar um número não era algo possível¹⁸⁶.

O primeiro levantamento que consta do funcionamento da Policlínica é o que avalia os serviços prestados até o dia 31 de dezembro do primeiro de atuação, 1909. E já nesse apanhado fica evidenciado sucesso de sua instalação dada à estatística de serviços realizados. No que diz respeito aos aspectos geográficos as localidades mais beneficiadas foram: S. Cristóvão, Estácio de Sá, Rio Comprido, Praia Formosa e Mangue dada à sua proximidade ao hospital.

As informações referentes aos primeiros meses de atuação já explicitam a carência que existia na região deste tipo de atendimento:

abertas as suas portas às crianças pobres a policlínica tem dado 22.774 consultas ou a média de 113.87 por dia, além de ter feito 6.886 curativos cirúrgicos, dermatológicos, odontológicos, etc., o que dá a média de 34.43 por dia. Ajunte-se a isto 210 operações cirúrgicas e 331 extrações dentárias ou mais 2.71 por dia, a 1.564 aplicações de hydrotherapia ou 7.82 por dia, e aí temos o magnífico total de 158.80 crianças atendidas cada dia útil, no termo médio. Só este algarismo demonstra a grande necessidade que havia naquele local deste dispensário exclusivo para crianças[...]¹⁸⁷

Os dados evidenciam a movimentação diária do estabelecimento devem ser acrescidos aos dados anteriores: as matrículas no dispensário que totalizaram até 31 de dezembro de 1909 4.703 doentes, que representa a média de 23,50, por dia. Em que cada um desses doentes esteve no hospital, na média por 6.7 dias durante o período. A farmácia da Policlínica preparou neste

– interno. Eletricidade: Ainda não esta em funcionando. Pharmacia:PH. Sizenando Freitas – interino; Três irmãs; Serventes. Médico Visitador: Dr. Alfredo Sá Pereira. Odontologia: Fco. Assis Figueiredo; 2 Assistentes voluntários. Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1.

¹⁸⁶Jornal do Brasil - Título: Hospital de Crianças – Sem autor - Ano: XIX – Nº:129 - 09/05/1909.

¹⁸⁷ Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1.

período 34.718 receitas, ou seja, 173.55 por dia. Os medicamentos eram oferecidos gratuitamente pela Santa Casa da Misericórdia.

Como complemento ao trabalho feito pela instituição, eram oferecidos às crianças mais pobres, gratuitamente, leite esterilizado com média diária de 74 2/3 litros por dia. Durante o período o serviço de química e bacteriologia realizou 864 exames. No período analisado o médico visitador havia realizado 234 visitas.

O que analisamos evidencia que ainda que a iniciativa do projeto e grande parte do financiamento da Policlínica tenham sido obra de José Carlos Rodrigues as características da gestão da instituição nos fazem acreditar que o perfil de atendimento tenha sido desenvolvido pelo Dr. Fernandes Figueira, e é por esse motivo que uma breve apreciação da sua biografia será feita.

3.3 Fernandes Figueira - Breve apreciação biográfica.

Figura 17: Fernandes Figueira



<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/antoniofernandes.htm>

Foi no Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1863 que nasceu Antonio Fernandes Figueira, que como José Carlos Rodrigues estudou no Imperial Colégio Pedro II. Contudo não estudaram no mesmo período dada à diferença de 20 anos de idade entre eles. Quando concluiu os estudos no Colégio, no ano de 1880, ele passou a integrar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual encerrou seus estudos no ano de 1887¹⁸⁸.

¹⁸⁸ SANGULARD, op. cit., 2015, p. 139.

Passa a atuar no estado de Minas Gerais e é lá que escreve suas obras médicas¹⁸⁹. E apenas depois do sucesso de sua obra que ele volta para o Rio de Janeiro. Indicado por Oswaldo Cruz se torna chefe da enfermagem das crianças do Hospital São Sebastião.

Foi eleito para Academia Nacional de Medicina em 1903, da qual anos depois chegaria a ser presidente. O trabalho de Fernandes Figueira em prol da infância é reconhecido, seu combate à mortalidade infantil e a defesa no que tange o aleitamento materno¹⁹⁰.

No ano de 1909 ele assume a Policlínica das Crianças a convite de José Carlos Rodrigues na qual permanece vinculado até assumir a direção da Inspetoria de Higiene Infantil (IHI), em 1923, vinculada ao Departamento Nacional de Saúde Pública. Também teve seu nome ligado à criação do Hospital Abrigo Arthur Bernardes, em 1924 – uma das realizações da IHI. Ressalte-se que atualmente o Hospital Abrigo é o Instituto Fernandes Figueira, da Fiocruz.

A historiadora Gisele Sanglard, em artigo publicado em 2014 na revista *Intellèctus* faz uma análise da biografia de Fernandes Figueira, ela sinaliza logo no início do texto as dificuldades em reunir informações sobre ele, o que representa um problema para reconstituir sua trajetória. Aponta para publicações médicas e leigas como fontes para reconstituição da trajetória de vida de Fernandes Figueira, bem como informações fornecidas por seus colegas de profissão, que em seus relatos deram conta de querelas profissionais existentes nesse período. Outro referencial apresentado pela autora como base para revisitar sua trajetória foi a conferência feita por Solidônio Leite no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), após a morte de Fernandes Figueira, no ano de 1928¹⁹¹.

A autora frisa que é Fernandes Figueira que deixa evidenciado por quais aspectos ele gostaria de ser lembrado¹⁹². Evidencia que o primeiro ponto que deve ser lembrado é o fato de que ele era funcionário público, um homem público, Sanglard relaciona mais tópicos que Fernandes Figueira ressaltou:

Outros pontos dignos de serem lembrados, referidos por ele, são: seu trabalho junto a Juliano Moreira, no pavilhão Bourneville do Hospício Nacional de Alienados; e a direção da IHI. A Policlínica das Crianças da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro (SCMRJ) mereceu apenas um breve

¹⁸⁹ Sendo elas: *Diagnóstico das moléstias do coração das crianças*, 1895; *Semiologia infantil*, 1902. (Sanglard: 2015:139)

¹⁹⁰ *Idem*, p.139.

¹⁹¹ SANGLARD, Gisele. *Fernandes Figueira: ciência e infância –Rio de Janeiro, 1900-1928. Intellèctus, ano XIII, n. 2, 2014, p. 79-102.*

¹⁹² “Abreu Fialho oferece uma homenagem a ele, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro” *Idem*, p.82.

comentário (ATUAÇÃO, 1924). É na verdade sua feição de homem público que merece ser referenciada por ele¹⁹³.

Pela perspectiva da biografia de Fernandes Figueira, a Policlínica é coadjuvante na trajetória de vida do médico.

É como funcionário público que ele prioriza a construção da sua memória. Possivelmente, surtiu efeito porque os relatos dos companheiros da época fazem jus à perspectiva do homem público. Ele mesmo relaciona, segundo Sanglard nomes de importantes personalidades para sua trajetória “E dentre as personagens importantes para a sua trajetória ele cita, além de Oswaldo Cruz, Carlos Seidl e Juliano Moreira, Carlos Chagas, Eduardo Rabello, Plácido Barbosa, Leitão da Cunha, Alberto Cunha e João Albuquerque”¹⁹⁴. A autora chama a atenção para o ponto de convergência entre eles, a atuação na saúde pública da Primeira República.¹⁹⁵

Os necrológios publicados sobre ele fazem menção a sua atuação no Brasil e no exterior a sua obra médica e a sua obra literária¹⁹⁶.

Gisele Sanglard chama atenção que diferentemente do discurso que Fernandes Figueira constrói sobre si mesmo, os jornais reforçam a ideia que teria sido a reputação de Fernandes Figueira que teria possibilitado sua indicação à José Carlos Rodrigues feita por Victor Hutinel, que era diretor do *Hôpital des Enfants Malades de Paris*, para a direção da Policlínica¹⁹⁷.

O sucesso profissional é nomeado pelos colegas da época, que não omitiram os embates enfrentados por ele no que cabe aos colegas profissionais e às disputas. Com uma biografia cercada de referência à possíveis injustiças, ou mesmo de desaprovação à sua personalidade, ainda que tenha sido bem-sucedido enfrentou conflitos nas instituições.¹⁹⁸

Outra referência utilizada para o desenvolvimento da apreciação biográfica de Fernandes Figueira é o registro da conferência realizada por Solidônio Leite após a sua morte, que aconteceu no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), que está inserida em uma

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ SANGLARD, Gisele. *Fernandes Figueira: ciência e infância –Rio de Janeiro, 1900-1928*. Intellèctus, ano XIII, n. 2, 2014, p. 82.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Ele publicou por diversos anos poesias na revista A Semana, sob o pseudônimo de Alcides Flávio. Idem.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ SANGLARD, Gisele & FERREIRA, Luiz Otávio (2014). Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). *Estudos Históricos*. Rio Janeiro, vol. 27, n. 53, pp.71-91, jun.

espécie de tradição do instituto¹⁹⁹, no primeiro capítulo do trabalho utilizamos uma conferência semelhante realizada por Elmano Cardim, na época do falecimento de José Carlos Rodrigues.

A conferência feita por Solidônio nos ajuda a compreender a imagem que foi construída com a ajuda do próprio Fernandes Figueira, a divisão feita pelo conferencista ajuda a agregar valor.²⁰⁰

Solidônio dividiu a conferência em cinco partes. Na primeira parte ele faz a apresentação de Fernandes Figueira, em seguida passa para a atuação como médico em instituições “médico do Hospício Nacional de Alienados (HNA), diretor da Policlínica das Crianças e do Hospital São Sebastião”²⁰¹

A primeira parte é encerrada com a volta de Fernandes Figueira ao Rio de Janeiro, em 1900. A segunda parte marca o estabelecimento da carreira de Fernandes Figueira no mundo da pediatria. Exalta o relacionamento dele com Oswaldo Cruz, e sua participação no 1º Congresso Nacional da Assistência Pública e Privada²⁰². Trata também da sua atuação na Policlínica das Crianças e de seu papel na Inspetoria da Higiene Infantil (IHI) e no HNA, nesta última instituição trabalhou com Juliano Moreira.

É na terceira parte que ele vai explicitar o trabalho que foi feito por Fernandes Figueira na Policlínica em que a mesma teria ocupado um papel muito representativo na esfera formadora, no que tange o espaço para a prática da pediatria. É salutar acrescentar que é nessa parte que são mencionados seus trabalhos com o Juizado de Menores, que representam a sua atuação no campo da assistência à infância no Rio de Janeiro.

Na penúltima parte exalta a produção literária que foi desenvolvida por ele. Pela qual é comparado à grandes nomes da época “homens como Olavo Bilac, João Ribeiro, Lúcio de Mendonça, Raul de Pompéia, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto e outros”²⁰³.

A parte final entrelaça, de acordo com Sanglard, os aspectos que foram desenrolados na conferência em que a autora acredita que “o homem que Solidônio construiu cuidadosamente ao longo de 60 páginas é descrito como irreduzível, no que tange a ciência, e um grande coração, sobretudo no que tange as crianças”²⁰⁴.

¹⁹⁹ Estando a biografia inserida em um contexto que elabora a história nacional. SANGLARD, Gisele. *Fernandes Figueira: ciência e infância –Rio de Janeiro, 1900-1928*. Intellèctus, ano XIII, n. 2, 2014, p. 83.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Idem, p.84.

²⁰² Evento que aconteceu em 1908, em comemoração ao centenário da abertura dos portos.

²⁰³ SANGLARD, Gisele. *Fernandes Figueira: ciência e infância –Rio de Janeiro, 1900-1928*. Intellèctus, ano XIII, n. 2, 2014, p. 84.

²⁰⁴ Idem, p.85.

Fernandes Figueira articulou durante a sua vida com muito talento a rede de contatos que desenvolveu, Sanglard reforça essa perspectiva, evidenciando que essa característica se opõe ao que foi dito por aqueles que falaram dele. Seu prestígio lhe rendeu além de publicações repercussão internacional do seu trabalho²⁰⁵.

A verificação da atuação de Fernandes Figueira na assistência à infância o aproximamos, sistematicamente, do papel que ele ocupou na Policlínica das Crianças.

Um dos temas que foi questão para Figueira foi a mortalidade infantil. Problema este que estava relacionado às condições de vida das crianças e de sua família, ainda muito latentes neste período, início da Primeira República. O que faz com que seja visto como uma preocupação do poder público. Em que os pobres passam a serem tidos como perigosos²⁰⁶.

Neste cenário as práticas filantrópicas ganham contornos relativos aquelas sociedades que se preocupam, e a mortalidade infantil fica em destaque, e para solucionar os problemas

Foram inúmeras as instituições voltadas para resolver o “problema da infância” – tanto a delinquência quanto a mortalidade são consideradas preocupantes para o futuro da nação que se queria construir. Dentre as principais instituições voltadas para este grupo citamos: o Ipai (1899), criado por Moncorvo Filho; a Policlínica de Botafogo (1899), criada por Luiz Barbosa; a Policlínica das Crianças (1909) e o Hospital São Zaccharias (1914), ambos da Misericórdia carioca.²⁰⁷

É notória a preocupação de Fernandes Figueira com a ação do poder público. Contudo, Sanglard ressalta a atuação de Figueira como diretor da Policlínica das Crianças, que era fruto da obra filantrópica que estudamos nesse trabalho, que era estabelecimento da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, que tem suas características definidas pela autora como:

Suas características principais podem ser descritas como: a forte vinculação com o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) – percebida através da análise do grupo de médicos, muitos egressos dos cursos de Aplicação do IOC — lócus por excelência da formação de microbiologistas, pasteurianos no Brasil desde 1903 —, reforçando a ligação do próprio Fernandes Figueira com o instituto e suas principais lideranças: Oswaldo Cruz e Carlos Chagas.²⁰⁸

²⁰⁵ Idem, p.92.

²⁰⁶ CHALHOUB, Sidney (1996). *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras.

²⁰⁷ SANGLARD, Gisele. *Fernandes Figueira: ciência e infância –Rio de Janeiro, 1900-1928*. Intellèctus, ano XIII, n. 2, 2014, p. 94.

²⁰⁸ Idem, p. 95.

Fica marcada na citação que essas características estão intimamente relacionadas a proposta de Fernandes Figueira. Anteriormente mencionamos a Policlínica como o espaço para a prática da pediatria. Função que passaria a dividir com a partir de 1904²⁰⁹.

Foi na Policlínica das Crianças que a Sociedade Brasileira de Pediatria tinha suas reuniões, sob o comando de Fernandes Figueira, que aproximou a instituição do IHI.

A Policlínica foi o local em que ele conseguiu colocar suas ideias em prática:

Fernandes Figueira conseguiu colocar em prática algumas de suas ideias, sobretudo no que tange ao papel central do médico no atendimento às crianças, tanto na instituição quanto nas visitas domiciliares. Nas instituições filantrópicas, como o Ipaí, tal serviço era desenvolvido por damas de caridade, prática condenada por esse médico. Todavia, por se tratar de uma instituição filantrópica e voltada para a classe operária, a distribuição do leite, prescrição de mingaus e farinhas eram práticas constantes, mas, ao menos no discurso, sempre vinculadas ao acompanhamento médico, o que seu diretor gostava de frisar em suas consultas. Ao se voltar para esse público específico, a Policlínica de Crianças se tornava um *mal necessário*[...] ²¹⁰

É na Policlínica das Crianças que Fernandes Figueira chega mais perto de concretizar as teses, e ainda que elas não pudessem acontecer exatamente como ele havia imaginado, elas aconteceram como foi possível naquela realidade vivenciada por ele.

Foi nessa instituição que ele pode combater a mortalidade infantil e incentivar a prática do aleitamento, da qual ele era grande entusiasta e incentivador. E foi nas instituições de caridade em que trabalhou que suas teses foram colocadas em prática, na medida em que sua preocupação estava centrada nas crianças seus interesses se encaixavam perfeitamente naquilo que o estabelecimento representava na engrenagem montada pela Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, como foi evidenciado no capítulo anterior, em que a atenção da Policlínica estava voltada para os cuidados com o corpo da criança.

Sua trajetória é importante para entendermos a administração feita por ele na Policlínica, bem como das práticas que foram desenvolvidas no estabelecimento que era dedicado ao atendimento das crianças, que deu espaço para que distintas prática e instituições fizessem uso.

²⁰⁹ Hospital criado pela Misericórdia em 1914, também para atender as crianças, mas com um público diferente, as crianças da Zona Sul, a Policlínica atendia as crianças da Zona Norte. Idem.

²¹⁰ SANGLARD, Gisele. *Filantropia e política pública: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro na Primeira República*. Filantropos da Nação. Editora FGV, 2015. P.146.

3.4 - Conjugação de ideias

Existe um fio condutor que movimenta os pilares analisados pelo trabalho, que pode ser observado através desses encontros. O encontro entre José Carlos Rodrigues e sua ação benemérita e consequente legitimação social, na preocupação com os cuidados com o corpo da criança por parte da Santa Casa da Misericórdia e na aplicação das ideias de Fernandes Figueiras, todas essas vertentes convergiram na Policlínica das Crianças, e de alguma forma ela representou a concretização de projetos de todas essas figuras, resguardadas às referidas proporções.

Seguirei a ordem de análise feita pelo trabalho desde seu início. O benfeitor José Carlos Rodrigues saiu do Brasil por razões que especulamos tenham sido policiais, do cidadão que deixa o país para evitar problemas com a justiça, ou financeiras, do jovem que viu naquele momento a oportunidade de construir patrimônio e estruturar sua carreira no exterior. Qualquer que seja o motivo não modifica a realidade da Policlínica, que tem um benemérito brasileiro, que depois de muito tempo fora do país retorna e decide empreender uma obra filantrópica que além das intenções caridosas estava, possivelmente, atrelada à um processo de legitimação social.

A Santa Casa da Misericórdia encontrava na ação de José Carlos Rodrigues a possibilidade de ter o número dos seus estabelecimentos ampliado, e paralelamente, daria conta dos cuidados com o corpo da criança, espaço este que não existia na Santa Casa antes dessa obra. Espaço esse que eram muito escassos na sociedade, como foi anteriormente mencionado.

Fernandes Figueira encontrou na Policlínica das Crianças o local para colocar seus ideias em prática, ainda que não exatamente como havia idealizado, mas era como era possível de ser realizado no período. Para combater a mortalidade infantil era capaz até de aceitar que a alimentação da criança não fosse exclusivamente o leite- materno, mas tudo isso desde que fosse acompanhado por médico (Sanglard: 2015:147).

Em síntese a instituição foi criada pelo ideal de um benfeitor e organizada pelos ideias de um especialista. A criação do estabelecimento ficou por conta de José Carlos Rodrigues, bem como seu projeto. Contudo, a organização e funcionamento ficaram a cargo do médico Fernandes Figueira. Com seu prestígio social fez do espaço da Policlínica das Crianças um espaço de encontro para muitos médicos do período.

Considerações Finais

Em 1921, quando faziam 12 anos de funcionamento da Policlínica das Crianças, o corpo médico, com o apoio da Irmandade da Misericórdia, decidiu homenagear seu diretor, o médico Fernandes Figueira. A motivação do evento foi o fato a instituição ter conseguido a marca de cem mil crianças matriculadas ao longo destes anos. A homenagem teve como ponto alto a inauguração de um busto do médico. Estiveram presentes Miguel de Carvalho, então provedor da Misericórdia carioca e o irmão e filantropo José Carlos Rodrigues; além de médicos e internos da instituição e diversas outras pessoas. A matéria ressalta ainda a grande presença de “senhoras e senhoritas” público para quem Fernandes Figueira dedicou um de seus livros – *O livro das mães*.²¹¹

O cerimonial do evento festivo contou com uma missa de ação de graças e uma apresentação da banda de música da Casa dos Expostos. Dentre as alocuções ressaltamos aquela proferida pelo médico João Marinho que ressaltou os esforços do homenageado em dar à Policlínica das Crianças, além de uma obra humanitária, “um cunho científico, criando uma proveitosa escola de pediatria”; e aquela feita por José Carlos Rodrigues. Este, ao fazer uso da palavra, declarou-se “satisfeito por ver que seus intuitos foram plenamente satisfeitos com a orientação dada ao estabelecimento pelo professor Fernandes Figueira” e finalizou lembrando que o nome do homenageado lhe fora indicado pelo professor Hutinel, diretor do *Hôpital des Enfants Malades* de Paris²¹².

Com esta matéria, encerramos este trabalho ao permitir-nos reunir os três pontos principais que discutimos ao longo desta dissertação: a filantropia exercida por José Carlos Rodrigues, o cuidado com o corpo da criança inserindo-a no rol de ações da Misericórdia carioca, e sua materialização nas ações da Policlínica das Crianças.

A parte inicial desse trabalho procurou entender quais elementos fundamentaram as características a ação de José Carlos Rodrigues, e encontramos em seu espaço de experiência a fundamentação da sua ação, bem como as características que possibilitaram que ela acontecesse. Não fossem seus laços parentais que lhes garantiram sua educação privilegiada e sua consequente colocação no seio da elite da qual era parte, e o fato das preocupações com a

²¹¹ Sobre este livro, cf. Sanglard, 2015.

²¹² Na Policlínica das Crianças – o sr. professor Fernandes Figueira foi alvo de uma manifestação – cem mil crianças matriculadas em 12 anos. *Jornal do Brasil*, Ano: XXXI, Nº: 264, 02/10/1921, p. 9.

infância desvalida estar latente no período no qual ele se encontra no auge de sua carreira empresarial. Sem este conjunto de situações que permitiram que ele atuasse como filantropo, e sem suas motivações pessoais, sua ação benemerita poderia não ter tido o êxito encontrado ou mesmo ter sido direcionada para outro público.

Sua rede pessoal de contatos o retirou do país no momento em que precisou, ainda jovem, quando passou pelo já mencionado *imbróglio*, e Zacarias de Gois e Vasconcelos, para o qual havia trabalhado o ajudou a sair do Brasil e ir para os Estados Unidos da América. Tem uma carreira de sucesso como correspondente, atua distintas vezes como representante do governo brasileiro no exterior, amplia sua rede de influência, após esse episódio com capital internacional. E que quando retorna ao Brasil, o faz com uma trajetória de sucesso na bagagem, se posiciona nos círculos mais exclusivos da elite, e o faz meteoricamente, e deixa seu nome em diversas instituições da elite. O homem que estamos, foi classificado por nós como um *reformador social*, tendo em vista que pensava além da perspectiva do pobre, isoladamente, pensava no pobre trabalhador que não era capaz de sanar todas as suas necessidades e de sua família.

Na parte seguinte tratamos da relação entre a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro da sua ação nos cuidados com as crianças, especificamente, nos cuidados com o corpo da criança, que era o momento inaugural para tal preocupação na instituição, mas que estava inserida nas discussões daquele momento. Em que a ideologia da higiene estava latente nas discussões sociais do período. Analisamos as instituições da Misericórdia e contemplamos nesses trabalhos os estabelecimentos que a irmandade entendia como precedentes da Policlínica. A Policlínica das Crianças, marcou para a Misericórdia carioca o primeiro espaço dedicado aos cuidados com o corpo das crianças, outras viriam depois.

A parte final do trabalho é a concretização da obra de benemerência de nossa personagem: através de sua construção e do funcionamento da instituição. É também a manifestação dos dois eixos iniciais desse trabalho. Podemos analisar a filantropia que foi realizada por José Carlos Rodrigues sua habilidade em utilizar sua rede de contatos para tornar realidade seu projeto benemerito. A maneira como ele organiza a construção da obra e posteriormente, como ele estrutura o funcionamento da instituição vão de encontro as concepções iniciais do trabalho. Quando ele aconselhado coloca no controle da instituição o médico Fernandes Figueira, ele dá legitimidade à gestão do seu projeto ao colocar, em primeiro plano, um reconhecido pediatra e puericultor que se preocupa com os cuidados com o corpo da criança.

Logo estudar a Policlínica das Crianças ao longo dessa dissertação possibilitou uma dupla análise, que por um lado desenvolveu uma análise da filantropia realizada por um cidadão específico, e por outro permitiu que investigássemos o momento em que Santa Casa da Misericórdia entendeu o corpo da criança como uma preocupação legítima e faz dela um dos seus pontos de atenção. Com o tempo outras instituições foram criadas na cidade e a própria Santa Casa criou outra o Hospital São Zacharias, e provavelmente, para conter as despesas, as atividades foram concentradas no último hospital e a Policlínica das Crianças funcionou até a década de 1940.

Bibliografia e Fontes:

Fontes:

Arquivo Nacional:

- Acervo da Junta Comercial

Ano: 1878 - Liv. 84 Reg.19367 G.6.

Ano: 1879 – Liv. 91 Reg.20091 G6.

Ano: 1881 – Liv. 125 Reg.23451-3.

Ano: 1895 - Liv.302 Reg.41.129 g5.

Ano: 1898- Liv.348 Reg.45797.

Ano: 1899 - Liv.32 Reg.7583.

Ano: 1901 – Liv. 38 Reg. 9526.

Ano: 1901 - Liv. 40 Reg.9927 g2.

Ano: 1902 – Liv. 41 Reg.10483.

Ano: 1902- Liv. 41 Reg.10299.

Ano: 1902 - Liv. 426 Reg.53587.

Ano: 1903 - Liv. 44 Reg.11245.

Ano: 1903 – Liv. 46 Reg.11739.

Ano: 1903 - Liv. 46 Reg.11771.

Ano: 1903 – Liv. 417 Reg. 52645.

Ano: 1903 - Liv. 425 Reg.53426.

Ano: 1903 - Liv. 425 Reg.53463 s2.

Ano: 1904- Liv. 46 Reg.11956.

Ano: 1904 - Liv.434 Reg.5439 s2.

Ano: 1904 - Liv. 428 Reg.53779 s2.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

- **Coleção José Carlos Rodrigues:**

Notação: 585-1.

Notação: DL 584-20.

Notação: DL58460.

Notação: Lata 584 Pasta 13.

Notação: 584 Pasta 3.

Notação: DL 58526.

Notação: 585 Pasta 27.

Notação: 585 Pasta 22.

Notação: DL 584 20.

Notação: 584 63.

- **Coleção Rodrigues Alves:**

Notação: 1113 92.

Notação: 1113 78.

- **Coleção Afonso Celso:**

Notação: 43027

Notação: Docs. Arm 1 Gav.4 nº5

Fundação Biblioteca Nacional – Divisão de Manuscritos

Correspondência passiva de José Carlos Rodrigues. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_090_1970.pdf

Outras fontes:

CARDIM, Elmano. “José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra.” *RIHGB*, Rio de Janeiro, (185): 126-157, out./dez., 1944.

CARVALHO, Miguel J. R. de. *Exposição Nacional de 1908. Notícias dos Estabelecimentos mantidos pela Santa Casa da Misericórdia da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Typ. Do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & C. 1908.

Dr. José Carlos Rodrigues. *A Noite*, Ano: XIII, Nº: 4.159, 28/06/1923, p. 03.

Dr. José Carlos Rodrigues. *O Paiz*, Ano: XXXIX, Nº: 14.131, 29/06/1923

O empréstimo provincial. *Correio Paulistano*, Ano:XXXIV, Nº:9578, 05/08/1888, p. 01.

GAULD, Charles Anderson. “José Carlos Rodrigues: o patriarca da imprensa, carioca”. In: *Revista de História*, [s.d]; p. 427-438. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/35784/38500>. Acessado em 17 de outubro de 2014.

FREITAS, B. “Hospital de Crianças” IN: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, ano. 83, n. 127, 08 de Maio de 1909.

[Informes]. *Gazeta de Notícias*, Ano: VII, Nº:72, 14/03/1881, p. 1.

[Informes]. *Gazeta de Notícias*,Ano: XIII, Nº:266- 23/09/1887, p. 03.

[Informes]. *Gazeta de notícias*, Ano: XVII, Nº: 257, 14/09/1892, p.1.

[Informes]. *Gazeta de notícias*, Ano: XVII, Nº: 266, 23/09/1892, p.3

[Informes]. *Gazeta de notícias*, Ano: XVII, Nº: 268, 25/09/1892, p. 1.

[Informes]. *O Paiz*, Ano: IV, Nº:1073, 13/09/1887, p.1.

Hospital de Crianças. *Jornal do Brasil*, Ano: XIX – Nº:129, 09/05/1909, p. 06.

Morte dum Brasileiro. *Jornal do Comercio*. Ano: XX, Nº: 6.867, 29/06/1923, p. 03.

Na Policlínica das Crianças – o sr. professor Fernandes Figueira foi alvo de uma manifestação – cem mil crianças matriculadas em 12 anos. *Jornal do Brasil*, Ano: XXXI, Nº:264, 02/10/1921, p. 09.

Noticiário. *O Paiz*, Ano: IV, Nº: 943, 06/05/1887, p. 01.

RODRIGUES, José Carlos. *Academia. O Gentio*, Ano: 1, Nº: 1, p. 03 e 04.

RODRIGUES, José Carlos. *O’Connell. O Gentio*, Ano:1, Nº 2, p. 06.

Santa Casa da Misericórdia. *Jornal do Brasil*. Ano: I, Nº 90, 07/07/1891, p. 01.

TEIXEIRA, Mucio. Mucio Teixeira e o redator chefe do *Jornal do Commercio*. *Gazeta de Notícias*, Ano:XVII, Nº: 90, 08/04/1891, p. 03.

Telegramas. *Gazeta de Notícias*, Ano: XV, Nº: 54, 23/02/1889, p. 02.

O hospital de crianças. O Paiz, Ano: XXV, Nº: 8982, 08/05/1909, p. 02.
The Times - Londres, 03/07/1923.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, Laurinda. *Memória da alma e do corpo: a Misericórdia de Setúbal na modernidade*. Setúbal: Palimage; 1999.
- _____. *Igreja, caridade e assistência na península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*. Évora: Edições Colibri/CIDEHUS-Universidade de Évora; 2004.
- _____. Limites e fronteiras das políticas assistenciais entre os séculos XVI e XVIII continuidades e alteridades. *Varia História*, Belo Horizonte, vol.26, nº44: p. 347-371, jul/dez 2010.
- ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro IPLANRIO, 1997.
- ADORNO, Sérgio. *Os Aprendizes do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz & Terra, 2002.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo. *Os regimentos quinhentistas dos hospitais de Arraiolos e Portel*. Repositorium Universidade do Minho, 2001.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman Tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I* Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 1.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.
- CAVALLO, Sandra. *Charity, power and patronage in eighteenth-century Italian hospitals: the case of Turin*. In: GRANSHAW, Lindsay; PORTER, Roy. *The Hospital in History*. Routledge London and New York, 1989.
- CAVALLO, S. *Charity and Power in Early Modern Italy: benefactors and their motives in Turin, 1541-1789*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHALOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. SP: Editora da Unicamp, 2001.
- CHARTIER, Roger. "A visão do historiador modernista" IN: FERREIRA, Marieta de Moraes et AMADO, Janaina (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 5ª ed.; 2002.
- COIMBRA, Luiz Octavio. *Filantropia e racionalidade empresarial (a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro de 1850 a 1920)*. *Revista Rio de Janeiro*: 41-51, 1986.
- ABREU, Alzira Alves de et PAULA, Cristiane Jalles de (coords). *Dicionário da política republicana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Cpdoc, 2014.
- DUPRAT, C. *Usage et Pratiques de La Philantropie: pauvreté, action sociale et lien social à Paris, au cours du premier XIX siècle*. Paris: Comité d'Historie de la Sécurité Sociale, 1996. V. 1,2.

FARIA, Maria Dulce. “O acervo cartográfico da Coleção Benedito Ottoni na Biblioteca Nacional” IN: *Anais do 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia – o Agendas para a História da Cartografia Iberoamericana*; São Paulo, abril de 2010. Disponível em: <http://3siahc.files.wordpress.com/2010/04/colecao-benedito-ottoni-texto-oficial2.pdf>. Acessado em 11 de outubro de 2014.

FAZENDA, José Vieira. Os provedores da Santa Casa da Misericórdia. 1959

FRANCO, Renato. A Piedade dos outros: o abandono de recém-nascidos em uma vila colonial do século XVIII. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FRANCO, Renato. O modelo luso de assistência e a dinâmica das Santa Casas de Misericórdia na América Portuguesa. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol.27, nº53, p.5-25, janeiro- junho 2014.

FRANCO, Renato. O Privilégio da Caridade: comerciantes na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (1750-1822) In: *Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal – Gisele Sanglard...[et al.]*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

FREIRE, Maria Martha de Luna; LEONY, Vinícius da Silva. A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930) *História, Ciência e Saúde- Manguinhos*. Dez 2011.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. São Paulo: Global Editora, 6ª ed.rev., 2004.

GANDELMAN, Luciana Mendes. A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *História, Ciência e Saúde*. 613-30, set. dez. 2001. ilus

GOMES, Ângela de Castro. *A República, a história, o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. “Rascunhos de história imediata: de monarquistas e republicanos em um triângulo de cartas”. In: SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.) *Memórias e Narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

GONÇALVES, Ana Paula C. *A reforma Pereira Passos e a formação da Modernidade Brasileira*. VI ENEDS – Campinas, SP, Brasil, 17 e 18 de Setembro de 2009.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. *Expostos à misericórdia: um estudo sobre o abandono de crianças no Rio de Janeiro (século XVIII e XIX)*. Dissertação de mestrado, IUPERJ. 1989, p. 67.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 26 edição, 2008.

HORNE, Janet R. *A social laboratory for modern France*. Duke Universty Press, 2001.

JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. “Possibilidades e desafios na escrita de uma história de vida: a construção da biografia histórica de José Carlos Rodrigues (1867-1923).” IN: OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga; MOLLO, Helena Miranda; et BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro (orgs). *Caderno de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011. Disponível em: <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2011/paper/viewFile/656/364>, acessado em 17 de outubro de 2014.

JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. “Fragmentações em uma história de vida: esquadrinhando os rastros do jornalista José Carlos Rodrigues (1844-1923)” IN: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013*. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370963018_ARQUIVO_TEXTO-ANPUH2013-JULIARIBEIROJUNQUEIRA.pdf, acessado em 15 de outubro de 2014.

JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. *José Carlos Rodrigues: um interlocutor privilegiado nos bastidores do poder (1867-1915)*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: tese de doutoramento em História, 2015.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. Record, 1999.

LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia” IN: FERREIRA, Marieta de Moraes et AMADO, Janaina (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 5ª. ed.; 2002.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. *História do Rio Janeiro: do capital comercial ao capital financeiro*. Rio de Janeiro; IBEMEC; 1978.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Org.: REVEL, Jacques. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História Social da Criança abandonada*. Editora Hucitec, 2ªed., São Paulo, 2006.

MATTOS, Ilmar R. de. *O Tempo saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro, na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. “Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX” IN: FERREIRA, Jorge et DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano – o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira; 2ª ed.; 2006, p. 13-44.

OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga; MOLLO, Helena Miranda; et BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro (orgs). *Caderno de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do IHGB (1839-1850). *História (São Paulo)*, v. 26, p. 154-178, 2007.

PAIVA, Ataulpho de. *Justiça e Assistência*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio; 1916.

PIMENTA, T. S. *Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos*. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. 11 (suplemento 1): 67-92, 2004.

PIMENTA, Tânia Salgado. DELAMARQUE, Elizabete Viana. O estado da Misericórdia: assistência à saúde no Rio de Janeiro, século XIX. In: *Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal – Gisele Sanglard...[et al.]*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

PORTO, Ângela et al. *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; 2008.

RANGEL, Rosângela Faria. *Assistência no Rio de Janeiro: elite, filantropia e poder na Primeira República*. Tese de doutorado – PUC-RJ, 2013.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas/ João do Rio; organização Raúl Antelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SÁ, I. dos Guimarães. As crianças e as idades da vida. IN: MATTOSO, J. (Dir.). *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Círculo dos leitores e Temas e Debates, 2011. v.3: A idade moderna; p.71-96.

SÁ, Isabel dos Guimarães. *As Misericórdias Portuguesas, séculos XVI a XVIII / Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013*.

SANDRONI, Cícero. *180 anos do Jornal do Commercio – 1827-2007: de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva*. Rio de Janeiro: Quorum Editora, 2007.

SANGLARD, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro – 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

SANGLARD, Gisele. “A Primeira República e a constituição de uma rede hospitalar no Rio de Janeiro” In: PORTO, A. ET AL. *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico – Rio de Janeiro (1808 -1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

- SANGLARD, Gisele, FERREIRA, Luiz Otávio. *Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República*. In: VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, vol.26, nº44: p.437-459, jul/dez 2010.
- SANGLARD, Gisele, FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 71-91, janeiro-junho de 2014.
- SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância - Rio de Janeiro, 1900-1928. IN: *Intellêctus*, ano XIII, n. 2, 2014, p. 79-102.
- SANGLARD, G., GIL, C.. Assistência à Infância Filantropia e Combate à Mortalidade Infantil no Rio de Janeiro (1889-1929). **Revista da ABPN**, América do Norte, 6, out. 2014. Disponível em:
[HTTP://WWW.ABPN.ORG.BR/REVISTA/INDEX.PHP/EDICOES/ARTICLE/VIEW/491](http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/491).
Acesso em: 16 fevereiro. 2015.
- SANGLARD, Gisele. Filantropia e política pública: Fernandes Figueira e assistência à infância no Rio de Janeiro na Primeira República. In: *Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras; 2ª. ed.; 2003.
- SILVA, Renta Prudêncio da et VENANCIO, Ana Teresa. Fernandes Figueira: ciência e assistência médico-psiquiátrico para a infância no início do século XX. In: *Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal – Gisele Sanglard...[et al.]*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- STONE, Lawrence. *The past and the present revisited*. Londres/New York: Routledge; 1987.
- VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880)*. In: *Topoi*, v.9,n.16, jan.-jun. 2008, p.117-136.
- VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Pobreza e assistência no Rio de Janeiro na Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol.18, supl.1, dez 2011, 179-197.